



Revolução dos médicos



Destaque PÁGINA 16-17

www.verdade.co.mz

MURAL DO PVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROIBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO PVO - DISCRIMINAÇÃO AO TRABALHADOR

A Lei nº 1/79, de 11 de Janeiro, discrimina o trabalhador subalterno. Senão vejamos: - Quando um PCA que ordena ao seu subordinado a pagar despesas pessoais com fundos do Orçamento do Estado, o máximo que lhe pode acontecer é ser condenado a "2 anitos" de prisão. Mas, se o mesmo acontecer com o trabalhador inferior (seu subordinado) a pena que pode advir é sempre maior em relação ao seu superior hierárquico. É uma pouca-vergonha

MURAL DO PVO - EMPRESAS DE SEGURANÇA

As empresas de segurança não pagam 13º porquê? Será que não têm lucros?

Ministério do Trabalho, socorro!!!

MURAL DO PVO - ANTIGOS COMBATENTES

Gostaria de saber em que guerra combateu a filha do Guebuza para esta constar como combatente e usufruir do estatuto de combatente.

MURAL DO PVO - POLÍCIA

Na polícia existem postos fixos em que se faz 24/24 desde Setembro enquanto não são da FAPAI desde 2005. Exemplo: CNE/STAE

MURAL DO PVO - ENCURTAMENTO DE ROTAS

Felicitações aos fazedores de transportes semicolectivo privado de passageiros

ros por acatar ao seu patrono (Policia Camarária) por comprimir o encurtamento de rotas a 80% após o aumento da tarifa. Afinal é possível estancar este mal quando os subordinados do Simango querem trabalhar?

MURAL DO PVO - ASUMO

O Presidente da ASUMO, Agostinho Neto, nunca ajuda o desenvolvimento dos surdos em Moçambique. Agostinho gosta de não gostar dos surdos em especial. Ele trabalha na ASUMO desde 2004, faz já 9 anos, mas ele não sabe trabalhar bem, ele não é surdo.

MURAL DO PVO - MUDANÇA DE CARREIRA

O Conselho de Ministro do dia 4/12/12

decidiu que deve haver mudança de carreira para todos estudantes que têm o regime de bacharel e entraram no ensino superior em 2009. A ministra da Função Pública, em 2010, disse que no ensino superior a pessoa deve seguir a sua área de formação/trabalho. O que será dos que entraram antes de ela se pronunciar na Zambézia? No Ministério do Interior não se paga básico, médio e nem bacharel.

MURAL DO PVO - DIVISÃO DO PAÍS

A divisão do país seria a solução para alguns moçambicanos, para outros não. Mas atenção: não divisão em trabalhismo nem regionalismo, mas sim politicamente. Vejam e revejam, se não é o povo quem sofre.

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905



Redacaba:
Juntos por
cuidados básicos

DEMOCRACIA PÁGINA 12



Jyoti Singh Pandey:
O nome que a Índia
não vai esquecer

Mundo PÁGINA 18



Desporto PÁGINA 22

Caro leitor

Pergunta à Tina...

Tudo o que precisas de saber sobre
saúde sexual e reprodutiva

Através de um sms para

821115

ou E-mail:

averdademz@gmail.com

SOCIEDADE 07



Cr Boy #A&A @cr_boy
Follow @verdademz e
mantenham-se informados.

Central Angola 7311 @
Central7311@verdademz
Vocês são Uma verdadeira
inspiração para a malta aqui
em #Luanda. Abraços fraternos.

JanineViseu @verdademz:
Acidentes de viação matam
36 e ferem 116 pessoas em
uma semana em
#Moçambique <http://www.verdade.co.mz/motores/33498> shocking

Irio Pinto @IrioP
Huehuhuehuhue RT @
verdademz: Cidadãos
portugueses impedidos de entrar em
#Moçambique <http://www.verdade.co.mz/newsflash/33481>

Manuel Simone @
WOLKER MOZ A saga não
pára RT @verdademz:
Médicos de #greve pelo 2º
Dia em #Moçambique <http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35/33461...>

Agness @Passionfruii
Yaaay RT @verdademz:
#Messi conquista a Bola de Ouro pela quarta vez <http://www.verdade.co.mz/desporto/33460>

Janet Gunter @
JanetGunter Mozambicans share hopes and dreams for 2013, translated from @verdademz's FB page, with +24.000 fans <http://on.fb.me/XbNXwR>

Domingos Gundana @
gundana320 @verdademz
Não sou a favor de greves mas se existe razão e alguém não quer perceber, melhor grevar mesmo. Vamos a luta médicos nacionais

Gil Cambule @Gil_Cambule_MZ O que e' mais grave! Rt @verdademz:
Reduciu especulação, mas embalagens foram viciadas <http://www.verdade.co.mz/nacional/33369>

Erik Charas @echaras
Me and my Norah just before the new years. 3 and 1/2 months and allready exposed to @verdademz Eh eh eh pic.twitter.com/D0cNjy3Z



Seja o primeiro a saber.
Receba as notícias d'Verdade
no seu telemóvel.
Envie uma SMS para
o nº 8440404 com o texto
Siga verdademz

Editorial

averdademz@gmail.com

O camponês e a transparência

O último grande acontecimento do ano que terminou foi, sem dúvida, o informe do Chefe de Estado sobre a Nação. Armando Guebuza disse, entre outras coisas, que "a existência de recursos naturais não significa em si, desenvolvimento. Não significa riqueza. A descoberta de recursos naturais é uma promessa de desenvolvimento. É uma promessa de riqueza que ainda precisa de ser realizada". Não podia estar mais certo o mais alto magistrado da Pérola do Índico.

Nós concordamos, mas desconfiamos dessa promessa e não cremos que a mesma seja realizável. Ainda que, numa perspectiva discursiva, o argumento do Presidente tenha lógica. No entanto, um órgão como o nosso, que admira o Chefe de Estado, não pode deixar de esclarecer ao mesmo os seus equívocos e contradições, sobretudo quando tal órgão ama mais o país do que o Presidente da República. Os presidentes passam, mas o país fica, é bom que se diga.

Portanto, um amor como o nosso não pode engravidar o silêncio. Temos a obrigação de desmontar as falácias que estão escondidas nas figuras de estilo de Armando Guebuza.

Comecemos: os críticos dos megaprojetos não querem que o Governo ande por aí a distribuir dinheiro. Nunca disseram isso. Como também jamais proferiram que a riqueza terá de ser imediata. Disseram, isso sim, que a forma como o país estabelece a relação com tais megaprojetos prejudica radicalmente os cidadãos da Pérola do Índico. Disseram, também, que não havia - e nunca houve - necessidade de criar incentivos fiscais para os mesmos.

O que está errado não é - que fique claro - a exigência do tempo presente Senhor Presidente. O que está errado é o facto de estarmos a reter menos do que 4 porcento das receitas brutas dos megaprojetos. O que está errado é o facto de não termos pensado em mão-de-obra qualificada. Isso é que está errado. O nosso aproveitamento mínimo das possibilidades que estes grandes empreendimentos representam.

Há, diga-se, muitas nuvens sobre o assunto. Ou seja, não há, de forma alguma, transparência no que diz respeito à gestão dos nossos recursos. O Presidente serve-se do exemplo de um camponês que semeia milho para justificar o facto de não sermos, hoje, menos pobres do que outrora. Esquece, contudo, quando recorre ao brilhante exemplo que o processo de produção do camponês é absurdamente transparente. É demasiado previsível para esconder as nuvens de imprecisões e gerar comissões chorudas que passam ao lado de quem realmente sofre.

O camponês e a sua família sabem o que podem e devem esperar do resultado do trabalho deste ao contrário do que podem esperar os habitantes do país d'auto-estima.

Senhor Presidente, seria redundante olhar para o estado das vias de acesso para escamotear a verdade do retrocesso no seu rosto. Esse é uma vergonha da qual pretendemos poupar o mais alto magistrado da Nação. Nem lhe vamos falar do facto de o país continuar a produzir pobreza. Isso não será, de forma nenhuma, chamado ao debate. Até porque não importa. Não lhe vamos falar, também, do carro do seu filho. Não interessa, o filho é seu e o carro é dele. E se não há, no país, estradas para máquina tão potente e cara, a culpa, certamente, não é nossa.

O que não concordamos, já o dissemos, é com a falácia de que estamos melhor. Senhor Presidente, nós medimos o nosso nível de vida pelos produtos na dispensa e comida no prato. Não somos economistas para brincar com números e gritar para o mundo que estamos a crescer. A nossa forma de calcular progresso Senhor Presidente é como a do camponês. Olhamos para o transporte, os medicamentos e a alimentação. Se isso tudo está difícil de adquirir. Se o salário não chega ao final do mês. Se temos de fazer grandes acrobacias para enganar o estômago, não precisamos de números para saber no que nos tornamos. O país não está bem. Veja os médicos Senhor Presidente. Não foram trabalhar e nós vamos morrer. E o Senhor sabe disso. Ou não sabe?

Mais uma coisa, Senhor Presidente. Acredita mesmo que um informe prenhe de nada fará pender a balança da razão para o lado de quem governa? Nós não acreditamos. Afinal - melhor do que qualquer acrobacia intelectual engenhosa construída para pintar o país de rosas - o povo sabe o que vive.



Boqueirão da Verdade

"A alternância para mim é apenas uma possibilidade. A democracia não precisa necessariamente da alternância. A democracia precisa da possibilidade da alternância. (...) Em Moçambique, a dominação de um partido cria condições para a emergência de uma cultura cívica e política problemática em que as pessoas com melhor formação, por conveniência ou oportunismo, se associam a esta formação dominante e ajudam a perpetuar coisas nocivas para o país", Elísio Macamo

"Porque estamos a viver neste sistema dominado por um único partido, é muito difícil ver que este partido é feito de pessoas, de conflitos... e que não precisam dos designios maquiavélicos que temos por hábito projectar sobre eles. A Frelimo não é aquilo que muitos de nós, em Moçambique, pensamos que é. Com os nossos medos, a nossa autocensura, o nosso oportunismo, produzimos essa ideia fantástica da Frelimo. E é essa ideia que nos governa", Idem

"Moçambique é uma construção muito frágil. É como um castelo de cartas que pode cair ao mínimo sopro. Qualquer pessoa, qualquer grupo de pessoas, com vontade e com meios, pode inviabilizar um país como Moçambique. Esse é um perigo real. (...) Querer saber se a Renamo tem armas seria o mesmo que perguntar "Quem matou Kennedy?". Nunca vamos ter resposta. Mas apesar da fragilidade do país e das ameaças de Afonso Dhlakama, não acredita num regresso à guerra em Moçambique", Ibidem

"O aspecto tribal e regionalista que cada vez mais se acentua e é visível nos partidos políticos nacionais pode ser um trunfo para, a partir do Save, se dividir o país como sempre se afirmou e se deseja. A própria Frelimo não conseguiu ultrapassar este ponto fundamental para a estabilidade e integração nacional. Ao longo dos anos, quer durante a luta de libertação nacional, quer após a independência e até aos nossos dias, a Frelimo anda à procura do equilíbrio regional nas decisões que toma. Falhou um aspecto importantíssimo, que era de se adoptar o critério de termos de referência para se ocupar um cargo, independentemente de ser desta ou daquela tribo/região. Convenhamos que não é fácil, pois muito fizeram os moçambicanos que estiveram na Luta para manter a unidade de todas tribos que estavam integradas naquele grandioso projecto que é de libertar o país da dominação colonial. Oxalá que o sonho da Unidade Nacional não se desmorone", Carlos Jeque

"Mas queria falar-te hoje de um fenómeno que, sendo próprio das ditaduras, e de alguns regimes monopartidários, se está a infiltrar, cada vez mais, nesta nossa tão bizarra democracia multipartidária.

Estou a falar do culto da personalidade. Daquelas atitudes destinadas a endear o dirigente máximo como forma, normalmente, de convencer o povo de que sem ele não é possível dirigir o país. Ora isso tem vindo a acontecer entre nós e percebe-se mal porquê na medida em que o actual dirigente máximo, em teoria, abandonará o poder no próximo ano e iremos ser governados por alguma outra pessoa", Machado da Graça

"Por outro lado, alguns aspectos dessa campanha deixam muito a desejar em termos da própria dignidade do Chefe de Estado. Por exemplo, durante alguns dias a Rádio Moçambique colocou, nos seus espaços publicitários, partes do discurso de Armando Guebuza na Assembleia da República. De repente, entre um anúncio do Arroz Lulu e uma promoção do Verão Amarelo, aparecia a voz do Presidente da República a falar dos grandes projectos. Custa a acreditar", idem

"Mas agora temos outra coisa tão má ou ainda pior. São uns spots em que aparecem pessoas a dizer como a sua vida melhorou graças à acção do Governo. O que seria normal dado que são spots produzidos pelo próprio Governo. O que já não parece normal é que essas pessoas atribuam esses benefícios na sua vida ao "Guebas". Que muitas pessoas, no dia-a-dia, chamem Guebas ao Chefe de Estado, é uma coisa. Que um spot, produzido pelo Governo, chame Guebas ao seu chefe máximo é outra coisa muito diferente. Mas, de facto, o aspecto mais intrigante é saber o porquê deste esforço em relação a alguém que, em 2014, deixará o poder. Ou será que não deixa?", Ibidem

"O Governo também precisa de trabalhar para um crescimento inclusivo e garantir que o rendimento futuro da extração de recursos naturais seja distribuído para o benefício de todos, em especial, os mais desfavorecidos", Ulla Andrén, embaixadora da Suécia em Moçambique

"A política do Governo foi de sempre colocar médicos nos distritos e nunca foi rejeitada, mas sentimo-nos injustiçados quando quase sempre somos alojados (por vezes literalmente em lojas convertidas em casas) em habitações precárias, muitas vezes sem água e/ou electricidade, e a trabalhar sem horário e com poucos meios para satisfazer as necessidades dos doentes, e vemos um jovem como nós mas que escolheu a magistratura ser colocado só onde há água e electricidade, receber cerca de duas vezes mais, ter direito a casa e outras regalias que não imaginam e trabalhar em regime de horário normal durante 9 meses por ano. Não invejamos a sua situação mas temos dificuldade em compreender e aceitar por achar que não merecemos esta discriminação negativa por parte do Governo", Carta dos médicos

OBITUÁRIO:

Rainha Avelino
1969 – 2013 • 44 anos

A morte, sempre inoportuna, mais uma vez surpreendeu-nos ao devorar uma das nossas mais queridas irmãs. Faleceu, no passado dia dois de Janeiro de 2013, a cantora moçambicana Rainha Avelino.

A artista, que era uma referência cultural incontornável no distrito de Vilankulo, em Inhambane, e uma das finalistas do Ngoma 2011, encontrou a morte na quarta-feira da semana passada, vítima de doença. Os seus restos mortais foram a enterrar no dia cinco de Janeiro na sua terra natal, Vilankulo.

Ela foi uma das figuras de destaque numa recente entrevista concedida à "Diálogo" pelo cantor beirense Raul Chissico, tendo este dito que actuou com ela no mesmo palco em espectáculos alusivos ao dia 7 de Abril e 25 de Junho no ano passado. A cantora interpretava temas de intervenção social, facto que a levou a atrair a simpatia de ouvintes da Rádio Moçambique, em particular, e dos amantes da música moçambicana, de um modo geral.

Sobre a sua morte, a "Diálogo", citada pelo Diário de Moçambique, entrevistou telefonicamente Raul Chissico, o qual foi colhido de surpresa com a notícia, tendo lamentado a perda física de Rainha Avelino. O artista recordou que ela viveu durante um longo período na cidade de Maputo, onde desenvolveu a sua carreira e chegou a conseguir um patrocínio para a edição de um disco. De acordo com aquele músico, nas suas canções, a perecida falava também das riquezas marítimas de Vilankulo.

O funeral, bastante concorrido e antecedido de um cortejo que percorreu as principais artérias da vila municipal de Vilankulo, ficou marcado pela presença de individualidades do panorama sociopolítico e cultural do distrito.

Por exemplo, Mr. Kevas e Da-mião, alguns dos músicos que estiveram presentes na cerimónia fúnebre, consideram que o país e Vilankulo, em particular, perderam uma das suas filhas mais queridas.

Recorde-se de que ela abraçou a música em 1999, nos estúdios da Rádio Moçambique. Nos anos 2001 e 2003 foi finalista do Ngoma Moçambique e Top Feminino promovidos por aquela estação emissora.

Rainha Avelino pereceu aos 44 anos, deixando um viúvo e quatro filhos.

Xiconhoca

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocos da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Alexandre Manguele:

Ministro da Saúde, Alexandre Manguele, ficou mal na fotografia na sua reacção ao anúncio de greve da Associação Médica de Moçambique. O titular da pasta da saúde foi arrogante e desafiador. Não quis, de forma alguma, veicular uma mensagem conciliadora. Optou, por arrogância, por esticar a corda e testar a tenacidade dos médicos. A ideia da ilegalidade da greve é disso um exemplo. Falar, numa situação de tensão – sobretudo no zénite do equívoco –, de que no actual ordenamento jurídico moçambicano não há espaço para greve na Função Pública mais do que escamotear a Constituição da República é rebentar, em grande, os limites do admissível para qualquer Xiconhoca que se preze.

2. Alberto Mondlane:

Este Xiconhoca, nomeado por aclamação popular, entra em grande em 2013 no que à incompetência diz respeito. Alberto Mondlane falhou em tudo. Foi derrotado pelos raptos. Ou seja, não encontrou respostas para um problema que devia ser prioridade nacional. Não pela robustez financeira das vítimas, mas pela possibilidade de o fenômeno ganhar outros contornos e tornar Moçambique um lugar inabitável.

Não tarda, por este andar e gritante falta de respostas, que vendedores de recargas de telemóvel também passem a ser vítimas de raptos. Nem sequer vale a injustificável desculpa de é coisa dos cidadãos de origem asiática. Mesmo que seja é preciso lembrar que acontece em território nacional. O resgate é pago via banco e isso é mais do que suficiente para fornecer pistas.

3. Armando Inroga:

Se a competência fosse avaliada apenas no campo das promessas, Armando Inroga, ministro da Indústria e Comércio, seria uma espécie de Steve Jobs. Infelizmente, para o responsável do ministério que prometeu combater a especulação de preços na quadra festiva, a competência é aferida pelo cumprimento de promessas. Esse é um país desconhecido por Armando Inroga.

Os preços subiram ao sabor da ganância dos especuladores. O ministério de Armando Inroga, para falar como Azagaia, fez o quê? Nada.

Existe melhor forma de ser Xiconhoca? Claro que não.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

1. Produtos deterioraram-se no Zimpeto:

O sabedoria popular diz que comida não se deita fora. No Zimpeto aconteceu o contrário. Quantidades ainda não especificadas de diversos produtos frescos, com maior destaque para o tomate e a batata, apodreceram por ausência de compradores. Não faltou, na verdade, dinheiro, houve, isso sim, ambição desmedida dos revendedores.

Os preços dispararam em flecha e obrigaram os moçambicanos a comprar bem menos. Contudo, os importadores negam o facto e dizem que houve maior oferta do que procura.

Um saco de batata, por exemplo, que numa época normal era comercializado a 180 meticais, disparou para 280 a 300 meticais, mesmo sabendo-se que havia uma grande disponibilidade durante a semana festiva. Esta situação foi um tiro no pé dos próprios importadores que hoje estão com a calculadora na mão a somar prejuízos.

Para já, ainda não foi possível apurar

as perdas na globalidade. Cada importador fala em particular das suas. O certo é que são avultadas.

Um dos importadores que aceitou falar aos órgãos de informação fez saber que eles compraram tomate a 160 meticais por cada caixa, ao fornecedor. Mas na revenda foram obrigados a baixar o preço para menos de metade.

Quando os importadores perceberam que podiam perder os produtos optaram por baixar os preços. Uma estratégia para minimizar o prejuízo. Nem sempre o especulador sai a ganhar, e os males são distribuídos pelas aldeias. Como, agora, ficou mais do que provado.

2. Contra-informação:

No primeiro dia da greve dos médicos os órgãos de comunicação públicos desencadearam uma campanha de desinformação. Ou seja, veicularam notícias dando conta de que a greve convocada pela Associação Moçambicana de Médicos tinha fracassado. A Rádio Moçambique (RM), a Televisão de Moçambique (TVM) e o Jornal Notícias prestaram um mau

serviço ao público.

“O Hospital Central de Maputo (HCM), a maior unidade hospitalar do país, garante que os cuidados aos doentes não sofrerão nenhuma paralisação, mesmo perante a ausência de alguns médicos que não compareceram ao trabalho, justamente no dia em que a Associação dos Médicos de Moçambique (AMM) anunciou o início da greve, à escala nacional”, escreveu a RM.

Por outro lado, a TVM anunciava uma greve malsucedida e sem adesão da classe médica.

O resultado dessa Xiconhoquice, protagonizada por órgãos que deviam servir o cidadão, foi a concentração de pouco mais de 140 médicos em frente ao Centro de Conferências Joaquim Chissano.

Na terça-feira, dia 8 de Janeiro, aqueles profissionais da Saúde abandonaram a praia da Costa do Sol mal viram uma equipa da Televisão de Moçambique.

3. Falta de água em Nampula:

Em Nampula, particularmente na capital provincial, parte significativa dos seus habitantes passou a festa do Natal sem água, facto que ficou a dever-se às restrições que se verificam há mais de uma semana no seu abastecimento pela empresa do ramo, que no entanto não apresenta qualquer justificação dos reais motivos.

Os constrangimentos fizeram-se sentir um pouco por toda a cidade, com alguma incidência na zona de cimento e bairros periféricos.

Todas as expectativas de que a chuva que tem caído nos últimos dias viria a fazer face ao rebaixamento do volume de água na albufeira que abastece a cidade de Nampula goraram-se. O mais agravante, conforme está dito, é que a empresa, neste caso o FIPAG, que abastece o precioso líquido àquela cidade, não dá explicações aos seus clientes sobre o que poderá estar por detrás das restrições, razão por que recorremos à Delegação Provincial da Inspecção Nacional das Actividades Económicas em Nampula.

Adolescente vende banana para sustentar a família em Nampula

Nos últimos dias, a cidade de Nampula tem registado um fluxo de adolescentes a que se dedicam à venda da banana e outros produtos de consumo imediato como forma de garantir o sustento diário. Assane Agy Momade, de 14 anos de idade, é um exemplo disso. Residente no bairro de Namutequelua, tem problemas na coluna vertebral, porém, ganha a vida nas ruas de Nampula para sustentar a sua irmã e a avó.

Texto & Foto: Nelson Miguel

Assane Agy Momade interrompeu os estudos quando concluiu a 6ª classe, em 2011. Abandonou a escola devido a um problema físico que o levou a ser internado durante dois meses.

Quando quis regressar à sala de aulas, segundo conta, foi interdito alegadamente por ter ultrapassado o limite de faltas aceitáveis no Sistema Nacional de Educação em Moçambique. Assane nunca mais se sentou num banco de uma instituição de ensino. A falta de condições financeiras também precipitou a sua desistência.

A história de Assane Momade não defere da de muitos petizes moçambicanos espalhados pelo país. No seu dia-a-dia, o adolescente percorre longas distâncias para conseguir vender bananas.

Todos os dias leva à cabeça uma bacia cheia daquele produto. Além de lutar pela sobrevivência, Assane tem de escapar ao policiamento municipal que muitas vezes acaba por se apoderar do seu produto. Ele não consegue correr devido ao problema físico que o apoquenta.

O petiz começou a comercializar banana nas ruas da cidade de Nampula no mês de Janeiro de 2012. Conta-nos que teria sido instada pela sua irmã mais velha, de 36 anos de idade, a ganhar dinheiro para ajudar nas despesas diárias da família. O adolescente iniciou o negócio com apenas 50 meticais. E, narra, os primeiros dias eram bastante difíceis porque não conhecia as artérias da cidade e os potenciais clientes.

Tal inconveniente não o fez desistir. Num belo dia, Assane foi surpreendido por um grupo de clientes que teria comprado banana no valor de 30 meticais, facto que o deixou motivado a apostar na venda daquele produto.

O rapaz conta que para encher a bacia que carrega na sua cabeça gasta na compra 50 meticais e depois da venda consegue obter de lucro 20 a 25 meticais, o que permite adquirir farinha de milho e peixe seco ou feijão para o sustento da família.

Assane Momade avança que antes de deixar a casa, primeiro faz tarefas domésticas, e depois sai para se dedicar ao seu negócio. Por volta das 12h00, regressa à casa para preparar o almoço para a sua avó, de 70 anos de idade, que muitas vezes acaba por ficar sozinha, visto que a sua irmã mais velha se tem ausentado à procura de melhores condições de vida.

Vender banana no valor de 70 meticais, segundo o adolescente, não é uma tarefa fácil como se pode imaginar. "Durante a manhã inteira só se pode conseguir vender



banana no valor de cinco meticais ou mesmo nada. No período da tarde a situação repete-se. Na verdade, são necessários pelo menos três dias para vender a bacia toda", afirma.

Assane diz que para vender aquela fruta é preciso percorrer quase todas as ruas da cidade e até incomodar as pessoas nas suas residências, informando que tem aquele produto à venda. O nosso entrevistado afirma que muitos dos seus clientes compram aquele produto por compaixão.

Num outro ponto, o adolescente referiu que a dificuldade que enfrenta tem a ver com as taxas diárias cobradas pelos fiscais do Conselho Municipal, tendo em conta que luta para conseguir dinheiro para alimentar os seus parentes.

"Pode parecer pouco, mas cinco meticais é muito dinheiro para a minha família", disse, acrescentando que, por não pagar as taxas diárias, já perdeu por diversas vezes a sua mercadoria. Na visão de Assane Momade, o papel da Polícia Municipal deveria ser o de fiscalizar se os produtos que os vendedores ambulantes comercializam se encontram ou não em bom estado para consumo. E não confiscar.

Uma vida de dificuldades

Assane Momade nasceu numa família humilde. Perdeu o pai ainda muito cedo, em 2000. O nosso interlocutor diz ter por enquanto quatro dificuldades na sua vida, nomeadamente a falta de alimentação, de condições financeiras para regressar à escola, a deficiência física e dificuldades em cuidar da sua avó. Além destes problemas, o adolescente queixa-se da precariedade da habitação onde reside.

Em 1998, no distrito de Angoche, Momade viu a luz do dia sem nenhum problema de saúde, mas, volvidos dois anos, teve um inchaço nas costas, o que obrigou os pais a levarem-no ao Hospital Central de Nampula onde lhe foi diagnosticada a existência de sangue coagulado no local tendo sido operado.

Depois daquela intervenção cirúrgica, Assane nunca deixou de sentir dores naquela parte do corpo. Volvidos seis anos, isto é em 2004, um médico chegou à conclusão de que se tratava de uma "corcunda", e não coagulação de sangue.

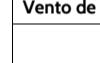
Os parentes do miúdo recorreram, sem sucesso, a vários meios, incluindo a medicina tradicional, para reverter a situação. Por diversas vezes, Assane foi internado no Hospital Central de Nampula.

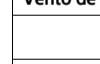
O nosso entrevistado disse que, por causa daquela deficiência, quando caminha uma distância acima de dois quilómetros sente fortes dores nas costas e, quando vai para o hospital, é-lhe receitado apenas paracetamol. Sobre os estudos, ele disse que gostaria de fazer a licenciatura em Administração Pública, pois o seu grande sonho é tornar-se um administrador de um dos distritos da província de Nampula.

A nossa reportagem procurou uma médica pediatra para perceber a doença do adolescente Assane Agy Momade, que disse tratar-se de uma escoliose – uma deformidade na coluna vertebral. Segundo a médica Ana Rosa, afecta ao Hospital Central de Nampula, um dos motivos mais comuns tem sido o crescimento excessivo de coluna vertebral.

Previsão do Tempo

Sexta-feira
 Tempo ameno com céu geralmente muito nublado. Ocorrência de chuvas fracas, localmente moderadas. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
 Céu geralmente muito nublado com ocorrência de aguaceiros ou chuvas fracas, localmente moderadas em Tete, Zambézia e Sofala acompanhadas de trovoadas locais. Vento de nordeste fraco a moderado.
 Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas a moderadas. Vento de nordeste fraco a moderado.
Zona NORTE

Sábado
 Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas acompanhadas de trovoadas locais principalmente na faixa costeira. Vento de sueste fraco a moderado.
 Céu pouco nublado localmente muito nublado. Períodos de aguaceiros ou chuvas em regime fraco a moderado principalmente na faixa costeira de Sofala e Manica. Vento de nordeste fraco a moderado
 Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas a moderadas. Vento de nordeste fraco a moderado.
Zona NORTE

Domingo
 Céu pouco nublado localmente muito nublado. Períodos de ocorrência de chuvas fracas a moderadas acompanhadas de trovoadas principalmente na faixa costeira. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
 Céu geralmente muito nublado. Períodos de ocorrência de aguaceiros ou chuvas em regime fraco a moderado, localmente fortes em Tete, Sofala e Zambézia. Vento de nordeste a leste fraco a moderado
 Tempo quente, com céu muito nublado. Períodos de ocorrência de aguaceiros ou chuvas em regime moderado a forte em Niassa e Nampula. Vento de nordeste fraco a moderado.
Zona NORTE

Diga-nos quem é o XICONHOGA,
Envie-nos um SMS para 821111
E-Mail para averdademz@gmail.com
ou escreva no Mural do Povo



Melhora acesso aos serviços básicos em Nihessiue

Com mais de 40.543 habitantes, o Posto Administrativo de Nihessiue, no distrito de Murrupula, província de Nampula, está a registar uma significativa melhoria no que diz respeito ao acesso à saúde, educação, às vias de acesso, ao abastecimento de água potável, dentre outros serviços. A única preocupação da população local diz respeito à inexistência do transporte de passageiros, vulgo "Chapa 100", das localidades à sede distrital.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

O @Verdade abordou o chefe daquele Posto Administrativo, Hermínio Eduardo Ipere, que fez uma avaliação positiva sobre os níveis de desenvolvimento da região comparativamente à situação que era vigente há três anos. Nihessiue encontrava-se numa fase muito crítica no concernente à implementação de acções de promoção do crescimento económico e social.

O acesso à saúde, educação, às vias de acesso, ao abastecimento de água potável, por parte da população do Posto Administrativo de Nihessiue já está a ser, paulatinamente, uma realidade na vida dos moradores. No sector da educação regista-se a construção de estabelecimentos de ensino em todas as localidades.

Segundo Hermínio Ipere, o fenómeno de aulas debaixo das árvores tende a reduzir. Contudo, reconhece o crescimento da taxa demográfica e consequente aumento do número de alunos, facto que faz com que a rede escolar não seja abrangente. Igualmente, alguns pais e encarregados de educação estão já a ganhar a consciência da necessidade de levar os filhos para a escola como forma de garantir um futuro melhor.

"A população tem acesso aos serviços básicos: educação, saúde, agricultura, vias de acesso, incluindo o abastecimento de água potável. Trata-se de sectores cujos serviços não se faziam sentir nas vidas dos residentes de Nihessiue, mas aos poucos fomos resolvendo mercê das acções desenhadas pelo governo distrital em parceria com as organizações não governamentais que operam na região, com maior destaque para a Visão Mundial, uma organização humanitária. As comunidades têm à sua disposição água potável das fontenárias colocadas em várias localidades de Nihessiue e isso satisfaz-nos", referiu Hermínio Ipere.

No sector da educação regista-se a implementação de obras de construção de salas de aulas. Quanto à assistência social, as crianças carenciadas e órfãs de pais beneficiam de bolsas de estudo para o prosseguimento da sua actividade académica na vila distrital de Murrupula. Segundo a nossa fonte, entre as várias organizações que trabalham em Nihessiue, a Visão Mundial tem estado a contribuir no aumento dos níveis de produção e produtividade no sector da agricultura através da distribuição aos agricultores de sementes melhoradas e resistentes à seca, incluindo a transmissão de conhecimentos visando o aumento da produção.

Em virtude desses conhecimentos, os agricultores de Nihessiue estão a praticar a agricultura mercantil que consiste em cultivar onde os produtos são vendidos para a geração da renda familiar e uma parte é usada para o consumo caseiro. No cômputo geral, o trabalho que está a ser desenvolvido pela Visão Mundial naquela região da província está a repercutir-se no desenvolvimento de Nihessiue em todas os sectores de actividade.



Sector da educação

Hermínio Ipere revelou ao nosso jornal que há dois anos o posto administrativo estava a enfrentar sérios problemas no que diz respeito à existência de salas de aulas, mas as autoridades governamentais e as organizações parceiras introduziram um programa de envolvimento comunitário com vista à sua construção. A iniciativa consistia em sensibilizar as comunidades a dar o seu contributo através do fabrico de tijolos, facto que resultou na melhoria da situação que fazia com que as crianças estudassem debaixo das árvores e em precárias condições, o que contribuía, negativamente, para o aproveitamento pedagógico dos estudantes.

Por seu turno, os parceiros como a Visão Mundial apoiavam na construção e cobertura das salas com material convencional. Sobre o desempenho das crianças, havia problemas de desistências massivas, mas os principais culpados eram os pais e encarregados de educação que ocupavam os seus filhos em actividades de pastorícia do gado bovino e caprino em detrimento da escola. Para reverter este cenário, foi feito um trabalho de sensibilização a nível das famílias que consistiu em aconselhar os responsáveis pela educação das crianças a respeitarem os direitos dos petizes, principalmente, a educação.

Existem já 24 escolas, sendo quatro primárias completas e as restantes são do ensino primário do primeiro grau. Muitos alunos desistiam dos estudos por causa dos trabalhos da machamba, vulnerabilidade social, morte dos progenitores, gravidez indesejada, casamentos prematuros e a mudança de residência de alguns pais e encarregados de educação à procura de terras férteis para a prática da agricultura.

"Muitas vezes as pessoas envolviam-se em conflitos sociais devido à disputa de terrenos e, para evitar este tipo de situações, os chefes das famílias preferiam abandonar a zona e procurar fixar a sua residência em outro lugar para evitar problemas com os vizinhos. A divulgação da lei de terra ajudou bastante na inversão do cenário, pois as pessoas ficaram a saber que a terra é propriedade do Estado e não das pessoas", disse Hermínio Ipere.

Sector da saúde

Em Nihessiue existe apenas um centro de saúde e dois postos de socorros instalados nas localidades de Mulhaniua e Nacocolo, onde as populações se dirigem para beneficiar do tratamento de eventuais doenças, aconselhamento das mulheres em estado de gravidez, e assistência feita aos pacientes que padecem de epidemias no sentido de ajudá-los a superar algumas doenças. O chefe do posto administrativo revelou à nossa reportagem que antes da instalação do centro de saúde local, a população percorria cerca de 20 a 30 quilómetros para chegar a uma unidade sanitária situada no centro da vila sede distrital, mas, presentemente, os serviços de saúde estão próximos das comunidades.

O centro de saúde do tipo 1 recebe medicamentos em grandes quantidades e

os postos de saúde são abastecidos em pequenas porções para a prestação dos cuidados sanitários em casos de primeiros socorros, o que não acontecia no passado.

As principais doenças que afetam a população de Nihessiue são a malária e as diarreias que ocorrem, sobretudo, no período das chuvas, entre outras enfermidades. Em relação à malária estão em curso actividades de sensibilização da população no sentido de observar medidas de higiene individual e comunitária, eliminando os charcos que surgem da água das chuvas.

O nosso interlocutor disse que a redução dos níveis da malária depende da materialização das acções do seu combate, que consistem em transmitir mensagens de sensibilização.

Transporte de passageiros

Não existem transportadores colectivos de passageiros a nível do posto administrativo de Nihessiue, situação que obriga a população a percorrer longas distâncias para chegar à vila sede distrital. As pessoas que possuem motorizadas fazem a prestação de serviços de transportes e, segundo soubemos, da localidade sede de Nihessiue até a sede do distrito, os motociclistas praticam uma taxa de 100 meticais, e para as restantes localidades os valores variam de 150 a 250 meticais.

Este dinheiro é bastante elevado a avaliar pelo nível de poder de compra dos residentes daquela região da província de Nampula.

O transporte de pessoas e bens é deficitário. Nas campanhas de comercialização de excedentes a população aproveita-se das viaturas que fazem o transporte de produtos para os principais centros de consumo. Isso deve-se ao facto de os proprietários dos carros não estarem sensibilizados para introduzir os serviços de transporte de passageiros.

Pode afirmar-se que as condições em que se apresentam as vias de acesso não são favoráveis à circulação de viaturas, o que pode agravar as deficiências mecânicas e forçar à substituição das peças. Há bastante tempo que não havia comunicação entre o posto administrativo e as respectivas localidades.

Abastecimento de água

Os 40.543 habitantes do Posto Administrativo de Nihessiue enfrentavam problemas relacionados com a falta de água, por isso eram obrigados a percorrer cinco a 10 quilómetros para acarretá-la em fontes tradicionais.

Presentemente, têm 28 fontenários, dos quais sete avariados e os restantes em funcionamento. A distância que era percorrida anteriormente reduziu para 2 a 1.5 quilómetros.

Cidadãos detidos em Maputo e Niassa por posse ilegal de armas de fogo

Quatro cidadãos, dos quais três nacionais e um malawiano, estão, desde a semana passada, a contas com a Polícia da República de Moçambique (PRM) indiciados de falsa identidade, posse ilegal de armas de fogo e uniforme policial e perturbação da ordem pública no bairro da Polana Caniço "B", em Maputo, e no distrito de Ngaúma, na província do Niassa, norte de Moçambique.

Texto: Redacção • Foto: iStockPhoto

O chefe da Repartição de Imprensa no Comando-Geral da PRM, Raúl Freia, disse que na capital moçambicana, um indivíduo identificado apenas por Amade, de 30 anos de idade, protagonizava crimes na calada da noite, contra pessoas indefesas e em plena via pública, com recurso a uma pistola de marca Makarov. Fazia-se, também, passar por agente da Po-



lícia de Protecção usando um uniforme adquirido por via de esquemas até aqui não esclarecidos.

Outro caso idêntico, de acordo com Raúl Freia, ocorreu algures na província de Maputo, onde um cidadão nacional, de nome Nota, foi flagrado com uma pistola de marca Petro Berreta, nº F26360W, carregada de oito munições. Também usava-a para cometer crimes.

O terceiro caso envolve dois cidadãos, um chamado M. Moleses (moçambicano), de 41 anos de idade, o outro é Y.

Alisse (malawiano), de 38 anos de idade. Ambos são acusados de roubo com recurso a arma de fogo. Foram detidos no distrito de Ngaúma, província do Niassa.

Enquanto isso, outros quatro indivíduos estão a contas com a Polícia da República de Moçambique (PRM) acusados de falsificação da moeda na-

cional e de recargas de telefones móveis da operadora de telefonia móvel Vodacom.

Segundo Freia, as idades dos três indiciados na falsificação de recargas variam de 28 a 33 anos de idade. Eles são engenheiros informáticos afectos àquela empresa.

A sua detenção aconteceu quando intentavam mais uma acção, desta feita frustrada. Desconhece-se o número de falsificações que eles já terão feito.

De acordo com a nossa fonte, um cidadão nacional identificado apenas por Jorge, de 29 anos de idade, residente no bairro da Matola "A", município com o mesmo nome, foi detido, depois de denúncias populares, na posse de um computador e uma impressora usados para imprimir notas de 200, 500 e 1.000 meticais. Dedicava-se à contrafação da moeda nacional.

Ainda na província de Maputo, a Polícia deteve dois indivíduos na posse de 42 passaportes falsos. Suspeita-se que sejam falsificadores deste tipo de documentos.

Enquanto isso, cinco indivíduos da mesma família estão também detidos em conexão com crimes de homicídio voluntário, um na Matola, dois na vila da Macia, em Gaza, um em Mossurize, na província de Manica (centro de Moçambique) e outro na província de Tete.

Acidentes de viação matam 70 e ferem 165 pessoas em uma semana no país

De 31 de Dezembro passado a 07 de Janeiro corrente morreram em Moçambique 70 pessoas, vítimas de 98 acidentes de viação causados pela inobservância de algumas regras elementares de trânsito, tais como a condução a velocidade recomendável, ultrapassagens regulares, verificação das condições mecânicas das viaturas e a condução em estado de lucidez. Outras 165 pessoas ficaram feridas.

Texto: Redacção • Foto: iStockPhoto

Estes dados, que mostram o quão os compatriotas morrem nas estradas nacionais por causa da negligência de alguns condutores, correspondem ao somatório de dois balanços semanais do Comando-Geral da Polícia da República de Moçambique (PRM).

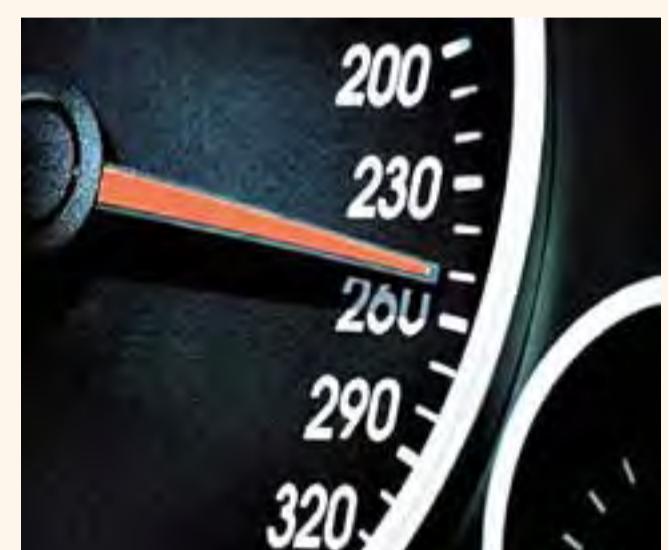
Um é da sexta-feira (04), no qual a Polícia disse que durante a passagem do ano 2012 para 2013 morreram no país 34 pessoas, contra 41 de 2011, outras 49 ficaram gravemente feridas, contra 51 do ano anterior, em consequência de 46 acidentes de viação. Em igual período de 2011 houve 52 mortes.

O outro refere-se à informação fornecida à Imprensa esta terça-feira (08) pela mesma instituição, que apontou que na semana de 31 de Dezembro passado a 07 de Janeiro corrente, a PRM

registou, em todo território nacional, 52 acidentes de viação que ceifaram a vida de 36 pessoas, contra 69 de igual período de 2012.

Estes números significam que diariamente há muito luto e desgraça que chegam às famílias. Para além de sinistros rodoviários ocorridos independentemente da vontade humana, existem aqueles que são protagonizados por automobilistas irresponsáveis.

Contudo, é possível evitar este derramamento de sangue nas diferentes estradas moçambicanas. Basta evitar o excesso de velocidade, as ultrapassagens e cruzamentos irregulares durante a condução.



E recordar também, sempre, que é preciso verificar as condições mecânicas da viatura na qual se faz transportar, sobretudo quando se vai fazer longas viagens. A condução em estado de embriaguez também constitui um factor de grande risco. Quem dirige sob efeito de álcool tem os reflexos condicionados. Os peões devem igualmente evitar a má travessia nas estradas ou passadeiras, usando os lugares indicados para o efeito.

Cidadão informado vale por dois tenha sempre **@Verdade** perto de si
twitter.com/@verdademz

Contaminada por causa da negligência dos pais: adolescente vive com HIV/SIDA há oito anos

Há uma necessidade extrema de se ter cuidado com os objectos cortantes e picantes, aos quais, vezes sem conta, se recorre para administrar remédios a certas pessoas, em particular nas cerimónias tradicionais inerentes aos costumes de certas famílias. Uma lâmina ou seringa já usada deve ser deitada fora e mantida distante do alcance de qualquer criança. Não serve para mais ninguém. Caso contrário, o seu uso pode significar passar uma doença de uma pessoa para outra. Foi assim que aconteceu com Albertina Moisés Massingue, uma adolescente de 10 anos de idade, que aos dois anos ficou infectada pelo HIV/SIDA durante uma cerimónia tradicional familiar.

Texto & Foto: Coutinho Macanandze

Em 2004, o casal Ana Vuma e Moisés Massingue, residente algures no distrito de Chibuto, província de Gaza, Sul de Moçambique, submeteu-se a um tratamento tradicional na companhia da sua filha Albertina, que na altura tinha apenas dois anos de idade, com o propósito de tratar de alguns problemas de foro familiar, alegadamente porque os costumes da família assim o exigiam. Durante o ritual, à criança foram administrados medicamentos através de alguns cortes com uma lâmina, que supostamente havia sido usada por outras pessoas. Esse dia tornou-se fatal para a petiza: contraiu o vírus do HIV/SIDA. O pior é que os pais abandonaram-na.

Albertina Massingue vive no bairro Trevo, arredores da cidade da Matola. É uma criança infectada pelo vírus da SIDA por causa da negligência dos pais. Sofre ainda a dor da rejeição pelos próprios progenitores. Rejeitaram-na, abandonaram-na e relegaram os seus cuidados a uma avó. Entretanto, esta confessa que já não consegue cuidar da menina por falta de condições, apesar do apoio que lhe é dado por uma senhora afável lá no seu bairro.

Segundo a avó Angélica Matável, de 62 anos de idade, Albertina foi abandonada pelos pais ainda aos dois anos porque é seropositiva. O diagnóstico da doença foi feito no Centro de Saúde da Machava sede depois de muitas idas e voltas aos hospitais.

“Quando os pais dela descobriram que estava doente vieram a Maputo deixá-la comigo. A sua saúde piorou e havia pouco tempo que o meu marido acabava de perder emprego. Não tinha e não tenho como cuidar de uma criança doente”, disse Angélica Matável.

Em conversa com o @Verdade, Angélica Matável lembrou-se do dia em que ficou a saber que a sua neta estava infectada pelo vírus do HIV/SIDA. Visivelmente emocionada, disse que depois de pegar nos resultados, cujo diagnóstico era positivo, entrou em desespero. Sentiu o chão a tremer porque já tinha uma ideia do que a doença significava, sobretudo para uma criança como Albertina. “Não sabia como encarar a situação sem o auxílio de alguém, principalmente dos pais da menina”.

O tempo foi passando e um dia Albertina Massingue começou a fazer tratamento anti-retroviral (TARV). A situação financeira complicou-se cada vez mais porque a doente devia ter uma dieta alimentar de acordo com os medicamentos que tomava.

“Em 2008 decidi pedir socorro e imediatamente tive a resposta de uma mulher que parece ter nascido para cuidar de crianças sem afecto e carinho



dos pais. Ela chama-se Isabel Muianga. Enchi-me de esperança e de motivos para sorrir junto à menina que aos poucos ia murchando”, narrou Angélica.

A rejeição pelos pais

Angélica Matável disse-nos que não se conforma com o facto de os pais da Albertina terem abandonado a própria filha só porque está contaminada pela SIDA. Eles estão separados e nenhum deles telefona para procurar saber como está a menina. A mãe dela, Ana Vuma, encontra-se no distrito de Magude e juntou-se a um outro homem.

“Estou preocupada com a minha neta e não sei qual vai ser o seu futuro. A doença que ela tem é como se fosse carregar uma cruz nas costas. A minha idade está a ficar avançada e ela não tem ninguém no mundo para lhe dar ensinamentos e conselhos da vida”, desabafou a avó.

De acordo com a nossa interlocutora, o pai de Albertina encontra-se há sete anos na vizinha África do Sul. Não dá notícias, nem quer saber da filha.

Uma mão benevolente

Apesar das dificuldades, Angélica Matável disse que desde que passou a beneficiar da referida ajuda de Isabel Muianga, não se tem queixado tanto. Com ela, Albertina ganhou uma nova família: melhorou a sua dieta alimentar que antes era precária. Já vai à escola desde 2008. Todavia, de forma condicionada porque há dias em que deve abdicar da escola para ir ao tratamento médico. Algumas indisposições têm igualmente interferido negativamente no seu quotidiano. Por isso, no ano passado reprovou na 5ª classe.

O @Verdade conversou também com Isabel Muianga. Para ela a discriminação e o estigma podem acelerar a degradação mental e física dos doentes, não só de HIV/SIDA. Para crianças como Albertina, o carinho dos pais é fundamental porque ajuda a superar e enfrentar a doença. “Espero que Albertina saiba lidar com as rejeições na sociedade. Que busque forças em Deus para fazer da sua vontade de viver um alicerce para erguer a cabeça nessa luta incessante”, afirmou Isabel, a senhora que presta apoio à doente.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque tenho com inchaço nos testículos sem dor e dores de estômago?

Queridos leitores, aproximam-se as festas e imagino a euforia das vossas famílias. Não há-de ser coincidência que temos estado a receber tantas perguntas relacionadas com casais, famílias, filhos, etc. De certa forma isso faz-nos lembrar a necessidade de continuarmos a proteger-nos e aos/às nossos/as parceiros/as, aos/às nossos/as filhos/as de doenças, e de todos os males que prejudicam a saúde sexual e reprodutiva. Por isso, se tiveres perguntas em relação a este tema ou outros a ver com a saúde sexual e reprodutiva,

envia-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: averdademz@gmail.com

Bom dia, Sra. Tina. Há 2 semanas que ando com inchaço nos testículos sem dor e dores de estômago frequentes, sendo que chega um momento em que o inchaço diminui, reduzindo também a dor do estômago; e quando aumenta o inchaço em forma de um saco, a dor de estômago aumenta. Inicialmente, o inchaço apresentou-se com dor e, após a consulta ao médico para o tratamento, tomei diclofenac. Em seguida, voltei ao Hospital porque a situação era a mesma. Deram diclofenac e ibuprofeno para resolver o problema. Até agora não passa. O que pode ser? E o que posso fazer? Obrigado.

Olá. Nada pior que um desconforto no aparelho genital, porque nos trás a inquietação constante de perdermos a nossa capacidade de nos relacionarmos sexualmente. Bom, pelo que tu me explicas, percebo que as dores de estômago estão directamente ligadas ao inchaço nos testículos. Era importante para mim saber se lá no hospital tu foste submetido a algum tipo de exame de sangue, de urina ou dos próprios testículos. Se não, então seria útil procurares ajuda mais especializada. Por exemplo, homens que apresentam problemas no seu aparelho reprodutor são submetidos a uma ecografia (similares àquelas feitas às mulheres grávidas) para se avaliar o que pode estar a causar a dor e o inchaço internamente. Também podes ser submetido a exames de sangue ou de urina para se apurar se tens algum tipo de infecção. Se isto não aconteceu, eu sugiro que tu insistas com o médico; faz quantas perguntas forem necessárias para saberes a causa desse inchaço e dor, para evitar que se desenvolvam doenças mais graves no futuro. Desejo que corra tudo bem.

Olá Tina. Chamo-me Melo e tenho 26 anos. Gostaria de saber se uma mulher pode tomar a pílula enquanto ela estiver a amamentar, e se o sexo sem protecção pode prejudicar o leite materno.

Oi Melo. A tua pergunta é ao mesmo tempo simples e complicada (sorriso). É simples porque as respostas podem ser sim ou não, mas ao mesmo tempo há vários factores de saúde que podem tornar a resposta mais complicada. Vamos a isto. Uma mulher a amamentar pode tomar a pílula sim, mas a pílula deve ser recomendada estritamente pelo médico ou enfermeiro de Saúde Materno-Infantil. Não pode ser qualquer pílula, pois a pílula pode conter substâncias que são prejudiciais ao bebé. Segundo, o sexo sem protecção (sem usar o preservativo) só prejudica o leite materno se durante a relação sexual a mãe ficar contaminada pelo HIV. Nesse caso, ela pode transmitir o HIV para o seu filho através do leite. O que consigo perceber é que vocês estão com dúvidas sobre quando voltar a fazer sexo depois do nascimento do bebé, e o que fazer para não prejudicá-lo. Isso é de louvar. O meu conselho é que vocês visitem um centro de saúde, façam o teste do HIV para saber do vosso estado. Ao mesmo tempo eu aconselho que, se um de vocês não está confortável com o sexo sem protecção, usem o preservativo. Ajuda-vos a protegerem-se das infecções e de uma gravidez indesejada. Boa saúde.

MozMed A plataforma virtual de saúde em Moçambique

Manda tuas questões através de **SMS** para **6640** ou Internet <http://mozmed.com/>
e receba resposta dos especialistas de saúde e de outros cidadãos

Família vive ao relento em Nampula há quatro meses

Uma família composta por sete pessoas vive ao relento na cidade de Nampula desde o dia 18 de Setembro do ano passado. O drama começou quando uma frondosa árvore caiu sobre a sua habitação e reduziu-a a escombros. Como um mal nunca vem só, o chefe da família, Geraldo dos Santos, de 47 anos de idade, foi abandonado pela sua esposa dias depois daquela desgraça que se abateu sobre a sua vida.

Texto & Foto: Nelson Miguel

Geraldo dos Santos e os seus cinco filhos, menores de 18 anos, residem no bairro de Muatala, concretamente na rua dos Sem Medo, arredores de Nampula, norte de Moçambique. Quando anotece eles abrigam-se ao lado de uma das paredes da casa desabada. Todavia, as mesmas ameaçam cair sobre ele e os seus filhos a qualquer altura.

Geraldo não pensa em abandonar o local. Aliás, diz que não tem para onde ir. Já decorreram quase quatro meses desde que a desgraça se abateu sobre a sua família. Desempregado desde os princípios do ano de 2012, ele luta para sustentar os filhos. Faça sol, chuva ou vento, eles não arredam o pé daquele lugar. Ainda não apareceu alguém com dó para lhes estender a mão.

Dos Santos conta que nos primeiros dias depois da situação, mandou os seus filhos e a mulher para casa dos sogros. Porém, nem sempre o adágio popular segundo o qual “onde come um, comem dois” se aplica à realidade, pelo que aquele chefe de família se viu obrigado a recolher de volta o seu agregado devido ao custo de vida que sufocava os pais da sua esposa.

A sua residência era do tipo 3, feita de blocos de cimento e uma cobertura de chapas de zinco. “Pensei em sair daqui e arrendar uma casa, mas não tenho dinheiro para pagar, razão pela qual continuo a viver nestes escombros”, lamentou, tendo acrescentado que se tivesse condições havia de criar mecanismos para remover a árvore de modo a cobrir uma parte do tecto com capim e amainar o sofrimento da sua família.



Um mal nunca vem só

Geraldo dos Santos diz que desde a hora que a sua residência ficou destruída, começou a experimentar momentos não agradáveis no seu casamento. Foi abandonado pela esposa porque a habitação não oferece condições de habitabilidade.

“A minha esposa praticamente já me abandonou e ando solteiro. Para comer tenho de ir à casa de alguns amigos ou familiares”, queixa-se afirmando que não encontra saída para a resolução do seu problema.

O nosso interlocutor considera 2012 um mau ano, porque, primeiro, perdeu o emprego. Segundo, viu a sua habitação destruída por uma árvore que até hoje continua deitada sobre uma parte da sua casa em escombros. Por último, foi abandonado pela esposa.

Mas a grande preocupação daquele cidadão é a falta de dinheiro para dar de comer os seus filhos, assim como para arrendar uma casa onde possa viver dignamente e começar a reabilitação da residência destruída.

Neste momento, diga-se de passagem, Geraldo dos Santos encontra-se numa situação extremamente complicada, visto que não tem condições financeiras para reconstruir a sua vida, assim como um lugar para guardar os poucos bens que escaparam da “fúria” da árvore. A nossa reportagem perguntou a Geraldo se já havia entrado e contacto com a edilidade, tendo este respondido que o tentou por diversas vezes, mas sem sucesso. A primeira foi no dia que a árvore caiu.

“Procurei as estruturas municipais em princípio com o objectivo de ser apoiado na reconstrução da minha habitação e, segundo, pedir que me ajudassem na remoção da árvore, mas nunca tive uma resposta satisfatória, uma vez que fui informado de que o Conselho Municipal da Cidade de Nampula não se responsabiliza pelo sucedido”, afirma.

Apesar disso, não desistiu. Tentou falar com vários vereadores da edilidade de Nampula, tendo alguns deles aparecido na sua residência para darem a informação de que o Conselho Municipal não apoiaria o cidadão, tanto na construção da casa, como na remoção da árvore.

Onde estão os bens?

Geraldo dos Santos diz que neste momento não tem nenhum bem no interior da sua residência, pois parte deles foi destruída pela árvore e outros algumas pessoas de má-fé têm vindo a roubar quando se ausenta. “Neste momento, estou sem roupa, cadeiras, cama e nem sequer pratos”, lamenta.

Em relação ao futuro dos seus filhos, Geraldo afirma que ainda não tem planos, visto que todos os seus bens foram destruídos pela chuva. A falta de dinheiro também o coloca numa situação lamentável.

Vender o escombro

Desde que a sua casa foi destruída, Dos Santos encontra-se transformado e já pensa em vender o escombro para recomeçar a sua vida num outro lugar. “A única esperança que tenho neste momento é vender esta casa mesmo estando destruída, para dar abrigo à minha família”, anseia. Aquele cidadão abordou-nos tentando saber se tem ou não direito a uma indemnização ou qualquer tipo de apoio por parte do Conselho Municipal da Cidade de Nampula na sequência da destruição da sua residência.

A nossa reportagem procurou ouvir as autoridades municipais sobre o caso e a única resposta que tivemos é que a edilidade ainda se vai inteirar da situação daquele cidadão e avaliar os danos.

Sofala e Nampula sem vagas para graduados da 5^a, 7^a e 10^a classes

Arranca na próxima segunda-feira (14), em todo o país, o ano lectivo de 2013. O crónico problema de falta de vagas que anualmente faz com que milhares alunos fiquem fora do Sistema Nacional de Educação volta, uma vez mais, a fazer-se sentir em algumas províncias moçambicanas, como é o caso de Sofala e Nampula, centro e norte, respectivamente, onde um total de 53.294 alunos graduados da 5^a, 7^a e 10 classes não tem colocação para continuar os seus estudos. A não ser que recorra ao ensino privado ou à distância.

Texto: Redacção/Sérgio Fernando

Em Sofala, dos 79.393 alunos graduados das referidas classes, 26.723 não terão vagas nas escolas públicas por causa da insuficiência de salas de aulas. A chefe do Departamento Pedagógico na Direcção Provincial de Educação e Cultura de Sofala, Maria Madeira, confirmou a existência deste problema e avançou que algumas escolas primárias completas, tais como 25 de Setembro e Matadouro, serão transformadas em secundárias para acolher alunos da 8^a classe, nas quais há também um maior número de novos ingressos. As outras medidas a serem postas em marcha para fazer face à insuficiência de vagas são: a intensificação do Programa de Ensino Secundário à Distância e a criação de turmas numerosas constituídas por mais de 85 alunos por sala. Neste contexto, a falta de acompanhamento dos alunos pelos professores far-se-á sentir novamente em grande medida. Esta dificuldade de absorver os novos graduados faz-se

sentir mormente nas escolas secundárias da cidade da Beira.

Província de Nampula

Em Nampula, pelo menos 26.571 alunos, também graduados da 5^a, 7^a e 10^a classes, não poderão estudar este ano.

Dados avançados aos órgãos de comunicação pelo chefe do departamento de Direcção Pedagógica, Fernando Cacecasce, referem que a província tem a meta de matricular apenas 334.349 estudantes de todos os subsistemas de ensino. Quem não tiver vaga, e dependendo das condições financeiras de cada pai ou encarregado de educação, vai matricular-se nas escolas privadas. E, obviamente, os estudantes cujos pais ou encarregados de educação enfrentam sérias limitações financeiras deverão esquecer os estudos este ano.

Em substituição desta ocupação académica, alguns serão obrigados a ajudar os responsáveis pela sua educação nos trabalhos da machamba, pastagem de animais, dentre outras actividades domésticas, conforme tem sido apanágio em Nampula. As raparigas estarão sujeitas a casar-se precocemente. Este tem sido o cenário. Para pôr cobro a esta triste realidade, Cacecasce disse que a Direcção de Educação de Nampula vai trabalhar com as instituições do ensino privado no sentido de absorverem os alunos sem vaga. Contudo, ele esqueceu-se de que nas zonas rurais, onde a maioria fica prejudicada, não existem escolas privadas. “Os outros estudantes têm a oportunidade de escolher

o ensino à distância como alternativa para não ficarem sem estudar o ano todo”, esclareceu a nossa fonte. No que diz respeito ao aproveitamento pedagógico, referente ao ano lectivo de 2012, o nosso interlocutor revelou que a província de Nampula obteve 70 por cento. Estes dados são preliminares uma vez que ainda existem escolas de alguns distritos que não canalizaram os seus relatórios. “Por exemplo, nas classes com exames conseguimos os seguintes resultados: na 5^a classe foram graduados 69.457 alunos, 46.257 na 7^a e 14.251 na 10^a”.

“Ainda não estão disponíveis os dados comparativos em relação ao ano lectivo de 2011 porque decorre a sistematização das informações”, disse Cacecasce.

Província de Inhambane

Em Inhambane, a falta de vagas verifica-se na 7^a, 8^a, 10^a e 11^a classes. Numas das reuniões provinciais de planificação para o ano lectivo de 2013, na cidade da Maxixe, a Direcção Provincial de Educação e Cultura indicou que pelo menos 2.753 graduados da 10^a classe ficarão sem afectação este ano. Tal como acontece noutras províncias, aproximadamente 337 alunos graduados da 7^a classe, sem colocação nas escolas públicas, serão colocados no ensino à distância. Ao todo, Inhambane graduou em 2012 mais 26.310 alunos da 7^a classe, dos quais 22.596 já têm lugares garantidos na 8^a. Em relação a 10^a classe, mais 14 mil alunos transitaram, dos quais acima de 11.200 também tiveram colocação, nos cursos diurno e nocturno.

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde ao jornal @Verdade. Sou estudante do Instituto Comercial de Maputo, onde perdi o exame por causa da desinformação protagonizada pela direção da escola que anexou dois calendários, nomeadamente o da cadeira de Técnica Pautal do 3º ano que estava marcado para Sábado (31) e se realizou na Sexta-feira (30). O último calendário anexo na vitrina apontava para a realização do mesmo na Quinta-feira 29.

Primeiro, a direção da escola colocou dois calendários e fiquei sem saber qual dos dois era válido, o que me deixou confuso. Esta situação prejudicou muitos que não se deslocaram para fazer o exame no sábado, porque não sabiam se iriam ser submetidos ao mesmo no dia 29 ou 31 de Novembro.

Na sexta-feira, alguns colegas que estavam lá para confirmar a data viram-se na obrigação de fazer o exame, sem que estivessem preparados. Mas o mais inquietante é que eu e meus colegas na mesma situação apenas faremos a segunda época pois já não há nenhuma esperança de fazermos a primeira. Isto é uma

injustiça porque nunca se viu em nenhuma parte do mundo marcar-se duas datas para o mesmo exame.

Segundo, nós, os injustiçados, não fomos informados da realização dos exames naquela data, muito por culpa da própria direção. Quem erra é a direção e os estudantes é que pagam a factura? Isso não é justo.

No entanto, acho que se a direção tivesse o mínimo de bom senso iria dar uma segunda oportunidade aos estudantes que ficaram prejudicados, e assim repor a responsabilidade e justiça dos factos.

O Instituto Comercial de Maputo deve vir a público dar uma explicação convincente porque os estudantes merecem o mínimo de consideração e respeito porque foi deitado abaixo todo o esforço empreendido na preparação para os exames e não puderam fazê-lo por negligência ou distração do corpo directivo.

O que eu pretendo saber é se a direção vai ou não reconhecer que errou e conceder-nos uma exceção para fazer a primeira época.

Segundo a nossa interlocutora, houve falta de atenção por parte dos estudantes porque não se justifica que um pequeno grupo de estudantes não tenha tido acesso à informação, quando a esta "circulou" pela escola.

Todavia, Gina Mangane sublinha que este pequeno grupo de estudantes será submetido apenas a exames da 2ª época, e vai beneficiar de aulas de preparação que incluem exames resolvidos correspondentes à 1ª época, de modo que os façam sem sobressaltos.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gera as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua Reclamação de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta - Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email - averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS - para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Cidadã sequestrada em Nampula foi libertada depois de pago resgate

A cidadã de nacionalidade paquistanesa de nome Sumaia Haly, 31 anos de idade, esposa do proprietário da pastelaria "Oásis" em Nampula, Norte de Moçambique, que havia sido sequestrada na noite da passada quinta-feira (03) por um grupo de malfeiteiros, voltou ao convívio familiar na manhã de sexta-feira (04) depois de pago um resgate de dois milhões de meticais.

Texto: Sérgio Fernando

O valor foi entregue aos raptos nas imediações da fábrica Cervejas de Moçambique, na capital norte do país, depois de terem sido esgotadas as negociações, mas sem a intervenção da Polícia.

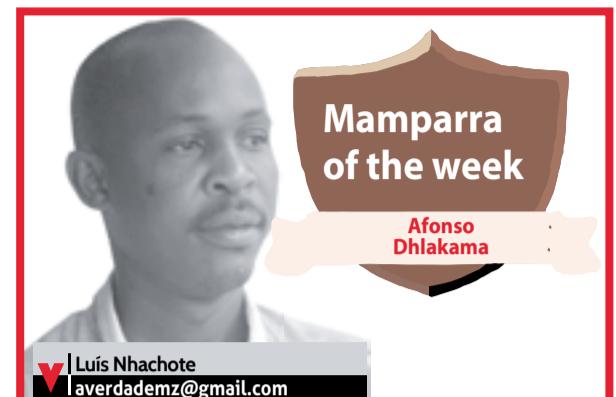
No princípio, os malfeiteiros exigiram 10 milhões de meticais. Entretanto, Mohamed Ikibal, de 57 anos de idade, proprietário daquela pastelaria, convenceu o grupo a aceitar o que tinha.

O sequestro aconteceu quando a vítima, por sinal gerente da "Oásis", se dirigiu àquele estabelecimento com a finalidade de fechar o caixa e recolher a receita do dia. À saída trazia consigo 60 mil meticais numa pasta, valor que também ficou nas mãos dos raptos.

Na altura, a esposa do proprietário da referida pastelaria era escondida por dois guardas de uma empresa de segurança privada. Porém, nada fizeram para impedir

a acção dos supostos raptos.

O porta-voz do Comando Provincial Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula, Inácio Dina, disse a jornalistas que pela forma como a quadrilha actuou, entende-se que se trata de um grupo perigoso e preparado para as suas acções. Por isso, há preocupação por parte dos agentes da Lei e Ordem. Eles intimidaram a vítima com recurso a pistola.



**Luís Nhachote
averdademz@gmail.com**

Meninas e Meninos, Se-nhoras e Senhores, Avôs e Avós

O primeiro Mamparra do ano 2013, é Afonso Dhlakama, o líder da Renamo, que há dias ameaçou dividir o país pelo Rio Save. Não podia haver outra maneira mamparra de ele iniciar o ano?

As reivindicações do líder da Renamo e do seu partido têm toda a legitimidade para serem abordadas, pelos factos apresentados em questões como a "Partidarização do Estado" a "discriminação do ex-militares no exército" entre outras, mas já não encontram espaço nesta sua última verborreia.

Ele pretende dividir o país pelo Save, ficando as províncias de Maputo, Gaza e Inhambane com o Governo da Frelimo e as restantes sob sua governação!!!

Onde é que este senhor que silenciou as armas há 20 anos, para alegria de uma Nação no seu todo, encontra "paulada" para dizer tamanhas asneiras de quando em vez?

O que estará a consumir em Santudjira, em Vanduzi, na serra da Gorongosa para cometer tamanha mamparrice no iniciar de um novo ano?

Dividindo o país como ele afirmou há dias, não lhe passa pela cabeça o rico mosaico multicultural que une os moçambicanos de Norte a Sul? Ou Dhlakama pensa que no Sul do país só vivem os seus respectivos naturais?

É tempo de os seus correligionários na Renamo uma e outra vez puxarem as orelhas do seu líder, sob pena de caírem totalmente no desígnio à custa das mamparrices do mesmo.

Neste ano, o país vai entrar em eleições autárquicas, e Dhlakama deve descer das montanhas la na serra de Gorongosa e ir para todas as autarquias apresentar os seus respectivos candidatos, os seus programas de governação, as ideias novas que trazem, sob pena de lá do cimo - (de onde as vezes desce para dar entrevistas à STV e ao seu amigo Simão Ponguana da TVM) - cair no chão da insignificância.

Este País é de todos os moçambicanos, incluindo o líder da Renamo, e não pode nem por "paulada" ser dividido por ninguém.

Se tirano existe, que o escraviza ainda, que nos informe, que faremos de tudo para derrotá-lo.

Agora ir convivendo com esse tipo de verborreias que constituem uma barbaridade, umas mamparrices sem igual, chega.

Lugar de loucos e o seu fórum psíquico são tratados nas psquiatrias, e com a medicação bem prescrita e o devido acompanhamento, os resultados são fantásticos.

Basta desse e de outros tipos de mamparrices que só nos envergonham no concerto das nações.

Mamparra, mamparra e mamparra!!

Até para a semana !!!

Cidadania

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO REPORTA:

Não será este um caso de abuso do poder? Repasso a mensagem conforme a recebi, esta vem a propósito da greve dos médicos.

"Bom dia Sr Director SDSMAS Chókwe, agradece que hoje continuasse a controlar a presença dos Médicos em serviço aí no Chókwe. Em relação ao Director do Hospital Rural de Chókwe, porque há incompatibilidade, se ele quiser fazer greve hoje, solicita a ele o pedido de demissão do cargo de Director do Hospital, se fizer greve e não pedir demissão, me comunica para eu mesmo o demitir. Cc: Dr Basilio DPS GAZA"

3.632 pessoas viram esta publicação

 **Anli Bacar Beca Anli** esse eh meu país há 23 horas

 **Bento Marrime** ninguem merece um paiz dsse.k vrgonha há 23 horas

 **Benildo Francisco Nhabomba** Ummm... Chefe é k manda... há 23 horas · Gosto · 1

 **Bento Marrime** ninguem merece um paiz dsse.k vrgonha há 23 horas

 **Nelson Fred** Por ixo k ja tnho nacionalidade Sul Africana... exe paix é pobre d. há 23 horas · Gosto · 1

 **Décio Alfazema** Os bosses do sector da Saude estao a jobar a valer. E um vale tudo hehehe. Forca. há 23 horas

 **Rene Cossa Dos Santos** Esse e o lema mocambicano, ou seja filosofia da frelimo ou d nosso governo.tamos aond? reclamar o seu dreito e pedir demisao? nyandayeyooo! há 23 horas

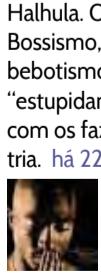
 **Edio Dos Santos** puxasquismo a alto nível há 23 horas

 **Sani Nobre** alguem vai nadar em aguas turvas.... agora resta saber se é o medico ou o tal Dr. Basilio.... há 23 horas · Gosto · 1

 **Bernardo Abilio** Camarada ta exagerar... há 22 horas

 **Malique Pinto** É novidade? há 22 horas

 **Narciso A. Machava** Yahaaa, São as fábulas do Pais de Halhula. Onde só reina o Yes Bossismo, puxa-saquismo, lambobotismo, enfim esta Nação é "estupidamente" ingrato pra com os fazem-na uma Patria. há 22 horas

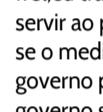
 **Goncalves Cuco** Prepotencia...Ver tradução há 22 horas

 **Florence Das Dores** K coisa feia onde anda a dita democracia isto e' pais do pandza mesmo há 22 horas

PORQUE ELES TAMBÉM SÃO SERES HUMANOS COMO TODOS NÓS.... há 20 horas · Gosto · 1

 **Muhammad A. Lorgat** Hum, é a "Wiki-leaks" à moçambicana! Não tarda criarão mais formas para calar este tipo de fuga de informação... há 19 horas

 **Gerdes's Esperancinha** eu k antes d ser prof pensava k os medicos/enfermeiros rexeiam mais k profs. Ja viu alguem k restabelece a saude ao organismo do outro garantindo-lhe vida rexeba pouko. A sua exkassez e durabilidad d curso me parexiam ser por kausa do valor alto k estariam a rexeber, afinal nao. E ja vao dmitindo? Pk reclamam seus direitos? Olha, quanto mais me ameaxam nha raiva aumenta, foi por ameaxas k akabei nao tirando nhum centavo pa o 10.o congreso da frel, eu trabalho pa governo pa servir ao povo, e nao a partido... se o mediko foi contratado pelo governo pa servir ao povo, este governo se lembre k deve fazer valer os seus direitos pa k se vejam cumpridos os seus deveres por kua se comprometeu cm o povo. Abuso d poder pk é um pau mandado, e nao sabe o k faz, nao sabe kuais seus direitos nem deveres os kuais possibilitem a axistenxia dos direitos dos outros. Isto é a dstruixao duma naxao, por drigents k nem a si mesmos conseguem re dirigir... refugio, ameaxar os subordinador há 19 horas · Gosto · 17 horas

 **Loty Miguel** É bem mesmo abuso de poder. há 21 horas através de telemóvel · Gosto

 **Charles J. Raulina Macovela** Se o Leandro é mocambicano deve fazer parte dos da nacionalidade adquirida. há 21 horas através de telemóvel · Gosto · 1

 **Mahamad Hanif Mussa** A 'normalidade' da 'funcionalidade'... há 21 horas

 **Adelino Matias Sistole** Um dirigente nao pode aderir a greve como dirigente por isso que ele deve si dimitir para estar na greve como simplis medico há 21 horas

 **Mustafa Malenga** Q baixaria. Parece trecho duma peça teatral mas infelizmente é a realidade. há 21 horas

 **Hamilton Caetano Machatine** oopaaahhh!!! é preciso ter os to****s bem seguros....!! este país precisa mudar, e se continuarmos com medo de ficar feios na fotografia, os nossos filhos vão ser piores q nós... vão ser verdadeiras marionetes deste sistema... há 21 horas · Gosto · 1

 **Edson Nota** Se ha tako entao que paquem a esses herois d verdad. há 20 horas

 **Nildo Ntikama** Os médicos são obrigados a puxar a carroça de barriga vazia, trabalham sobre pressa 24 sobre 24 agora que se cansaram de tanto puxar este país que mais se parece com um santuário para os corruptos que um estado de direito. DEIXEM OS MÉDICOS REIVINDICAR OS SEUS DIREITOS

cotas do poder. há 18 horas · Gosto · 1

 **Anselmo Boaventura Chichava** A greve é um direito constitucionalmente consagrado, entao é no minimo ridiculo aparecer um chefezito de departamento de alguma porra a tentar limitar os medicos de o exercerem. Num Pais onde a Presidente da Assembleia da Republica encomendou uma viatura protocolar avaliada em meio milhao de Dollar's, nao se justifica que nao se encontre uma solucao pra uma classe composta por 2mil e poucos medicos. Esses Governantes nao estao preocupados com os problemas da classe medica porque frequentam clinicas privadas. Se a greve tivesse sido convocada pelos trabalhadores dos Aeroportos que sao vitais para voarem em busca de donativos para encher os seus bolsos, ja estaria a mexer com o Governo ao mais alto nivel. há 19 horas · Gosto · 17 horas

 **Manuel Cardoso** Isto vai para além de abuso do poder. Atinge as raías da... há 15 horas

 **Samuel Junior Macamo** E ja paxou d abusou d poder. há 12 horas

 **Zito Hequesse** Moçambique,! O pais do lambe boda. há 12 horas

 **Abdul Tarige** Cargo de confiança! há 10 horas

 **Benjamim Jose Neste Pais**, os governantes fazem e desfazem. há 3 horas

 **Willson Cossa** ya, onde estamos?? retirar o direito que a CR atribui aos Moc. há cerca de uma hora

espero que desta vez os filhos da independência sejam mais prudentes contra esta invasão territorial porque como eles também nós somos uma "geração arrasca" ou melhor da viragem... há 20 horas · Gosto · 1

 **Buchu Ntikama** A banca rota lhes fez saltar a cerca do céu, a consciência perdeu se os brumantones do passado colonial apareceram com um olhar da antiguidade presumindo que moçambique ainda é a "terra do nunca" onde ninguém cresce mais isso não é contos de fadas tem normais a serem cumpridas. há 19 horas · Gosto · 2

 **Maria Luiza Menezes** É preciso começar a pôr um freio ou limitar este movimento, porque já estão a acontecer aberrações e, qualquer dia, os honestos que por aqui andam (pouquíssimos, diga-se de passagem), pagam por todos. há 19 horas · Gosto · 2

 **Carlos Bruno** As pessoas são e devem continuar a ser livres de viajar e trabalhar em qualquer parte do mundo e esse chavão colonialismo já só é utilizado por quem não tem outros argumentos, no entanto temos que cumprir as regras do país para onde

vamos. E sim a Maria Luísa tem razão acho que já há mais burlões do outro lado do mundo que honestos aqui neste lindo pais.

Tem imensas oportunidades mas trabalhemos com respeito por todos e tudo que a vida corre bem, façamos trafulhices que estamos no país certo para nos porem na linha... há 18 horas · Gosto · 1

 **Angela Maria Serras Pires** Xenofobia e a palavra para apelidar os incompetentes há 18 horas

 **Maria Amelia Dava** Finalmente... há 18 horas

 **Miguel Arcanjo** se for gente qualificada e que possa passar o seu know how para os locais pq nao? saloios e que n os queremos há 13 horas

 **Paula Santos** Entretanto continuam chegando brasileiros, americanos, chineses, etc com visto de turismo, mas que entram para trabalhar em Moçambique, seja por curto ou longo prazo, e não são barrados. E vai fazendo movimentos de entrada e saída nas fronteiras nacionais numa base mensal... what a joke! há 12 horas

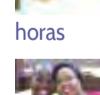
goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Oito cidadãos de nacionalidade portuguesa foram impedidos de entrar, esta segunda-feira (7), em Moçambique devido a irregularidades nos seus vistos, tendo regressado a Lisboa no mesmo voo em que se faziam transportar. Outros 30 cidadãos portugueses, que viajavam no mesmo voo das Linhas Aéreas de Portugal(TAP), tiveram os seus passaportes retidos pelos serviços de Migração no Aeroporto de Mavalane.

1.651 pessoas viram esta publicação

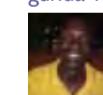
 **Lily Yany Joey** Kkkkkkkkkkkkkkk so voces mesmo... há 21 horas

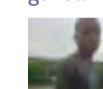
 **Alvaro Gomes Nhapo** Finalmente começamos a trabalhar. há 20 horas · Gosto · 1

 **Charles J. Raulina Macovela** Será ó Alvaro? há 20 horas · Gosto · 1

 **Nildo Ntikama** O neocolonialismo já começou aí vem os português, chinês, inglês, etc só

nos chegaram em casa enquanto o Tpm fica 3 horas n baixa Segunda-feira às 12:45 · Gosto · 1

 **Crímido Conjo** Mudança, pessoal!!!... Mudança.... MDM Segunda-feira às 12:47

 **Antonio Tiago Macuiane** Ixo precisa d nós moxabicanos termx etika nao exige o governo pra sensibilizar mx sim nôs mmx. Segunda-feira às 12:52

 **Pedro Cossa** A culpa é d governo k nao disponiza transporte pra o povo e este cansado d secar nas paragens apanha qualquer k vem! Me arrependo por ter votado nesta desgraça no poder! Nunca mais volto a cometer o mesmo erro! Segunda-feira às 13:10 · Gosto · 1

Caros compatriotas

Na manhã de domingo foi anunciada uma greve geral dos médicos moçambicanos. Esta posição é o culminar de anos de tentativa pacífica de solucionar a deplorável situação dos médicos na função pública, e acho que têm o direito de saber como chegamos a esta situação extrema.

Quando um indivíduo iniciava a sua carreira como médico em 1975, tinha como salário líquido \pm 15.000 Mt que na altura equivaliam a \pm 454 U\$D, e dava para viver confortavelmente, a título de exemplo, com 9 salários dava para comprar um Honda Civic novo; hoje, 37 anos depois e nas vésperas da reforma, como especialista consultor no topo de carreira e personalidade reconhecida internacionalmente na área, recebe um salário base de 29.629 Mt que adicionado aos subsídios dá um total líquido \pm 42.000 mt, ou seja \pm 1400 U\$D.

Um médico em pós-graduação com 7 anos de carreira tem um salário base de 15.531mt (535 U\$D) e líquido de \pm 24000 mt (827 U\$D), que não chega ao dia 5 do mês seguinte, tenho quase a certeza que auferiria mais lavando carros ou como empregado em algumas casas. E hoje para comprar um Honda Civic novo custa no mínimo 60 salários.

Um enfermeiro geral recebe um salário base de \pm 5100 mt e um líquido de \pm 7800 Mt (268 U\$D); um servente de hospital recebe um salário líquido de \pm 2700 Mt (93 U\$D).

Podem verificar isto no endereço: <http://www.meusalario.org/mocambique/main/salario/sector-publico-mocambique/salario-do-sector-da-saude> - e existem documentos oficiais que mostram o mesmo.

Na história desta Pátria Amada, os médicos foram, desde sempre (incluindo o período da guerra civil e até recentemente), os únicos profissionais de nível superior a serem colocados nos distritos, diga-se de passagem sobretudo com fins políticos, pois somos frequentemente solicitados (em particular fora de Maputo) a participar em tarefas político-partidárias em detrimento do exercício da nossa profissão. Temos aceitado de bom grado, porque estamos conscientes de que nos formamos à custa do Povo e para o servir. No entanto, não fizemos nenhum voto de pobreza e estamos muito ressentidos com o modo como o Governo nos tem tratado.

A política do Governo foi de sempre colocar médicos nos distritos e nunca foi rejeitada, mas sentimo-nos injustiçados quando quase sempre somos alojados (por vezes literalmente em lojas convertidas em casas) em habitações precárias, muitas vezes sem água e/ou electricidade, e a trabalhar sem horário e com poucos meios para satisfazer as necessidades dos doentes, e vemos um jovem como nós mas que escolheu a magistratura ser colocado só onde há água e electricidade, receber cerca de duas vezes mais, ter direito a casa e outras regalias que não imaginam e trabalhar em regime horário normal durante 9 meses por ano. Não invejamos a sua situação mas temos dificuldade em compreender e aceitar por achar que não merecemos, esta discriminação negativa por parte do Governo.

Sentimo-nos revoltados e impotentes por ver alguns dos nossos enfermeiros e serventes fazerem cobranças ilícitas para que um paciente possa passar a fila e ser atendido nos serviços de urgência em detrimento de doentes que chegaram primeiro e por vezes em estado mais grave, e que por cansaço cometem omissões e erros na prescrição de medicamentos. Mas que moral temos nós como chefes das equipas de saúde de repreender os elementos da nossa equipa que têm uma família para sustentar e filhos para educar, que recebem um salário inferior ao de muitos empregados domésticos e infringem as normas do trabalho ao fazer turnos nos hospitais e nas clínicas e não conseguem nem física ou psíquicamente dar aos doentes o tratamento que não só necessitam como merecem?

Sendo a prática da medicina por lidarmos com a vida dos nossos compatriotas uma profissão de elevada responsabilidade, e que exige o sacrifício do convívio da nossa família, sentimo-nos injustiçados por não podermos dar às nossas esposas e filhos o que os nossos colegas dos bancos das Universidades conseguem propiciar às suas famílias. Com os salários que o Governo nos paga como podemos viver nos mesmos bairros e os nossos filhos frequentarem as mesmas creches e escolas? Não sabemos o que responder quan-

Carta aberta aos cidadãos moçambicanos

do os nossos filhos nos perguntam porque é que escolhemos ser médicos em vez de outras profissões ou mesmo comerciantes. Talvez a resposta seja que na escala de valores da nossa sociedade existem actividades mais importantes e por isso mais remuneradas que as de salvar vidas.

Quando alguns de nós exercem a actividade privada para nos tentarmos equiparar aos nossos pares na sociedade somos criticados por supostamente descurarmos os cuidados aos pacientes do Serviço Nacional de Saúde em detrimento dos pacientes privados e no entanto o próprio Vice-Ministro da Finanças afirma que "nós não temos como pagar, mas vocês até têm onde ir buscar mais dinheiro".

Gostaríamos que ficasseclaros de que a grande maioria dos médicos exerce medicina privada não como opção mas por necessidade e tal só acontece em algumas capitais provinciais, pois caso contrário abandonariam o Estado para se dedicarem exclusivamente à privada. Gostaria sobretudo que soubessem que dos cerca de 1200 médicos formados pela UEM, um em cada 4, alguns dos quais especialistas conceituados, na procura de melhores condições de vida, abandonaram o SNS para ir trabalhar em ONG's, trocaram a clínica pela saúde pública. Quem de vós se sente à vontade para criticá-los quando trocaram um salário de 24.000 Mt por salários geralmente superiores a 60.000 mt e que podem ultrapassar os 200.000 Mt?

Sentimo-nos insultados, humilhados e revoltados quando o Governo diz não ter dinheiro não só para nos pagar melhor, mas sobretudo para melhorar as nossas condições de trabalho que poderiam contribuir para salvar mais vidas, mas tem dinheiro dos impostos de todos nós para pagar aos nossos colegas sul-africanos e outros, não só os tratamentos como ainda os check ups de rotina, dos quadros superiores dos três poderes. Só podemos concluir que nos maltratam e nos desprezam porque não precisam de nós. É assim que o Senhor Presidente acha que vamos cultivar a auto-estima?

O Governo diz não ter o dinheiro que precisa para a Saúde. Não cumpre a percentagem orçamental proposta pela OMS. Concordamos, mas gostaríamos de saber como é que após 37 anos de Independência ainda não descobriram que os seguros de saúde podem ser uma fonte de financiamento alternativo, para não falar dos microimpostos aos megaprojetos. Viajam por tudo o que é sítio neste mundo e o que é que aprenderam? O nosso estado de exasperação é por nos parecer que os problemas do Povo e os nossos e ao invés do que propalam, são a menor das suas preocupações.

Como funcionários públicos do Estado sabemos que na função pública muitos têm salários maus e estamos solidários com todos os profissionais. No entanto, está documentado que em certos sectores as coisas funcionam de maneira bem diferente, por exemplo, um servente do Banco Moçambique recebe entre 20000 a 30000Mt, um motorista no mesmo banco recebe entre 20000 a 50000 Mt, um ajudante de escrivão judiciário tem um salário base de 17584 Mt, um secretário judicial tem um salário base de 31970 Mt, um juiz em topo de carreira tem um salário base de 37366 Mt, um comissário geral tributário/aduaneiro tem 47453 Mt, muitos deles têm emolumentos de 100% e regalias como casa e viatura de serviço, combustível, despesas caseiras e outras, mas a bem da verdade têm um compromisso de exclusividade. E os deputados?

À exceção dos deputados, não quero dizer que está errado pagar-lhes mais, gostaria era de saber por que razão o médico que dedica todo o seu tempo e mais algum ao trabalho tem um reconhecimento em termos salariais menor que um auxiliar de escrivão e não é equiparado a outros licenciados que auferem bem mais.

Há na função pública pesos e medidas claramente diferentes.

Ao longo da nossa história no pós-independência, em nenhum momento foi feita a revisão dos salários dos médicos como aconteceu para outras classes, inúmeros dirigentes prometeram mundos e fundos, mas nunca cumpriram, e eles têm a sua assistência médica garantida no sector privado ou fora do país à custa dos nossos impostos.

Em 2011 o actual Ministro da Saúde prometeu aos médicos em especialização um subsídio que os pudesse ajudar a enfrentar as dificuldades que enfrentam pois é difícil ter que se dedicar o tem-

po todo à aprendizagem e pagar as contas apenas com o magro salário e até ao momento nada foi feito.

Em Novembro de 2011 foram apresentadas as preocupações do sector saúde ao Presidente Guebuza, e as reivindicações actuais foram referidas, e foi prometido que se iria resolver o assunto e até ao momento nada foi feito.

A actual direcção da Associação Médica de Moçambique (AMM) foi eleita e tomou posse em Maio de 2012 e nesta cerimónia o actual Ministro da Saúde manifestou a sua satisfação e comprometeu-se na colaboração entre as duas instituições. Mas desde o início das actividades só foram encontradas dificuldades, até em aspectos que iriam beneficiar o médico, por exemplo, bloquearam e impediram a execução de um acordo que permitiria a criação de uma página web que se pretendia que fosse também uma fonte de informação científica para os associados.

Estão documentadas as inúmeras solicitações de esclarecimento sobre a situação do estatuto e revisão salarial que sabíamos estar em curso e nunca houve resposta.

Perante este silêncio é convocada em Novembro de 2012 uma assembleia-geral que deliberou a prossecução de tentativas esclarecimento da situação por cartas enviadas ao MISAU, GABINETE DO PRIMEIRO MINISTRO, PRESIDÊNCIA DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA todos estes com conhecimento do Secretário Geral do Partido FRELIMO e a resposta foi o silêncio. A AMM parte então para o pré-aviso de greve que desperta a atenção do Governo e de imediato se realiza um encontro entre o Primeiro-Ministro e o MISAU, AMM e Ordem dos Médicos e deste saiu uma deliberação para se encontrar uma solução.

Na sequência, o MISAU e a AMM iniciam negociações para rever o estatuto e o salário em comissões específicas nas quais participam apenas médicos funcionários públicos.

Foi então que o MISAU apresenta uma proposta salarial inicial em que haveria uma subida do salário base do recém-formado para 20.000Mt e 38.000Mt para o especialista consultor. Feitas as contas, a subida real do salário líquido seria dos \pm 24000 Mt actuais para \pm 28000Mt para o recém- formado e dos \pm 42000 Mt para \pm 48000Mt. Esta nunca fora discutida com os representantes da classe e já tinha cabimentação orçamental em Junho de 2012, em documento assinado pelo Ministro das Finanças.

Esta proposta é apresentada em reunião geral de médicos hoje histórica pela afluência. Nunca em momento algum da história da AMM uma reunião juntou tantos médicos, e o anfiteatro da Faculdade de Medicina foi pequeno para perto de 400 que ocuparam o espaço todo da sala e de fora ficaram vários, além dos que pela Internet acompanharam este encontro. Estima-se que cerca de 1/4 dos médicos moçambicanos na função pública tenha estado presente. Esta assembleia chumbou a proposta do Governo pois ficou claro ela não dignificava o médico e seguindo o princípio de se lutar por um salário base digno suplementado por subsídios que podem ser retirados a qualquer momento e delegou-se a direcção da AMM para avançar para a negociação com uma proposta de um mínimo de 40000Mt de salário de base tendo em vista o que se paga a outras classes de profissionais na função pública, pois o médico não é mais nem menos válido que os outros profissionais que auferem esses salários.

Nas negociações foram acordados a composição das comissões e prazos (com documento assinado pelas partes) para o término das negociações com soluções aprovadas, 5 de Janeiro para a comissão de revisão salarial e 31 de Janeiro para a comissão de revisão do estatuto.

A comissão de revisão do estatuto fez o seu trabalho sem grandes percalços.

Contrariamente ao acordado, deveriam integrar a comissão de revisão salarial membros do Ministério das Finanças e da Função Pública mas nunca foi explicada a sua ausência. Esta negociação foi conduzida a passos de camaleão com a ausência injustificada pelo MISAU a 24 de Dezembro, não sendo permitida a participação da AMM nos encontros nas Finanças, para só no dia 3 de Janeiro apresentarem à AMM uma proposta salarial no mínimo indecente pois era menor que a inicialmente chumbada, com um salário base inicial de 18000Mt que foi obviamente chumbada e ficou

o MISAU de apresentar uma nova proposta no dia seguinte.

A alegação apresentada foi que o orçamento do Estado já tinha sido aprovado, que não havia muito espaço para manobra pois não havia mais dinheiro, além de que uma revisão no salário base do médico implicaria uma revisão de toda a estrutura salarial dos funcionários. ESTAMOS A FAZER DE 1274 MÉDICOS. Ora não há dinheiro para rever os salários mas há dinheiro para viaturas de luxo, helicópteros, passagens em primeira classe, pontes para lado nenhum. Durante as conversas na mesa de negociação houve quem lamentasse que por causa da falta de dinheiro não tinha sido possível aos directores adquirirem viaturas novas em 2012, e perguntou o que foi feito às anteriores? E às anteriores a essas? Passaram-nas aos familiares?

Alega-se que não há dinheiro mas o Governo gasta com cada médico cubano que está no país \$6000 por mês. Alega-se que não há dinheiro mas foi publicado no Jornal Notícias recentemente que a Assembleia da República vai rever em Março o seu Estatuto e Regimento. Será que verificaram que estão com despesas muito altas (880 milhões de meticais por ano) e vão reduzi-las?

A reunião de dia 4 de Janeiro não aconteceu e a AMM viu-se obrigada a anunciar as directrizes para a greve, e é quando médicos seniores conselheiros da AMM são chamados a um encontro com o MISAU e altos dirigentes do Ministério das Finanças que expõem a situação actual de insatisfação da classe e descredito em que caíram pelas falhas sucessivas ao longo dos anos e do recente e ao apresentarem aquela contraproposta salarial.

Neste encontro foram dadas instruções para se encontrar uma nova proposta. Sabe-se que ela existe mas não foi apresentada no prazo acordado, e provavelmente, se fosse uma proposta aceitável - um meio-termo com garantias de se continuar a melhorar até se atingir o desejado, a AMM - aberta à negociação como claramente mostrou estar, cancelaria esta paralisação.

O Governo volta a pautar pelo silêncio, o mesmo silêncio que levou à assembleia-geral de Novembro e o mesmo silêncio que levou ao pré-aviso de greve.

Mas este silêncio foi apenas na mesa de negociações, pois o Ministro da Saúde vem a público atacar alguns membros da AMM, refere-se a valores propostos não verdadeiros e a valores também não verdadeiros que paga aos poucos especialistas nas províncias mas não diz que não paga isso aos de Maputo, coloca-se contra os médicos e tenta colocar a opinião pública contra os médicos. Há exemplos recentes do caminho a que tal comportamento levou, ou não? E sobre o tal subsídio extra que é pago aos médicos especialistas, que a anterior Direcção do MISAU havia retirado, os tais \$500 para renda de casa são na verdade 13000Mt e as rendas de casa são de 20000Mt em muitas capitais provinciais, além do facto de tais subsídios de "topping up" não contarem para a reforma.

Depois sai a público um comunicado de imprensa ameaçando os médicos e é publicitado que a greve dos médicos é ilegal. Vários juristas consultados são de opinião contrária, pois o facto de a greve não estar regulamentada no Estatuto Geral do Funcionário e Agentes do Estado não a torna ilegal pois existem outros instrumentos legais que a tornam legal, nomeadamente a Constituição da República, a Lei do Trabalho e o Estatuto da Ordem dos Médicos e seu Código Deontológico.

Meus compatriotas, a greve é legal, vai ser realizada sim e durante a sua duração vão ser garantidos os serviços médicos mínimos. Gostaria de convidar os compatriotas que alegam a ilegalidade deste movimento para publicarem os seus salários, regalias e os subsídios não publicados em Boletim da República.

A todos peço que compreendam a nossa situação e que queremos apenas ser tratados como outros profissionais da função pública.

Para finalizar, quero lembrar que Moçambique é hoje um país independente porque um grupo de jovens apercebeu-se de uma série de injustiças, juntou-se e formou a FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE.

*Um médico jovem e atento

Democracia

5 perguntas para 2013

2012 foi um ano difícil e 2013 não promete melhorias. Face a esse cenário, @Verdade seleccionou cinco perguntas essenciais para este ano, designadamente:

1 - O PARLAMENTO APRESENTARÁ O REAL PROJETO DE REVISÃO DA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA ESTE ANO?

Tudo indica que sim. A Comissão ad hoc para a Revisão da Constituição da República vai gastar só este ano cerca de 16 milhões de meticas para levar a cabo o processo de auscultações das ideias de diversos segmentos da sociedade no que se chamará de debates públicos nacionais. A Comissão arranca este mês com as suas actividades com vista à preparação da fase mais decisiva de todo o processo de revisão que deverá ter lugar ainda este ano.

2 - O QUE SE PODE ESPERAR DAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS?

As eleições autárquicas, a terem lugar este ano, constituem o grande desafio político para os moçambicanos, sobretudo para os três maiores partidos, nomeadamente Frelimo, Renamo e Movimento Democrático de Moçambique (MDM). Entretanto, pode-se esperar tudo dos escrutínios que se avizinharam, menos eleições livres, justas e transparentes por razões que já se conhecem. Sem dúvidas, o processo eleitoral estará cheio dos habituais vícios, começando com a recolha compulsiva de cartões dos membros do partido e intimidações dos funcionários públicos, para não falar da parcialidade da Comissão Nacional das Eleições (CNE).

3 - A RENAMO NÃO VAI PARTICIPAR NAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS?

Depois do fracasso negocial entre o Governo e a Renamo, o líder da "perdiz" convocou uma reunião de emergência para delinear estratégias para fazer valer as suas reivindicações marginalizadas pela sua contraparte. A Renamo ameaça não participar nas eleições autárquicas que se avizinharam e diz que pretende instaurar uma nova ordem política, que passa pela criação de um Governo de transição. Não é a primeira vez que aquela segunda maior força política faz esse tipo de ameaças. O principal partido da oposição boicotou as eleições municipais intercalares realizadas no final de 2011 e início do ano passado em quatro municípios por considerar que não havia condições de integridade do processo eleitoral. Porém, desta vez a situação poderá ser diferente, uma vez que a Renamo terá muito a perder com essa decisão.

4 - A PARTIDARIZAÇÃO DO ESTADO ANTIGIRÁ UM NÍVEL GRAVE?

É provável que sim, pois não há vontade política por parte do partido no poder em reverter essa situação. Diga-se, em abono da verdade, a partidarização do Estado é um cenário que está a atingir níveis gritantes e que a longo prazo terá efeitos desastrosos, embora o Governo não admita esse facto. A título de exemplo, quase todos os dirigentes das empresas públicas fazem parte do Comité Central do partido Frelimo. Além disso, ser membro da Frelimo continuará a ser o principal requisito para ingressar no Aparelho do Estado, em detrimento da competência. Neste ano, sem dúvidas, voltaremos a assistir ao mesmo cenário.

5 - SERÁ APROVADO O CÓDIGO PENAL?

A não aprovação do Código Penal (CP), pela Assembleia da República (AR), enfraquece, em parte, o combate eficaz dos crimes de corrupção e conexos. A desculpa apresentada para a não aprovação do documento em causa é a escassez de tempo para fazer o debate que antecede a aprovação de um importante instrumento legal, como é o CP. Esta justificação vem desde o ano de 2011 e corre-se o risco de a situação prevalecer por longos anos.

“Contribuimos para a melhoria na provisão dos serviços básicos aos cidadãos de Chitima”

O @Verdade esteve na província de Tete, na zona centro do país, e entrevistou Venâncio Gomes e Salvador Sebastião, presidente e secretário-geral da Redacaba, respectivamente, uma plataforma distrital de organizações da sociedade civil e que integra dez associações da vila sede de Chitima, distrito de Cahora Bassa.

Texto & Foto: Víctor Bulande

O que é Redacaba?

A Redacaba (Rede Distrital das Associações de Cahora Bassa) é uma organização formada por 10 associações do distrito de Cahora Bassa, província de Tete, cujos trabalhos estão virados para a área do saneamento do meio ambiente, e isso inclui a limpeza, higiene e o acesso à água potável.

Porque escolheram a área do saneamento do meio ambiente?

Por ser o problema que mais afectava a qualidade de vida das comunidades da vila de Chitima, pondo em risco a sua higiene e saúde. Só para se ter uma ideia, não havia aterros sanitários, o que contribuía para a acumulação de lixo, havia a prática do fecalismo a céu aberto, havia falta de limpeza, as comunidades recorriam a águas estagnadas para uso doméstico, etc.

Para além destes problemas, existem outros relacionados com o saneamento e o meio ambiente?

Sim, há falta de acesso à água tratada, as pessoas usam as matas, leito dos rios e as vias públicas para a satisfação de necessidades biológicas, falta de hábitos de higiene. Isto trazia graves consequências à vida da comunidade, dentre as quais a ocorrência de doenças de origem hídrica, malária, entre outras.

Havia também o hábito de abrir buracos para a extração da argila para a produção de tijolos, e isso degradava o solo e provocava a erosão.

Mas as comunidades têm outras preocupações...

Pois, este (saneamento do meio ambiente) é um dos principais problemas que afectam a vida das comunidades, tanto é que não olhamos apenas para a questão do saneamento do meio ambiente, mas também para as preocupações das populações, que pensavam que a sua solução passava pela intervenção do Governo.

Quando é que foi fundada a plataforma?

A organização foi fundada em 2010, altura em que reunimos as associações e explicámos-lhes que, por os nossos objectivos (saneamento do meio, limpeza, higiene e água) serem

Formas de ajuda aos idosos

Para além da área do saneamento do meio ambiente, sabe-se que a Redacaba está envolvida na defesa dos idosos. Como é que é feito esse trabalho?

Nós fazemos visitas às suas casas. Por exemplo, constatámos que nos bairros 25 de Junho e 1º de Maio residem muitos idosos, e estes não têm capacidade física para abrir latrinas. Canalizámos isso ao governo distrital e este, por sua vez, envolveu jovens que estão em conflito com a lei na construção das latrinas.

Como? Jovens em conflito com a lei?

Se alguém é julgado pelo tribunal comunitário e é condenado ao pagamento de uma multa, a mesma é convertida em trabalho. Para além dos jovens em conflito com a lei, envolve pessoas que prestam trabalhos em troca de comida. Este últimos recebem cinco quilogramas de milho por cada trabalho que prestam.

Que tipos de crimes são julgados pelo tribunal comunitário?

São crimes relacionados com o roubo de gado (que são muito comuns aqui no distrito), agressões, violência verbal, e ofensas morais. Há uma polícia comunitária que faz o controlo desse tipo de casos. Os tribunais formais (judiciais) não julgam casos tidos como "mesquinhos", tais como os que foram acima mencionados.



comuns, não podíamos trabalhar de forma isolada. Elas compreenderam e aderiram à ideia. Em 2011, procurámos um organismo que nos pudesse ajudar e financiar, neste caso o MASC (Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil).

Aliás, o MASC ajudou-nos a estabelecermos através de formações. Fez-nos perceber que, se as organizações da sociedade civil trabalhassem em conjunto, garantiriam a prossecução das suas ac-

Financiamento

Quais são as vossas fontes de financiamento?

Neste momento só temos uma, que é o MASC (Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil).

Porquê? É difícil ter financiamento ou só contactaram uma instituição?

Contactámos várias. Fomos pedir apoio à Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB), disseram-nos que tínhamos de apresentar um projeto. Apresentámo-lo em 2011 mas até agora não nos responderam. Para nós, isso é um não. Apesar de termos o MASC como financiador, pensamos que não podemos parar por aqui, temos de ter mais parceiros.

Desenvolvem alguma actividade de rendimento?

Não, mas já estamos a elaborar um projeto para submeter ao Conselho Consultivo para podermos ter acesso ao Fundo de Desenvolvimento Distrital (Sete Milhões), apesar de não termos um fim lucrativo. Quem sabe, depois disso possamos ter uma fonte de rendimento que nos permita financiar algumas actividades da associação.

Neste momento, quanto é que recebem do vosso único financiador, o MASC?

As nossas actividades estiveram, até agora, divididas em duas fases. Na primeira recebemos 20 mil dólares, e, devido à extensão do período (por mais seis meses), tivemos mais seis mil. No total, foram 26 mil. A segunda fase teve um financiamento de 40 mil dólares, e agora vamos fazer o levantamento dos problemas não só das áreas do meio ambiente e saneamento, mas também de outras.

Democracia

tividades, fortaleceriam a sua capacidade como uma voz única e assegurariam a representatividade do interesse dos cidadãos.

E de que forma o MASC apoiou?

Depois de termos exposto as nossas preocupações e as formas de como as ultrapassar, o MASC capacitou-nos em matérias de boa governação, monitoria e avaliação da governação e gestão financeira, para além de nos oferecer apoio técnico.

Em 2011 recebemos um financiamento para implementar o projecto de Monitoria e Advocacia do Saneamento do Meio Ambiente, abrangendo 13 bairros da vila de Chitima. Em 2012, ampliamos o nosso raio de cobertura, abrimos novas frentes e aumentámos o nosso efectivo. Ainda em 2012, devido à falta de recursos financeiros, começámos a trabalhar em Outubro, embora tivéssemos realizado algumas actividades.

Em que consistia o projecto de Monitoria e Advocacia do Saneamento do Meio Ambiente?

O projecto consistia em melhorar o saneamento do meio nos bairros da vila sede de Chitima, garantir a existência de aterros sanitários, latrinas e fontenárias e garantir o seu pleno funcionamento, influenciar o governo distrital para a expansão do acesso à água potável e ao saneamento básico da população, eliminar a acumulação de lixo em locais públicos e diminuir o fecalismo a céu aberto.

De que forma as acções da Redacaba se reflectem na vida das comunidades?

Nós trabalhamos em estrita coordenação com o governo distrital, cujas decisões são, em muitos casos, influenciadas por nós. Fazemos entrevistas, inquéritos às populações e organizamos debates. No fim, levamos as preocupações das comunidades ao governo distrital.

Os inquéritos que fazemos regularmente servem para acompanhar a evolução das actividades da plataforma e verificar possíveis mudanças, para além de permitirem verificar o número de famílias que têm acesso à água tratada para o consumo.

Sentem que a vida das comunidades mudou como resultado dos trabalhos da Redacaba?

Sim. Por exemplo, antes, a vila de Songo estava cheia de lixo, não havia controlo das latrinas nos mercados e em algumas instituições. Como o trabalho da Redacaba, foram instaladas latrinas melhoradas, o lixo é recolhido regularmente, e as comunidades já sabem que tipo de água devem consumir. Um dos maiores ganhos foi a construção de um aterro sanitário.

A nossa intervenção na área do saneamento do meio ambiente reflecte-se também no sector da saúde. No primeiro semestre de 2011 foi feita uma análise comparativa entre a ocorrência de doenças endémicas antes e depois da implementação do projecto de Monitoria e Advocacia do Saneamento do Meio Ambiente e constatou-se que houve uma redução significativa.

Como é que a Redacaba trabalha?

As nossas actividades são realizadas através de pequenos

grupos formados por membros das associações que compõem a Redacaba. Todas elas (as actividades) são levadas a cabo com o conhecimento das estruturas locais, nomeadamente o administrador, chefes de localidade, chefes do bairro, e os resultados são partilhados com essas entidades.

É fácil trabalhar com 10 associações? Não tem havido conflitos?

De modo algum. Nós pautamos pela representatividade. Por exemplo, os sete pequenos grupos que trabalham nos bairros são compostos por três pessoas, cada um deles, provenientes de associações diferentes.

Como é o vosso relacionamento com o governo distrital?

É saudável, embora tivéssemos tido problemas no princípio. O governo distrital, quando fomos apresentar a associação e os seus objectivos, pensou que quiséssemos criticar as suas actividades. Só depois de um tempo é que a administração viu que o nosso propósito era servir de elo entre ele e as comunidades. Nós fazemos chegar ao governo distrital as preocupações das populações. Somos uma espécie de intermediário entre a comunidade e o governo distrital.

Quando ouviram falar do termo "monitorar" pensavam que quiséssemos especular as suas ações. Mas com o tempo as coisas mudaram. Hoje, o administrador do distrito, quando efectua uma visita, faz questão de convidar a Redacaba porque sabe que nós colaborámos na melhoria da vida das comunidades.

Os nossos membros já são convidados a participar em sessões do conselho consultivo local, nas sessões do governo e na recepção de visitas oficiais.

Não foram confundidos com a oposição por pretendarem monitorar as actividades do governo local?

É difícil responder, mas tivemos esse receio durante o processo de organização da plataforma. Tínhamos medo de sermos conotados com partidos políticos por trabalharmos na área de monitoria e advocacia. Mas vencemos o medo.

Que decisões o governo distrital tomou e que a Redacaba sente que foi devido à sua influência?

São várias. O governo distrital, através dos Serviços Distritais de Saúde, mandou encerrar todos os estabelecimentos comerciais (barracas e outros locais de venda e consumo de alimentos e bebidas alcoólicas) que não cumprissem com as recomendações relativas à adopção de hábitos de higiene correctos, tais como a utilização de utensílios adequados, instalação de latrinas, e as que continuavam a usar crianças como trabalhadoras,

Assumiu a responsabilidade de garantir a recolha do lixo com o envolvimento da população, através do programa "comida pelo trabalho" e da articulação com o sector privado. Existe um plano de aquisição de um tractor para a recolha de resíduos sólidos e a Redacaba foi convidada a assumir a gestão da sua utilização. Portanto, estes são alguns ganhos que a Redacaba pode reivindicar.

"Há machambas expropriadas pela ENRC e os proprietários não têm coragem de reivindicar os seus direitos"

E em relação às comunidades que vão ser reassentadas pela ENRC para dar lugar à exploração do carvão, a Redacaba já foi ouvir as suas principais inquietações?

Sim, e elas temem ter o mesmo destino que as que se encontram em Cateme. Temem estar em zonas sem áreas para a prática da agricultura, infra-estruturas públicas, entre outras condições. Elas dizem que as empresas envolvidas na exploração do carvão só dão o que pensam que as comunidades merecem, sem as ouvir.

Quando estavam a construir as casas onde as populações serão reassentadas, as primeiras estavam a ruir porque a zona tem água salgada. Actualmente, há machambas que foram expropriadas, e os proprietários não têm coragem de se aproximar da empresa, nem da administração distrital, para reivindicar os seus direitos. As preocupações todas terminam nas conversas do bairro, há falta de diálogo. As comunidades ainda não foram auscultadas.

Há também a questão do emprego. As populações dizem que a ENRC está a contratar estrangeiros, em detrimento da comunidade. O que nós pensamos é que, nesta fase de implantação, a empresa esteja a recrutar quadros qualificados. Não sabemos o que vai acontecer quando começar a exploração.

E qual é o posicionamento do Governo?

O Presidente da República, Armando Guebuza, aquando da sua visita ao distrito de Cahora Bassa, chamou a atenção à empresa para a necessidade de evitar que os problemas de Cateme se repitam aqui. E o que a população está a apresentar são preocupações legítimas.

A água constitui o principal problema de Cahora Bassa

Qual é a principal inquietação apresentada pelas comunidades visitadas pela Redacaba?

Água. Em muitas zonas, as populações queixam-se da falta de água. A que consomem é salubre, por vezes usam as mesmas fontes com os animais. Mesmo nas visitas dos governadores, as comunidades apresentam esta preocupação.

Disseram que havia um plano de abertura de mais fontes, mas isso não passa de um plano. Nem sabemos quando é que o mesmo vais ser implementado. Enquanto isso não acontece, as pessoas têm de se deslocar ao rio, cujo caudal é variável. Agora está seco. "Lutam"

com os animais para ter água, e há jovens de má-fé que defecam no período da noite. É uma situação lamentável.

O actual sistema de abastecimento não consegue responder à demanda?

Não. A motobomba já não consegue puxar a água para os tanques. Em 2011, e com a intervenção da Redacaba, o governo distrital, através da Visão Mundial, contratou uma empresa que devia abrir 30 furos, mas, devido à chuva, só conseguiu 15. Mas a época chuvosa passou,

e não vemos o empreiteiro. O governo distrital, quando contactado, diz que a empresa é sul-africana e recolheu todo o equipamento.

E isso revela falta de interesse por parte do governo distrital?

Nós sabemos que o governo distrital tem a noção do problema das comunidades, mas a resposta está a ser tardia. Estamos preocupados porque, quando começa a chover, os poços enchem-se de sujidade.

CEDE apresenta Legislação Eleitoral aprovada pela Assembleia da República

O Centro de Estudos de Democracia e Desenvolvimento (CEDE) procedeu, no dia 27 de Dezembro de 2012, à apresentação da Legislação Eleitoral aprovada pela Assembleia da República no dia 11 de Dezembro, cujo evento contou com a presença do presidente da Comissão da Administração Pública, Poder Local e Comunicação Social da Assembleia da República, Alfredo Gamito.

A mesma inclui, para além da Lei da Comissão Nacional de Eleições, a Lei da Eleição do Presidente

Processo Eleitoral	
Artigo	Descrição
6	A marcação da data das eleições presidenciais e legislativas é feita com uma antecedência mínima de 18 meses e realizam-se até à primeira quinzena de Outubro, de cada ano, em data a definir por decreto do Presidente da República, sob proposta da Comissão Nacional de Eleições As eleições presidenciais e legislativas realizam-se, simultaneamente, num único dia, em todo o território nacional
9	Os actos referentes ao sufrágio eleitoral são objecto de sufrágio por entidades nacionais e ou internacionais.
17 1a)	Os mandatários são designados para o nível central, provincial e distrital ou de cidade.
35	1. A campanha eleitoral é financiada por: a) contribuição dos próprios candidatos, dos partidos políticos, coligação de partidos políticos ou grupos de cidadãos eleitores proponentes b) contribuição voluntária dos cidadãos nacionais e estrangeiros c) produto da actividade das campanhas eleitorais d) contribuição dos partidos amigos nacionais e estrangeiros e) contribuição de organizações não governamentais nacionais e estrangeiras 2. O Orçamento do Estado deve prever uma verba para o financiamento da campanha eleitoral, a ser desembolsado aos destinatários até vinte e um dias antes do início da campanha eleitoral 3. É proibido o financiamento às campanhas eleitorais dos candidatos e dos partidos por parte de governos estrangeiros, organizações governamentais e instituições ou empresas públicas nacionais ou estrangeiras.
41	1. Em cada mesa de assembleia de voto há um único caderno de recenseamento eleitoral e a respectiva réplica para ambas as eleições (presidenciais e legislativas) 1 b) Cada caderno de recenseamento eleitoral é destinado ao registo de eleitores que não podem exceder oitocentos por mesa 1 c) Até quarenta e cinco dias antes das eleições, a Comissão Nacional de Eleições distribui aos mandatários de candidatura e divulga nos órgãos de comunicação social e fixa em lugares de fácil acesso público o mapa definitivo dos locais de funcionamento das mesas de voto, com a indicação dos códigos das assembleias de voto, respectivas mesas, o número de eleitores por caderno de recenseamento eleitoral e o respectivo código.
42	2 a) O local de funcionamento da assembleia de voto coincide com o posto de recenseamento eleitoral.
46	2. A mesa de assembleia de voto é composta por cinco membros no máximo, nomeadamente um presidente, um vice-presidente, um secretário e dois escrutinadores. 3. Os membros da mesa de assembleia de voto devem saber ler e escrever português, e possuir formação adequada à complexidade da tarefa. 4. Pelo menos dois membros da mesa devem falar a língua local da área onde se situa a assembleia de voto. 5 a) Os partidos políticos, coligação de partidos políticos ou grupos de cidadãos proponentes têm legitimidade para apresentar reclamações e recursos sobre o processo de designação dos membros das mesas de voto. 5 b) Decidida favoravelmente a reclamação, o Secretariado Técnico da Administração Eleitoral respetivo é obrigado a corrigir a irregularidade. 6. O exercício da função de membro da mesa de assembleia de voto é incompatível com a qualidade de mandatário ou delegado de candidatura, observador, jornalista ou membro dos órgãos eleitorais de escalão superior.
52	1. Cada partido político, coligação de partidos políticos ou grupo de cidadãos eleitores proponentes tem o direito de designar de entre os eleitores um delegado efectivo e outro suplente para cada mesa de assembleia de voto. 2. Os delegados podem ser designados para uma mesa de assembleia de voto diferente daquela em que estão inscritos como eleitores, dentro da mesma unidade geográfica de recenseamento. 3. A falta de designação ou comarência de qualquer delegado não pode ser invocada contra a plena validade do resultado do escrutínio e nem afecta a regularidade dos actos eleitorais, salvo em caso de comprovado impedimento.

Eleição do Presidente da República

Artigo	Descrição
126	São elegíveis para o cargo de Presidente da República os cidadãos eleitores moçambicanos de nacionalidade originária, que não possuam outra nacionalidade, e que sejam maiores de trinta e cinco anos de idade .
127	Não são elegíveis a Presidente da República os cidadãos que: a) Não gozem de capacidade eleitoral activa a1) Tenham exercido dois mandatos consecutivos b) Estejam em regime de condenados em pena de prisão maior por crime doloso c) Não residam habitualmente no país há pelo menos doze meses antes da data da realização das eleições d) Estejam em regime de condenados em pena de prisão por furto, roubo, abuso de confiança, burla, falsificação ou por crime doloso cometido por funcionário, bem como os delinquentes habituais de difícil correção quando tenham sido declarados por decisão judicial d1) Tiverem renunciado ao mandato imediatamente anterior
136 a)	1. O acórdão de admissão das candidaturas é proferido no prazo de quinze dias a contar da data limite para a apresentação das candidaturas. 2. O acórdão tem como objecto todas as candidaturas e é imediatamente notificado aos candidatos ou aos seus mandatários e à Comissão Nacional de Eleições à porta do Conselho Constitucional. 3. O acórdão é também publicado nos principais órgãos de comunicação social.
138	1. A desistência de candidaturas é apresentada ao Presidente do Conselho Constitucional até quinze dias antes do início do sufrágio, mediante declaração escrita do candidato, com a assinatura reconhecida pelo notário.
139	1. Em caso de morte de qualquer candidato ou da ocorrência de qualquer circunstância que determine a incapacidade do candidato para continuar a concorrer às eleições presidenciais, o facto deve ser comunicado ao Presidente do Conselho Constitucional, no prazo de até três dias após a sua ocorrência, com a indicação da intenção de substituição ou não do candidato. 2. Sempre que haja intenção de substituição do candidato, o Presidente do Conselho Constitucional concede um prazo de três dias para a apresentação da nova candidatura e comunica de imediato o facto ao Presidente da República. 3. O Presidente da República, sob proposta da Comissão Nacional de Eleições, marca uma nova data para as eleições gerais presidenciais e legislativas. 4. No caso em que se não pretenda substituir o candidato ou decorrido o prazo de três dias a contar da data da ocorrência do facto as eleições têm lugar na data marcada.

da República e dos Deputados da Assembleia da República, a Lei do Recenseamento Eleitoral, a Lei das Eleições Autárquicas, e a Lei de Eleição dos Membros das Assembleias Provinciais.

O @Verdade traz, a seguir, as principais alterações feitas às leis acima mencionadas, com destaque para a Lei da Eleição do Presidente da República e dos Deputados da Assembleia da República.

54	<p>Direitos dos delegados de candidatura:</p> <p>a) Estar presente no local onde funcione a mesa da assembleia de voto e ocupar o lugar mais adequado b) Verificar, antes do início da votação, as urnas e as cabinas de votação c) Solicitar explicações à mesa da assembleia de voto e obter informações sobre os actos do processo de votação e do escrutínio e apresentar reclamações perante a mesa da assembleia de voto, no decurso dos actos eleitorais d) Ser ouvido em todas as questões que se levantem durante o funcionamento da assembleia de voto, quer durante a votação, quer durante o escrutínio e) Fazer observações sobre as actas e os editais, quando considere conveniente, e assiná-los, devendo, em caso de não assinatura, fazer constar as respectivas razões f) Rubricar todos os documentos respeitantes às operações eleitorais g) Consultar a todo o momento os cadernos de recenseamento eleitoral h) Receber cópias da acta e do edital originais, devidamente assinadas e carimbadas hA) Receber impressos para apresentação de eventuais reclamações, protestos e contra-protestos, a submeter imediatamente à decisão da mesa da assembleia de voto</p> <p>Deveres dos delegados de candidatura:</p> <p>a) Exercer uma fiscalização conscientiosa e objectiva b) Cooperar para o desenvolvimento normal da votação, do escrutínio e do funcionamento da mesa da assembleia de voto c) Evitar intromissões injustificáveis e de má-fé à actividade da mesa da assembleia de voto d) Não permitir rasuras e inutilização injustificada de boletins de voto e em nenhum documento referente às operações eleitorais</p>
65	<p>1. Para efeitos de admissão à votação, o nome do eleitor deve constar do caderno de recenseamento eleitoral e a sua identidade deve ser reconhecida pela respectiva mesa, mediante a apresentação do cartão de eleitor.</p> <p>2. Na falta do cartão de eleitor, a identidade do eleitor pode ser reconhecida mediante a apresentação do bilhete de identidade, ou passaporte, carta de condução, cartão de trabalho, de estudante ou ainda pela apresentação do cartão de desmobilizado.</p>
67	<p>1. A abertura da assembleia de voto não tem lugar nos casos de: a) impossibilidade de constituição da respectiva mesa b) ocorrência, no local ou nas proximidades, de calamidades ou perturbação de ordem pública, na véspera ou no próprio dia marcado para a eleição 1 A) A impossibilidade de abertura da assembleia de voto é declarada pela comissão de eleições distrital ou de cidade, sobre proposta do Secretariado Técnico da Administração Eleitoral respetivo.</p>
68 A)	<p>A votação decorre ininterruptamente, devendo de entre os membros da mesa de voto fazer-se substituir, quando necessário.</p>
70	<p>1. Não é permitida a presença nas assembleias de voto de: a) cidadãos que não sejam eleitores b) cidadãos que já tenham exercido o seu direito de voto naquela assembleia ou noutra. 2. É, porém, permitida a presença de delegados de candidaturas, de observadores, de agentes da Polícia da República de Moçambique, de paramédicos destacados para a respectiva mesa da assembleia de voto e de profissionais de comunicação social.</p>
71	<p>1. O presidente da mesa declara encerrada a votação logo que tenham votado todos os inscritos e presentes na respectiva assembleia de voto até às dezoito horas do dia da votação. 2. Quando forem dezoito horas e ainda haja eleitores para a mesa da assembleia de voto, o presidente da mesma ordena a distribuição de senhas enumeradas e rubricadas a todos os eleitores presentes e, de seguida, a votação continua pela ordem numérica de senhas, até ao último eleitor.</p>
73	<p>Podem exercer o direito do sufrágio nas mesas de voto, quando devidamente credenciados, ainda que não se encontrem inscritos no correspondente caderno de recenseamento eleitoral: membros da mesa de voto, delegados de candidatura, agentes da polícia em serviço na assembleia de voto, jornalistas e observadores nacionais, membros dos órgãos eleitorais a todos os níveis.</p>
82 a)	<p>Todas as operações de apuramento são efectuadas no local da assembleia de voto.</p>
90	<p>1. O apuramento parcial é imediatamente publicado através da cópia do edital original, devidamente assinado e carimbado no local de funcionamento da assembleia de voto, no qual se discrimina o número de votos de cada candidatura, o número de votos em branco e o número de votos em branco. 2. Em cada mesa da assembleia de voto o resultado parcial das eleições só pode ser tornado público simultaneamente após a hora estabelecida para o encerramento da votação a nível nacional. 3. A acta e o edital de apuramento parcial são afixados na assembleia de voto em lugar de acesso ao público, pelo presidente da mesa da assembleia de voto.</p>
142 a)	<p>Em caso de morte ou incapacidade de um dos dois candidatos mais votados, o Conselho Constitucional declara a nulidade do processo e o Presidente da República, sob proposta da Comissão Nacional de Eleições, marca uma nova data para as eleições presidenciais.</p>
	<p>Eleição dos Deputados da Assembleia da República</p>
156	<p>São inelegíveis para a Assembleia da República: Os magistrados em efectividade de serviço, os membros das forças militares e militarizadas e elementos das forças de segurança pertencentes aos quadros permanentes no activo, os diplomatas de carreira e, efectividade de serviço, os membros da Comissão Nacional de Eleições e os seus órgãos de apoio, do Secretariado Técnico da Administração Eleitoral e das suas representações ao nível provincial, distrital ou de cidade.</p>
167	<p>1. Ninguém pode ser candidato por mais de uma lista, sob pena de inelegibilidade. 2. Ocorrendo a repetição nas listas do mesmo proponente é conferida a faculdade de optar por um dos círculos eleitorais, sob pena de inelegibilidade do candidato.</p>
168	<p>1. Os partidos políticos que se coligem para fins eleitorais devem comunicar o facto à Comissão Nacional de Eleições para a anotação em documento assinado conjuntamente pelos respectivos órgãos. 2. É permitido a dois ou mais partidos políticos apresentarem conjuntamente uma lista única à eleição da Assembleia da República, desde que tal coligação, depois de autorizada pelos órgãos competentes dos respectivos partidos políticos, seja anunciada publicamente nos órgãos de comunicação social até ao início do período de apresentação de candidaturas.</p>
	<p>Observação do Processo Eleitoral</p>
228 a)	<p>O comandante da força armada que, sem motivo, se introduzir na assembleia de voto, sem prévia requisição do presidente, é punido em pena de prisão até três meses e multa de seis a doze meses de salários mínimos nacionais.</p>
230 b)	<p>A observação eleitoral abrange todas as fases do processo eleitoral, desde o seu início até a validação e proclamação dos resultados eleitorais pelo Conselho Constitucional.</p>
230 d)	<p>A observação eleitoral começa a partir do início do processo eleitoral e termina com a validação e proclamação dos resultados eleitorais.</p>

Voz da Sociedade Civil

Moçambique: Um olhar à implementação da Lei sobre a Violência Doméstica Praticada Contra a Mulher

Há três anos a Assembleia da República aprovou a Lei 29/2009, lei sobre violência doméstica, com grande pompa e circunstância, no seio de gritos de júbilo. A lei visava, entre outros, tornar a violência doméstica um crime público (onde qualquer um pode denunciar) e prever sancções específicas contra os perpetradores.

No entanto, passados 3 anos, pouco ou quase nada é falado publicamente sobre as consequências da Lei 29/2009 sobre a sociedade moçambicana. Seria importante que pelo menos os que tomaram a dianteira na aprovação da lei estivessem a fazer a sua monitoria, com vista à sua implementação efectiva, quiçá o ponto de situação em relação à taxa de incidência (dados que mostrem o aumento ou diminuição dos casos).

Ainda que sem um levantamento geral, dados isolados indicam que os casos de violência, sobretudo a doméstica, contra a mulher ainda têm incidido sobre várias famílias moçambicanas, sendo inclusive perpetrada por entidades que deviam ser implementadoras da lei (polícias sobretudo).

Falar sobre Violência Baseada no Género em Moçambique é falar sobre violência contra a mulher e a rapariga, se tivermos em conta que elas constituem os grupos mais vulneráveis a todo tipo de violência, perpetrada, quer pelos seus parceiros/parentes, quer por desconhecidos. Quando a violência ocorre no espaço doméstico, é considerada violência doméstica, que constitui um dos temas preocupantes a nível mundial, em geral, e nacional em particular.

Desse modo, expressões como "violência doméstica" e respectivas subdivisões fizeram levantar muitas vozes no seio da sociedade moçambicana e a adopção de uma lei que punisse os "infractores" seria considerada

como abusiva e promotora de desobediência da mulher face ao homem, e consequente desestruturação da "ordem familiar" herdada pelos ancestrais.

Ainda assim, várias vozes, sobretudo de algumas organizações da sociedade civil que actuavam na área da mulher e direitos humanos, sob intensa pressão e "luta" contribuíram para que o Governo de Moçambique criasse uma lei que pudesse reduzir e, quiçá, pôr termo à impunidade face a situações de violência contra a mulher.

Tal luta culminou com a aprovação da Lei 29/2009. Os gritos de júbilo que se fizeram ouvir aquando da aprovação não parecem ter sido subsequentemente acompanhados por uma monitoria consequente. As organizações que tanto lutaram para se aprovar a lei parecem ter-se contentado apenas com o acto da aprovação.

A lei contém várias provisões que, a priori, subentendem-se que obrigam o Estado a prover certos serviços no âmbito da sua implementação. Por exemplo, não existem no país casas de abrigo para as vítimas da violência doméstica possam lá permanecer enquanto são criadas condições para a sua reintegração social, através de apoio psicológico e empoderamento, para que elas possam ter uma vida mais saudável e confiante, com noção dos seus direitos e potencialidades.

No entanto, as causas da não implementação efectiva da lei podem ser de vária ordem, a destacar as seguintes:

- Falta de divulgação da Lei 29/2009, o que dificulta que as mulheres conheçam os seus direitos e lutem por eles. A disseminação é feita maioritariamente nas zonas urbanas, onde inclusive habitam pessoas que têm acesso a vários órgãos de informação;

Textos: Menice Sultuane

- Resistência às mudanças: a permanência de práticas alegadamente culturais, tais como agredir para educar, acabam por perpetuar a reincidência de casos de violência contra a mulher, colocando-a sem auto-estima, e isolando-a da sociedade;
- Fraco mecanismo de controlo da implementação da lei, incluindo uma rígida punição dos perpetradores e divulgação de tais punições.

No entanto, é salutar a contribuição, ainda que reduzida, de denunciantes a nível das comunidades, com cada vez mais vizinhos, autoridades locais (chefe do quartelão, secretário do bairro) trabalhando com a polícia no sentido de denunciarem a violência doméstica (geralmente a física, mais fácil de ser notada).

Tal facto acontece sobretudo em regiões onde a disseminação de informação está a ser efectuada de forma constante, parte de algumas organizações da sociedade civil que actuam na área da violência, bem como pelo Ministério da Mulher e da Ação Social.

Posto isto, recomendo que se tenha em conta o seguinte:

- Maior disseminação da Lei sobre Violência Doméstica Praticada contra a Mulher, desde as zonas urbanas até aos locais mais remotos, acompanhado por acções de empoderamento da mulher. No entanto, é importante que se conte com muita participação masculina, de modo que se possa inteirar das vantagens que poderão advir de um clima pacífico, onde os direitos humanos sejam respeitados, ambos possam trabalhar e melhor suprir as necessidades do lar;
- Implementação do Mecanismo Multisectorial de Atendimento Integrado à Mulher Vítima de Violência, recentemente aprovado pelo Governo moçambicano visando a coordenação e a padronização de serviços

de apoio e protecção da mulher vítima de violência, prestado pelo Centro de Atendimento Integrado (a ser criado) e pelos sectores oficiais policiais, médicos, legais e sociais.

Prevê-se a partir deste mecanismo criar uma ficha única para evitar que haja omissão ou duplicação de dados, e permitir maior flexibilização na resposta ao atendimento da vítima de violência. No entanto, este mecanismo não clarifica de modo detalhado o papel da sociedade civil, pois coloca o Governo (conhecidas as suas limitações financeiras) como o principal implementador.

- Revisão do Código Penal, que se prevê que corresponda à realidade actual e esteja em sintonia com a Lei 29/2009 e demais instrumentos de promoção e defesa dos direitos das mulheres.

Apesar de a aprovação de instrumentos contra a violência ser salutar, é importante que se levem a cabo acções paralelas de monitoria e divulgação dos dados sobre incidência e respectivas localizações, na medida em que as organizações da sociedade civil, sobretudo as que trabalham na área da mulher, pudesssem estar em condições de saber em que zonas devem actuar com maior/menor intensidade, sob o risco de acções de sensibilização estarem a decorrer, mormente nos mesmos locais.

É óbvio que sem uma pressão das organizações da sociedade civil o Estado poderá não ver a provisão de tais casas uma questão prioritária, sobretudo porque existem muitas outras prioridades que clamam pela sua atenção.

Menice Sultuane é uma funcionária pública. Este artigo faz parte do Serviço Lusófono da Gender Links

Publicidade

INCAPAZ

NÃO PASSES A LINHA, SE CONDUZIRES NÃO BEBAS



Os antecedentes da greve dos médicos



A greve dos médicos filiados à Associação Médica de Moçambique (AMM), motivada pela insatisfação da classe em virtude da deterioração das condições do seu trabalho ante a alegada despreocupação do Governo em melhorá-las, foi precipitada pela desvalorização das suas exigências por parte de quem de direito.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

A insatisfação no seu seio dos terapeutas tem-se manifestado há muito tempo. Em 2008, por exemplo, teria sido agudizada pela retirada dos médicos das residências atribuídas pelo Governo nas províncias, através da circular 191/GMS/08 de 16/06/2008. Eles apelaram, insistentemente, aos governos provinciais para que esta mesma circular fosse anulada. Ninguém lhes deu ouvidos.

Por isso, a 26 de Outubro de 2012, a Ordem dos Médicos e a Associação Médica de Moçambique escreveram, sem sucesso, uma carta ao ministro da Saúde, Alexandre Manguze, na qual apelavam para que o governante mandasse revogar a circular em causa.

Face a esta situação, a 24 de Novembro do ano passado, num encontro que juntou cerca de 200 médicos na Sala Magna da Faculdade de Medicina da UEM, em Maputo, os médicos decidiram recorrer à greve como último recurso para exigir a melhoria das precárias condições a que o médico nacional está votado, numa situação em que o estrangeiro goza de mordomias.

Refira-se que nessa altura os médicos tinham como principais inquietações a aprovação de um salário justo, habitação e um Estatuto Médico que dignifique a classe. Desde 1995, ou seja, há 17 anos que os terapeutas lutam por um estatuto nesse sentido. “Mas sempre foram invocadas inconveniências socioeconómicas e políticas relacionadas com a conjuntura do país para a sua não aprovação”.

A AMM considera que o Estatuto do Médico aprovado pelo Conselho de Ministros e já submetido à Assembleia da República a 23 de Julho de 2012 para apreciação e aprovação, não reflecte os anseios dos agremiados.

No fim do encontro, produziu-se uma acta que sintetizava os vários pontos debatidos. Em relação ao estatuto, os médicos determinaram que eles deviam ser razoáveis e esperar até 31 de Março de 2013. Contudo, quanto ao salário, a aprovação deve ser imediata, “para Janeiro de 2013; podendo ser efectuado um decreto-lei para o efeito, pois há cabimento orçamental e são dois documentos diferentes”. É neste contexto, que, neste momento, a batalha dos médicos é ver os seus salários imediatamente melhorados.

Os primeiros encontros de diálogo

A AMM pressionou, várias vezes, o Governo para que este resolvesse os seus problemas. Na tentativa de “tapar o sol com a peneira”, o Executivo prometeu, por exemplo, que o Estatuto do Médico seria aprovado na última sessão da Assembleia da República, o que não aconteceu. Entretanto, aquela agremiação elaborou, a 14 de Setembro de 2012, uma carta a solicitar à Assembleia da República que discutisse este instrumento a fim de que fosse implementado nos primeiros meses de 2013. Uma vez mais, não houve resposta.

Mesmo assim, a AMM teve conhecimento de que dos vários pontos que estavam agendados para a última sessão não constava o Estatuto do Médico. No dia 19 de Novembro, o Ministério da Saúde (MISAU) reuniu com a Ordem dos Médicos e com a AMM e entregou-lhes a

versão final do Estatuto do Médico e uma proposta salarial. No dia 20 do mesmo mês, a AMM reuniu o seu Conselho Geral. A explicação do MISAU fundamentava-se no facto de que o Estatuto do Médico não poderia ser aprovado sem a simultânea aprovação do estatuto de outras categorias profissionais. Temia-se uma greve dos enfermeiros.

Carta ao Primeiro-Ministro

Indignados com a sua situação laboral, a 28 de Novembro de 2012 a classe endereçou, também sem resposta, uma carta ao Primeiro-Ministro, Alberto Vaquina, na qual escrevia que a dignidade do médico está a cada dia a degradar-se. “Assistimos a um descontentamento profundo e geral dos médicos por conta destas situações (ausência de um estatuto e de um salário condigno), aliado ao facto de os médicos possuírem precárias condições de habitação e estarem a ser retiradas as residências atribuídas pelo Governo nas capitais provinciais”. A mesma carta foi igualmente enviada ao secretário-geral do partido Frelimo, Filipe Paúde.

“Com a presente situação de vida, os médicos vêm-se obrigados a efectuar outros tipos de trabalhos extras, recorrendo ao sector privado, sendo estes designados como médicos “turbo”, o que põe em causa a qualidade de serviço prestado no Serviço Nacional de Saúde Pública. Outros, para melhorarem as suas condições de vida, recorrem a pedidos de licenças registadas e/ou ilimitadas para poderem sair do Estado e trabalhar no sector privado. Não podemos ignorar este cenário realístico”, lê-se na missiva.

Na mesma carta assinada pelo presidente da direcção da Associação da Médica de Moçambique, Jorge Arroz, referia-se que o sucesso do recém-lançado programa de humanização dos cuidados de saúde depende da melhoria das condições de trabalho (recursos, humanos, materiais e financeiros) e motivação dos profissionais do sector, incluindo o médico.

“Os determinantes sociais influenciam de forma profunda a vida dos médicos e de outros profissionais de saúde, e não apenas as vidas das comunidades. Acha-mos que, após um longo período de espera, é necessário cuidar-se de quem cuida”. O Primeiro-Ministro fez ouvidos de mercador.

No fim do encontro de 24 de Novembro passado, produziu-se uma acta na qual se refere que “o médico sempre foi a única categoria profissional de nível superior que esteve nos distritos e nos locais mais recônditos, quer no período pré-independência, quer no período pós-independência, mesmo durante a guerra civil”.

Entretanto, paulatinamente, e com uma certa incúria por parte de quem de direito, “se tem assistido a uma deterioração da dignidade do médico nas províncias”.

Apercebendo-se de que não estavam a ter interlocutor, a 17 de Dezembro passado os médicos ameaçam observar uma greve à escala nacional, caso os seus problemas não fossem atendidos até um dia antes daquela data.

O pré-aviso emitido pelo gabinete do presidente da AMM para os associados, Jorge Arroz, foi difundido por todas as instituições a quem o assunto interessava, incluindo o Ministério da Saúde.

Reunião entre a AMM e o Governo

Foi assim que, a 14 de Dezembro, o Governo decidiu dialogar com a AMM e as partes acordaram que, em relação à habitação, a circular 191/GMS/08 de 16/06/2008 ficava suspensa. Os médicos voltaram a viver nas casas do Estado, com as despesas de ocupação suportadas pelo Governo, neste caso concreto o Ministério da Saúde. Esta medida teve efeitos mediatos e a classe deixou claro que não aceitava a co-habitação.

Relativamente ao estatuto, criou uma comissão técnica para revê-lo e harmo-

nizá-lo até o dia 30 de Janeiro corrente.

Os salários da discórdia

Quanto aos salários, decidiu-se, no mesmo encontro, criar-se também uma comissão técnica conjunta, entre os médicos e o Executivo, para discutir os salários e apresentar uma proposta consensual até o dia 05 de Janeiro de 2013. Contudo, dias antes desta data, referem os médicos, o Governo apresentou-lhes uma proposta salarial de 18 mil meticais, contra os 20 mil que havia inicialmente avançado.

Refira-se que, durante as negociações, a classe rejeitou uma outra proposta salarial de 50 mil a 107 mil meticais mensais. No seu argumento, alegou que depois de deduzido o Imposto de Rendimento de Pessoas Singulares (IRPS) e outros, o salário fica entre 40 e 80 mil, com renda de casa inclusa.

Segundo os cálculos dos médicos, os valores acima referidos significariam o seguinte: com a renda de casa de 13.500 por mês, o salário iria baixar para 26.500 e 66.500 meticais. Para um médico recém-formado seria apenas uma subida de quatro mil (4.000,00) meticais.

Enquanto isso, o salário base estava entre 20 e 38 mil meticais, o que significava um aumento de apenas cinco mil (5.000,00) meticais para o médico recém-formado, e uma reforma não digna para os médicos “colossos”, ou seja, mais antigos na área.

Falta de consenso leva à greve

A 7 de Janeiro em curso, o que antes era uma ameaça tornou-se real. Os médicos filiados à AMM entraram em greve arrastando consigo estagiários e pós-graduados. A mesma consistiu na não ida aos locais de trabalho, em todos os sectores, excepto os serviços de urgência dos hospitais centrais e provinciais.

Houve desinformação para manipular o povo

A 07 de Janeiro corrente, primeiro dia da greve, houve uma campanha, diga-se desinteressante, por parte de alguma imprensa, de desacreditação da Associação Médica de Moçambique (AMM) e de todos os profissionais a ela filiados. Aliás, foi um exercício iniciado dois dias antes, o que sugeriu que se tratava de uma tentativa de desmoralizar uma classe que, unida, conseguiu fazer com que mais de 90% dos seus agremiados aderissem ao propósito: aumento salarial.

A desinformação, ou seja, a divulgação de informações imprecisas com o intuito de influenciar ou manipular pessoas, sobretudo as menos instruídas, foi de tal sorte evidente. Certos órgãos de comunicação abandonaram os princípios que regem o exercício jornalístico. De mediadores passaram a defensores de causas ao serviço do Governo. Foi por isso que no segundo dia da greve, os mais de 140 médicos que se concentraram defronte da entrada lateral do Centro de Conferências Joaquim Chissano, em Maputo, abandonaram o local quando uma equipa de reportagem da televisão pública nacional (TVM) chegou lá. Eles alegaram que este órgão estava a deturpar as informações sobre as suas reivindicações.



Por sua vez, o Executivo explorou bastante a rádio e a televisão por si financiadas para esgrimir argumentos contra os médicos. Evocou leis e estatutos para passar a imagem de que aqueles profissionais tomaram uma decisão errada. Colocar os médicos contra o povo. Todavia, o Bastonário da Ordem dos Médicos, Aurélio Zilhão, considerou a greve legal, mas as partes podiam dialogar e encontrar uma saída viável.

Entretanto, apesar da toda a suavização do impacto que a greve teve, principalmente no primeiro dia, facto é que dos 1.200 médicos filiados à AMM, dos quais 987 assinaram a carta de adesão à greve, à escala nacional, 908 não se apresentaram aos seus postos de trabalho, ou seja, mais de 90%.

A repercussão da greve foi notória. Embora a desinformação tenha tentado ofuscar os factos, em todos os hospitais do país só os serviços de urgência não ficaram paralisados porque são os únicos que não estavam abrangidos.

Em Nampula, por exemplo, um número considerável de médicos ficou em casa. Só os que ocupam cargos de chefia nos centros de saúde não aderiram à greve porque temiam represálias. No Hospital Geral de Marrere, arredores da cidade, nenhum médico se fez presente ao seu posto de trabalho.

No Hospital Central de Nampula (HCN), a maior da região Norte do país, a ausência dos médicos fez-se sentir bastante nos sectores de ortopedia, pediatria, medicina, cirurgia, obstetrícia e ginecologia. O director-geral, Moisés Alberto Lopes, confirmou-nos a situação e disse que a mesma não teve implicações graves porque foram tomadas medidas cautelares a tempo.

No Hospital Geral de Mavalane, em Maputo, segundo a directora do Banco de Socorros, Edna Nhampalele, os serviços externos e todas as enfermarias funcionaram apenas com os enfermeiros. No Hospital Provincial de Quelimane, os médicos estrangeiros, de nacionalidade norte-coreana e cubana, é que asseguraram o funcionamento da maior unidade hospitalar da província da Zambézia.

Em Maputo, os médicos aposentados e outros que já não desempenhavam funções nas unidades hospitalares foram mobilizados para garantir os serviços clínicos nos hospitais Central, José Macamo e Mavalane. Os médicos do Hospital Militar foram também destacados.

O @Verdade soube que no distrito de Moamba, a administradora local mobilizou alguns agentes da Polícia da República de Moçambique (PRM) e andou de casa em casa para obrigar os médicos a irem, compulsivamente, trabalhar. Estes obedeceram, mas, chegados aos postos de trabalho, ficaram de braços cruzados. Em Inhambane, o Secretário Permanente local usou também da sua influência política e fez uma rusga pelas casas obrigando os médicos a apresentarem-se nas unidades sanitárias. Foi assim em quase todos os distritos.



Segundo o presidente da AMM, Jorge Arroz, em Maputo e Beira, por exemplo, houve professores que ameaçaram estudantes de medicina com reprovações por terem aderido à greve.

A vida difícil dos médicos

Eleutério e Rosa acreditavam que, depois da formação, a sua vida como médicos seria melhor. Debalde. Nos distritos encontraram mais problemas. Distantes de familiares e amigos, tentam levar a vida para a frente, mas não é fácil. É duro ser médico num lugar inóspito.

Quando a fé no sector da saúde esmorece, como manter a dedicação aos pacientes? “Um médico num distrito do interior de Cabo Delgado, sem corrente eléctrica e habitação condigna, sente-se perdido no meio do mato”. Quem se expressa desta maneira é um jovem médico que sempre viveu no centro da cidade de Maputo e, no final do curso, teve de se mudar de armas e bagagens para um lugar inóspito.

Eleutério, nome fictício, recebeu com ânimo a missão de ir para o distrito. Até porque, diz, um médico não pode escolher o conforto da cidade para cumprir o seu trabalho. Só que, afirma, isso não significa viver em condições degradantes.

“Eu abdiquei da minha família. Fiz um filho e tive de o deixar em Maputo para ir curar pessoas no interior do país. Esse esforço tem, no mínimo, de ser respeitado e valorizado. Aqui acontece o contrário”, explica.

Questionado sobre o facto de os médicos serem dos funcionários públicos que melhor auferem, Eleutério responde com uma rajada de questões: “Que dignidade tem um médico que vive numa cabana? Quem é, na tua óptica, mais importante para o país: o médico ou o juiz? Quem salva mais vidas?”

“Não tens de responder”, diz ao mesmo tempo que avança com a resposta: “é o médico, mas é quem ganha menos e trabalha mais horas. Isso não se justifica e penso que as pessoas têm de ser remuneradas em função da importância e pertinência do trabalho que fazem. Aqui acontece completamente o contrário”.

No distrito onde Eleutério trabalhou, para além do tratamento de doentes, tinha de cuidar de questões do partido. “Em período de eleições os médicos têm de fazer campanha. Não nos perguntam se temos escolhas partidárias. O Estado parte da assumpção de que somos todos da Frelimo. Isso é uma das coisas que, no nosso entender, tem de mudar”.

O salário é baixo

Efectivamente, um médico aufera 15 mil meticais de salário base. O Estado acrescenta ao salário uma espécie de bónus técnico que equivale a 75 por cento desse valor. Ou seja, mais 11250 meticais. “Também há os 10 por cento de risco”, acrescenta.

“Se o médico estiver no distrito pode auferir até 35 por cento do salário. Mas isso depende do local onde se encontra. Há níveis. Eu, por exemplo, estou num distrito do tipo 1 e ganho esse bónus”.

Rosa

Diferente de Eleutério, é a vida de Rosa (nome fictício). Não é fácil uma jovem sair de uma capital provincial para embrenhar por um distrito adentro.

Rosa sente mais dor do período da formação, o qual classifica de escravatura. “Repare”, diz, “que até os presos não são obrigados a trabalhar, mas os que são formados numa instituição pública são submetidos a um regime de quase escravidão”.

“Depois de 7 anos a estudar quase o dia inteiro, agora trabalhamos quase de graça”, diz.

Sem possibilidade de contar com o apoio dos pais, a jovem médica não teve outra alternativa e tentou pedir uma transferência para um lugar com melhores condições. Esperou meses e meses até que se acostumou ao local. Rosa também reclama do salário e da carga horária. Diz, sem pejo, que as condições de habitação são degradantes e concorda com as reivindicações. Aliás, ela está na linha da frente no distrito onde trabalha.

Instada à pronunciar-se sobre a pressão, a jovem é clara: “quem venceu a falta de tudo não se há-de vergar por causa de um administrador e um director do SISE. Ser médica em Moçambique é muito mais duro do que ser pressionada”.

Como vive e trabalha

No distrito onde reside e trabalha não há grandes coisas. “É preciso ir à capital provincial para fazer o rancho mensal. Até para levantar dinheiro tem de ser lá”, lamenta. No que diz respeito ao trabalho, a médica fez saber que de noite, quando necessário, trabalha com iluminação improvisada.

“Às vezes é complicado trabalhar no meio de nada. A população vive em função dos lugares onde encontra água, sobretudo nos períodos de estiagem. É preciso ir ao encontro dos doentes. Por outro lado, temos o problema do pessoal da Direcção Provincial da Saúde que, muitas vezes, quer que os médicos declarem que determinados lugares foram atingidos pela cólera. Isso dá muito dinheiro por via de esquemas que ainda não consegui perceber.”

Vida em família

A relação amorosa de Eleutério foi interrompida pela medicina. A distância entre Maputo e Cabo Delgado foi demasiado penalizante para o amor que mantinha com a mãe do filho. “O desfecho era previsível pelo facto de sermos jovens. O que dói, no meio da nossa separação, é o filho. O único elo de ligação que sobrou”.

– Quer responsabilizar o Estado pela separação? “Não”. Depois de uma pausa continuou: “a ideia é mostrar do que um jovem tem de abdicar para ser médico. A minha juventude foi passada a ler livros para me formar. Não é, como se diz, um sacrifício do Estado, mas dos meus pais. Se o país procura formar médicos é porque precisa deles e não é justo que lhes trate como lixo”.

5 perguntas para 2013

2012 foi um ano difícil e 2013 não promete melhorias. Face a esse cenário, @Verdade seleccionou cinco perguntas essenciais para este ano, designadamente:

1. O PREÇO DOS ALIMENTOS PODE SUBIR MUITO?

A agricultura está cada vez mais interligada com sectores como o meio ambiente e a economia. Daí que o aumento das temperaturas médias do ar tenha impacto na produção de alimentos e, consequentemente, nos preços que atingem os mercados. Desde 2011 a alimentação passou para o topo das agendas políticas quando se percebeu que as organizações capazes de intervir no sector tinham de coordenar esforços para combater a volatilidade dos preços dos alimentos. Os custos das principais culturais globais, como o trigo e milho, estão perto de valores que, em 2008, originaram ondas de violência em 25 países. A produção de trigo, por exemplo, é 5,2% menor que em 2011.

Para piorar a situação, as Nações Unidas estimam que 870 milhões de pessoas, em todo o mundo, estejam malnutridas. Médio Oriente e África serão, novamente, as zonas mais afectadas pela crise alimentar.

2. HAVERÁ ELEIÇÕES NO ZIMBABWE?

O Presidente zimbabweano, Robert Mugabe, pretende organizar, em Março de 2013, as eleições legislativas e presidenciais, que poderão permitir ao Zimbabве pôr fim a uma crise política que já dura desde a violência eleitoral de 2008. De acordo com o "roteiro" da SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral) para o Zimbabве, essas eleições devem ser precedidas da adopção, por referendo, de uma nova constituição, que ainda não aconteceu.

Desde 2009, o Presidente Mugabe coabita dificilmente com o seu Primeiro-Ministro, Morgan Tsvangirai, que é também o seu principal adversário político. Estas eleições pretendem acabar com a coligação forçada que está no poder desde 2009, quando a comunidade internacional impôs ao Presidente Mugabe e a seu rival, Morgan Tsvangirai, vencedor da primeira volta das eleições de 2008, a formação de um governo de unidade nacional. Pelo acordo de 2009, a coligação deveria ter sido dissolvida com a celebração de novas eleições em 2011, mas, até ao momento, os líderes políticos do país não chegaram a um acordo sobre a data do pleito.

3. QUEM VAI SUCEDER A AHMADINEJAD?

A próxima eleição presidencial no Irão, que irá eleger o sucessor do Presidente Mahmoud Ahmadinejad, foi convocada para 14 de Junho de 2013.

O último pleito presidencial, que reelegeu Ahmadinejad, em 2009, foi questionado pelos dirigentes da oposição e, na época, o país viveu vários meses de protestos e manifestações, nos quais dezenas de pessoas morreram. O processo resultou na detenção dos dois candidatos da oposição, o ex-Primeiro-Ministro Mir Hossein Musavi e o ex-presidente do parlamento, Mehdi Karubi, que ainda estão sob prisão domiciliar.

4. O PREÇO DO PETRÓLEO BAIXA?

É muito pouco provável. Os parâmetros de subida ou descida do preço dependem do crescimento mais ou menos rápido da procura. Se a crise europeia continuar e o abrandamento da economia norte-americana persistir, o preço do petróleo vai certamente aumentar menos ou até estagnar. Mas as grandes economias emergentes, China e Índia, continuam a crescer e vão certamente pressionar a procura, tal como o Japão, porque a redução drástica da produção nuclear depois do desastre da central de Fukushima aumentou a importação de combustíveis fósseis. E outros factores podem afectar os preços, como o agravamento das tensões políticas no Médio Oriente ou o aumento da extração de petróleo no Brasil, nas novas jazidas do pré-sal.

5. A GUERRA NA SÍRIA VAI TERMINAR?

Contestado pelo seu povo desde Março de 2011, Bashar al-Assad recusa-se a abandonar o poder pelo seu próprio pé, mas o sangue derramado durante a revolução síria já não lhe permitirá exercer o cargo que ocupa com dignidade. O cada vez mais ténue apoio da Rússia e da China ao Governo de Damasco divide a comunidade internacional na altura de discutir a melhor forma de acabar com a guerra na Síria. O conflito continua cada vez mais distante dos espaços noticiosos e também dependente da dinâmica da vitória dos insurgentes.

Pai de indiana violada divulga nome da filha para que sirva de exemplo



Jyoti Singh Pandey. É este o nome que a Índia não vai esquecer como símbolo da luta contra a violência sexual e a impunidade.

Texto: Redacção/Agências • Foto: AFP

O pai de uma mulher de 23 anos, indiana, vítima dum caso de violação que concentra atenções mundiais, faz questão de divulgar a identidade da filha. A vítima morreu num hospital em Singapura, duas semanas depois de ter sido violada num autocarro em Nova Deli.

Numa entrevista publicada neste domingo, pelo jornal britânico Sunday People, o homem diz: "Queremos que o mundo saiba o seu nome."

"A minha filha não fez nada de mal, ela morreu por se ter tentado proteger", prossegue. "Estou orgulhoso dela. Revelar o seu nome dará coragem a outras mulheres que tenham sobrevivido a este tipo de ataques. Elas encontrarão forças na minha filha."

A legislação indiana proíbe, regra geral, a identificação de vítimas de crimes sexuais, afirma a agência Reuters.

O jornal mostra na edição online uma fotografia do pai, Badri Singh Pandey, de 53 anos, e refere que a vítima é Jyoti Singh Pandey. A família deixou Nova Deli, onde o ataque ocorreu, e rumou para uma cidade no norte do país, Billia. Foi lá que, segundo o jornal, o pai foi entrevistado. A mãe da vítima, em estado de choque, não conseguiu falar com os jornalistas.

"Primeiro, queria estar cara a cara com os responsáveis (por este crime). Mas agora já não quero. Só quero ouvir o tribunal a condená-los à força", diz Badri, que trabalha no aeroporto de Nova Deli e recorda a preocupação que a família sentiu no dia em que tudo aconteceu. A 16 de Dezembro, Jyoti, estudante de Medicina, tardava em chegar a casa.

"Começámos por telefonar-lhe para o telemóvel dela e para o de um amigo, mas ninguém atendia. Depois, às 23h15, recebemos uma chamada do hospital em Nova Deli dizendo que a minha filha tinha estado envolvida num acidente".

Só mais tarde lhe explicaram o que realmente

tinha acontecido a bordo do autocarro em que a filha e um amigo tinham embarcado. Violada e espancada por seis homens, Jyoti lutou pela vida durante duas semanas no hospital. Nesse tempo, milhares de pessoas saíram às ruas para se manifestarem num país onde os crimes sexuais ainda são tabu e onde os casos que chegam a tribunal demoram vários anos a serem julgados. Também houve manifestações noutras países a propósito deste caso

No dia do seu funeral, foi homenageada na rua. "Este incidente deve abrir-nos os olhos para a necessidade de educarmos os nossos filhos de outra maneira, de educar as pessoas de outra maneira", disse à BBC um manifestante, enquanto outros cartazes pediam "Salvem as mulheres, salvem a Índia". O Governo prometeu o reforço da segurança nas ruas e penas mais pesadas para os crimes sexuais.

Entre as principais cidades, Nova Deli tem o maior número de crimes sexuais, com uma violação, em média, a cada 18 horas, de acordo com dados da polícia. Os do Governo mostram que o número de casos aumentou quase 17% entre 2007 e 2011.

A pena máxima para a acusação de homicídio é a morte. Mas a maioria dos crimes sexuais na Índia nem sequer são denunciados e, quando o são, raramente são punidos. A justiça move-se muito lentamente, acusam activistas citados pela Reuters, que dizem que os governos pouco têm feito para garantir a segurança das mulheres indianas no seu próprio país.

Os seis suspeitos foram formalmente acusados e arriscam-se a ser condenados à pena de morte. Há quem fale numa cultura de violação na Índia. Há 2500 advogados que recusaram defender os acusados. Um membro do Governo pediu a divulgação do nome da vítima, que foi abandonada numa berma de estrada, depois de ter sido violentada durante hora e meia. O pai dela fez agora a vontade ao ministro e a todos os que entenderam que o nome da vítima deveria ser divulgado.

Somalilândia ergue-se das ruínas da Somália

À medida que a Somália começa a emergir do pântano da instabilidade e caos, 20 anos de paz e relativa estabilidade começam a produzir benefícios para o seu vizinho mais próximo, a Somalilândia, que assinou em Novembro o primeiro acordo petrolífero desde que se separou da Somália em 1991.

Texto: Matthew Newsome/IPS • Foto: AFP

A companhia anglo-turca Energia Genel recebeu a sua licença do Governo da Somalilândia no início de Novembro para explorar e desenvolver reservas de petróleo e gás, após ter prometido investir 40 milhões de dólares em actividades de exploração. A Genel disse à IPS que "A Somalilândia oferece uma oportunidade geológica interessante e aguardamos com expectativa o começo do trabalho na região."

Esta companhia independente de exploração e produção de gás e petróleo tornou-se o primeiro investidor estrangeiro a disponibilizar um capital considerável para o sector energético do país, depois das pesquisas iniciais terem indicado "numerosas infiltrações de petróleo", confirmado a existência de um "sistema funcional de hidrocarbonetos", segundo uma declaração da Genel.

A Energia Genel, liderada pelo antigo director executivo da BP, Tony Hayward, deverá iniciar a fase de exploração em breve.

Tradicionalmente, o motor de crescimento da economia desta nação do Corno de África tem sido o gado. Com uma gigantesca quantidade de gado no país, o triplo da população composta por 3.5 milhões de pessoas, o comércio de gado gera 65 por cento do PIB nacional, segundo explicou à IPS o Dr. Saad Shire, ministro do Planeamento da Somalilândia.

Com um orçamento nacional limitado de 120 milhões de dólares, o Governo da Somalilândia começa agora a receber as muito necessárias receitas de investidores privados estrangeiros para apoiar o desenvolvimento.

As reservas de gás e petróleo na Somalilândia atraíram a atenção de outras companhias gigantes no sector da energia, como a Ophir Energy, sediada na África do Sul, a Jacka Resources Ltd., da Austrália e a Petrosoma Ltd., uma filial da Prime Resources, sediada no Reino Unido – que mostraram, na totalidade, a sua disponibilidade em investir no país.

Nos últimos 21 anos, a Somalilândia tem sofrido por não ter sido reconhecida internacionalmente. A sua entidade legal não confirmada tem criado obstáculos às suas perspectivas económicas – poucas seguradoras estão preparadas para cobrir os investidores estrangeiros neste país. Subsequentemente, os investidores tendem a olhar para a Somalilândia como um leproso económico.

Por este motivo, o país não tem tido a aceitação necessária para receber apoio financeiro do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

No entanto, em 2012 o sector privado da Somalilândia começou a progredir contra todas as expectativas.



No início do ano, realizou-se a primeira conferência de investimento entre o Reino Unido e a Somalilândia com vista a estimular o reconhecimento do comércio bilateral. E em Maio foi inaugurada uma fábrica da Coca-Cola no valor de 17 milhões de dólares por um conglomerado do Djibouti, o maior investimento privado na Somalilândia desde 1991. Os investidores constataram que a decisão da Coca-Cola de se manter operacional na região constitui uma afirmação positiva acerca do clima de negócios estável neste país.

Prevê-se igualmente que o porto de Berbera atraia importantes investimentos nos próximos anos. Considerado a jóia da coroa económica do país, foi inicialmente construído pela União Soviética durante a Guerra Fria, e actualmente funciona como uma importante porta de saída das exportações de gado do país. Tem um enorme potencial para funcionar como centro de exportações de gás e petróleo provenientes dos países africanos sem acesso ao mar, como a Etiópia.

"Estamos localizados estrategicamente – Berbera está situado numa rota marítima – visto que 30.000 navios provenientes da Europa, Médio Oriente e Ásia passam pelo porto todos os anos. Podemos também desenvolver Berbera como importante porto seguindo o exemplo de Singapura, com terminais para contentores, zonas livres, refinarias petrolíferas e serviços relacionados com a actividade marítima," afirmou Shire.

O director do porto, Ali Omar Mohamed, está muito entusiasmado com o potencial de expansão do porto para o transformar num centro de comércio entre África e o Médio Oriente.

"Este porto pode ser tão grande e tão bem-sucedido como o Djibouti. É só uma questão de tempo antes de atraímos os investimentos necessários para a sua modernização e expansão para podermos ter a capacidade necessária se quisermos atingir o seu pleno potencial económico," disse Mohamed à IPS.

Shire está confiante de que se a Somalilândia produzir um quadro jurídico comercial mais forte, com medidas de segurança apropriadas para aumentar a confiança dos investidores privados, irá atrair investimentos que transformarão o país numa democracia próspera e florescente como Singapura. "Temos estabilidade e acesso a um porto, temos o que os investidores procuram. Se Singapura o con-

segue fazer, penso que também vamos conseguir," acrescentou.

A falta de cobertura de seguros disponíveis aos investidores é a maior barreira ao desenvolvimento do país, de acordo com J. Peter Pham do Michael S. Ansari Africa Center, que foi criado para ajudar a alterar a abordagem política da Europa e dos Estados Unidos em relação à África.

"Sem reconhecimento internacional e o resultante acesso a instituições financeiras internacionais, os cidadãos da Somalilândia enfrentam sérios obstáculos para atingir o desenvolvimento financeiro que normalmente resultaria para um Estado com o historial de estabilidade política e governação democrática como a Somalilândia," disse Pham à IPS.

"Não é só uma questão de ter acesso à ajuda ao desenvolvimento e ao crédito internacional mas também de ter um quadro jurídico onde os parceiros do sector privado possam obter seguros e, desse modo, ter garantias quanto aos seus investimentos," apontou Mohamed.

Segundo Pham, a Somalilândia nunca estará em posição de beneficiar plenamente dos recursos naturais de que é dotada desde que o estatuto de nação seja rejeitado.

"Os recursos naturais potenciais da Somalilândia – incluindo hidrocarbonetos, minerais e pescas – não podem efectivamente ser explorados se não houver uma resolução quanto à questão de soberania."

A necessidade urgente de investimento estrangeiro foi sublinhada no plano de desenvolvimento nacional de 2012 a 2016 apresentado pelo Governo em Dezembro de 2011. O plano traça a necessidade de investimentos que já deviam ter sido feitos nas infra-estruturas do país, como a construção de estradas e a eliminação de resíduos. O capital total necessário para financiar este plano ascende a 1.19 bilião de dólares.

De acordo com Shire, prevê-se que a maior parte do investimento com esta finalidade venha de fontes externas, como doadores de ajuda e investidores estrangeiros.

Contudo, há o perigo de que, sem o reconhecimento imediato da comunidade internacional, o desenvolvimento seja demasiado vagaroso e possa levar ao descontentamento de certos segmentos da população, que poderão depois ficar vulneráveis a grupos como o Al-Shabaab na Somália com as suas ligações à Al Qaeda.

De acordo com Pham, a inércia da comunidade internacional quanto à resposta a ser dada à questão do estatuto de nação da Somalilândia está a colocar o país numa situação de perigo claro e actual e a torná-la vulnerável à influência daquele grupo terrorista islâmico.

"O que a comunidade internacional precisa de compreender é que, se nada for feito para libertar a Somalilândia do limbo a que foi remetida, as coisas podem não continuar a ser tão tranquilas."

"Uma população jovem e em crescimento cujas perspectivas estão limitadas pelos constrangimentos impostos ao desenvolvimento económico pode tornar-se receptiva a vozes muito diferentes das dos líderes clarividentes que construíram a Somalilândia sobre as ruínas da antiga Somália," advertiu Pham.

Desastre de Luanda chama a atenção para crescimento da IURD em Angola

O acidente que, no último dia de 2012, provocou a morte de 13 pessoas em Luanda, entre as quais três crianças, com idades entre três e quatro anos, chamou a atenção para o crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): entrou em Angola há 20 anos e reclama já meio milhão de seguidores num país onde as confissões religiosas se multiplicam.

Texto: jornal Público de Lisboa

Chegada a Angola em 1992, a IURD, criada em 1977 no Brasil, tem conjugado a promoção do seu credo com projectos de carácter social. A sua presença na vida angolana é cada vez mais visível. Articula a componente confessional com projectos em áreas como a alfabetização, o combate à toxicodependência ou a promoção rodoviária. A cerimónia de segunda-feira, que ficou marcada pelo desastre, terá sido a sua acção pública mais participada.

O estádio da Cidadela Desportiva de Luanda, onde, junto a um dos portões de acesso, ocorreu o acidente, tem capacidade para 70 mil pessoas. Os números avançados pelo serviço de protecção civil angolano indicam

que terão comparecido à Vigília da Virada – Dia do Fim, entre 250 mil e 280 mil. "Estimamos que estiveram na vigília acima de 250 mil pessoas", disse também o bispo Felner Batalha, citado pela Rádio Nacional de Angola.

Transportados em autocarros alugados, muitos fiéis estavam no local desde manhã. Testemunhas disseram ao Jornal de Angola que todos os portões do estádio foram abertos e, a certa altura, a multidão concentrada junto a uma das entradas terá querido entrar para o espaço já lotado, causando o acidente.

Os médicos que socorreram os si- nistrados disseram, citados pela Im-

presa angolana, que diversas mortes terão sido provocadas por asfixia. O número de feridos rondou os 120, mas a maior parte teve rapidamente alta.

O director do Complexo da Cidadela, Joaquim Muaxinika, afirmou ao diário angolano que a cerimónia foi autorizada depois de verificadas as condições de segurança. "Eles solicitaram o culto há mais de 20 dias, e, pelos documentos apresentados, estava tudo preparado." Foi aberto um inquérito para apurar o sucedido.

Luanda já antes assistira a iniciativas da IURD, fundada pelo brasileiro Edir Macedo, mas nenhuma com tamanha afluência. Em Fevereiro do ano

passado, cerca de 20 mil angolanos foram baptizados numa cerimónia colectiva nas praias do município de Belas, em simultâneo com acções semelhantes noutras províncias de Angola.

Segundo um vídeo disponibilizado no YouTube, em 2009 a IURD tinha em construção doze igrejas, quatro em Luanda, oito em províncias. No início de 2012, organizou uma conferência sobre a situação socioeconómica do país e anunciou a construção de uma universidade em Luanda.

O site Clube-K, não alinhado com o poder político angolano, escreveu há poucas semanas que o crescimento patrimonial da IURD em Luanda "é

inquestionável". "Nenhuma instituição angolana, pública, privada ou mista, acumulou tanto património como a igreja do bispo Macedo nos últimos anos."

Angola tem sido terreno fértil para novos grupos religiosos e o site Maka Angola, do activista Rafael Marques, denunciou no ano passado que a "relação promiscua" entre o MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola, partido no poder, e as seitas religiosas "ganhou um cunho mais público" nos últimos anos.

Presente em numerosos países de vários continentes, a IURD diz ter mais de oito milhões de seguidores em todo o mundo.

O novo Kim quer reformas com ajuda alemã e até a Google pode contribuir

O líder da Coreia do Norte está a ser aconselhado por economistas e advogados alemães, com o objectivo de transformar o país num "gigante económico".

Texto: Redacção/Agências • Foto: AFP

É considerado o país mais secreto e isolado do mundo, mas nos últimos dias foram reveladas informações que teriam sido difíceis de imaginar antes da chegada ao poder do novo líder, Kim Jong-un, filho do anterior líder, Kim Jong-il, e neto do outro anterior líder, Kim Il-sung.



Depois do surpreendente discurso de Ano Novo, em que abordou o tema da reconciliação com o Sul, soube-se agora que o Presidente da Coreia do Norte está a ser aconselhado por economistas e advogados alemães, que têm como tarefa apontar o caminho para o desenvolvimento da economia do país.

Um dos economistas envolvidos no processo, citado pelo diário alemão Frankfurt Allgemeine Zeitung, afirma que o regime da Coreia do Norte tem já um "plano director", com o objectivo de promover a abertura económica "ainda este ano".

O economista, que é identificado pelo jornal de referência como "um professor de uma prestigiada universidade alemã", explica que Kim Jong-un não procura uma reforma da economia norte-coreana ao estilo chinês, através da criação de condições especiais para todo o tipo de investimento estrangeiro – o que o líder norte-coreano pretende é seguir o modelo do Vietname, "segundo o qual algumas empresas foram seleccionadas para serem destinatárias de investimentos".

No discurso proferido no passado dia 1 de Janeiro – o primeiro de um líder norte-coreano a ser transmitido pela televisão desde 1994 –, o mais recente Kim prometeu mudanças económicas e declarou que quer ver no resto do país "o mesmo espírito e coragem" que os cientistas demonstraram ao "conquistar o espaço" – o líder norte-coreano referia-se ao lançamento de um foguetão, no dia 12 de Dezembro, condenado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas e que os Estados Unidos e a Coreia do Sul consideram ter sido um teste para um míssil balístico intercontinental.

Num país devastado pela fome, onde, segundo um relatório de Junho de 2012 das Nações Unidas, cerca de 1/3 das crianças com menos de cinco anos de idade apresenta problemas de crescimento devido à falta de alimentação e de cuidados de saúde, Kim Jong-un comprometeu-se publicamente com "uma mudança radical", com vista à "construção de um gigante económico".

Aposta na tecnologia

A ligação Coreia do Norte-Alemanha já deu frutos no domínio da tecnologia. A empresa Nosotek, fundada em 2007 e que se apresenta no seu site como "a primeira parceria ocidental em tecnologias de informação com a República Popular Democrática da Coreia", foi fundada pelo alemão Volker Eloesser.

No mês passado, a empresa ajudou a lançar o jogo online Pyongyang Racer – desenvolvido por alunos da Universidade de Tecnologia Kim Chaek –, que permite acelerar pelas ruas da capital norte-coreana.

Eloesser explicou à agência de notícias norte-americana Global Post o que pode motivar o interesse do investimento estrangeiro: "O preço e a qualidade, em comparação com as empresas

indianas." Para além disso, na China – onde os salários são muito superiores aos praticados na Coreia do Norte –, "as pessoas costumam despedir-se dos seus empregos antes de um projecto estar terminado, em busca de salários mais elevados", afirma o alemão.

Recentemente, a Associated Press noticiou que o presidente da Google, Eric Schmidt, irá visitar a Coreia do Norte, talvez ainda este mês. Schmidt, um conhecido defensor do acesso universal e livre à Internet, poderá encontrar-se com o líder de um país em que a maioria dos utilizadores está limitada a explorar conteúdos numa rede interna, sem ligações ao mundo exterior.

A visita, organizada pelo antigo governador do Novo México, Bill Richardson, foi anunciada como uma missão humanitária e a Google já fez saber que não comenta "viagens a título pessoal".

A Administração Obama é que não precisou de saber mais pormenores para dar um punho de orelhas a Eric Schmidt: "Achamos que esta viagem não é oportuna", afirmou a

porta-voz do Departamento de Estado, Victoria Nuland.

Mas para Victor Cha, conselheiro do think tank Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, com sede em Washington, tudo se resume a uma questão de oportunidade: "Não sei se é uma boa oportunidade para a Google. Mas é uma boa oportunidade para a Coreia do Norte mostrar ao mundo que está a apostar a sério no seu desenvolvimento", afirmou, citado pelo site da revista Wired.



Tá-se bem
com este cartão.

Doença de Chávez pode levar a crise constitucional

Na Venezuela foi declarado oficialmente que o Presidente Hugo Chávez, a padecer de cancro, não comparecerá à tomada de posse para o quarto mandato, prevista para acontecer em Caracas a 10 de Janeiro. A data da cerimónia foi adiada e será definida pelo Parlamento. Como disse o presidente da Assembleia Nacional, Diosdado Cabello, ao líder da Revolução Bolivariana é concedido "todo o tempo que necessite para se recuperar e voltar à Venezuela".

Texto: Voz da Rússia • Foto: AFP

O tratamento prolongado do Presidente venezuelano em Cuba pode levar a uma crise constitucional no país. A oposição afirma que o Parlamento, fiel a Chávez, teria interpretado bastante livremente a Lei Fundamental do país. O líder da oposição, Henrique Capriles, exige que no período de ausência do Presidente o poder seja transferido para o dirigente do Parlamento e que o Tribunal Supremo de Justiça se pronuncie sobre a situação. Por enquanto, as funções de Presidente são desempenhadas provisoriamente pelo Vice-Presidente e ministro das Relações Exteriores, Nicolas Maduro. Mas todos entendem que tal situação não pode continuar por muito tempo.

Regressará Chávez ou não? O que acontecerá com a



Venezuela após a sua saída? Hoje em dia, estas são as questões políticas mais discutidas na América Latina.

Há poucos prognósticos optimistas em relação ao desenvolvimento da situação. Ao mesmo tempo, ninguém propõe variantes apocalípticas. Segundo supõem peritos russos, ainda é prematuro dar baixa a Chávez. Cuba tem uma medicina perfeita que pode ajudar Chávez a superar a doença, diz o vice-diretor do Instituto dos Países da América Latina russo, Nikolai Kalandzhnikov:

"O seu Governo significa estabilidade na vida política do país. No caso da mudança da liderança será difícil falar de uma estabilidade política. O cenário mais optimista é a troca do poder por via democrática. Terão lugar neste caso eleições presidenciais e parlamentares normais, sem manifestações de extremismo".

A Venezuela fixou-se bem firmemente em estruturas regionais do continente latino-americano, para que alguém tenha vontade de desestabilizá-la, tem a certeza Boris Martynov, professor do Instituto de Relações Internacionais da Rússia:

"A meu ver, a situação na Venezuela não aceitará formas extremas. Como mostraram os últimos anos, o Governo de Chávez tem posições firmes. Absolutamente, ninguém precisa de movimentos bruscos, que são desvantajosos tanto para os partidários de Chávez, como para a oposição. Em geral, os oposicionistas demonstraram a sua força, mas não a ganharam suficientemente para garantir uma vitória nas eleições".

Hugo Chávez foi sujeito, em 11 de Dezembro, em Havana a uma quarta intervenção cirúrgica em um ano e meio. Desde então, o Presidente não foi visto em Caracas. A situação agrava-se pelo facto de as informações sobre a saúde do Presidente terem chegado fragmentadas. Alguns jornais afirmam que Chávez se encontra em coma induzido, ou seja, ligado aos aparelhos que mantêm a vida do líder venezuelano. Entretanto, Chávez já foi "enterrado" várias vezes, mas sempre "resurgia" novamente.

Autoridades chinesas em resposta a protesto prometem mais censura

Após um protesto contra a censura, o primeiro em 20 anos e organizado por um grande jornal chinês, o Partido Comunista do país divulgou uma directiva sobre o aumento do controlo dos media.



Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

Um dia antes, os jornalistas de um dos maiores jornais chineses, o Nanfang Zhoumo (Southern Weekend) entraram em greve. Centenas de manifestantes reuniram-se em frente ao escritório do jornal. Além disso, os jornalistas escreveram duas cartas pedindo a demissão do principal responsável pela propaganda da província de Guangdong.

O protesto começou após o jornal ter sido obrigado a publicar um artigo em louvor do partido no poder em vez de votos de Feliz Ano Novo.

Fim do mundo adiado para 2021



Texto: Redacção/Agências • Foto: Istockphoto

E o mundo não acabou a 21 de Dezembro de 2012. Muito provavelmente, os antigos maias no seu calendário quiseram marcar o início de uma nova era e não a data do apocalipse.

Mas haverá quem não fique mesmo assim desansado. No século XXI estão agendados pelo menos três tais eventos. O mais próximo deles está previsto para 2021, quando se espera o apocalipse ligado ao fim da inversão dos pólos magnéticos (eles devem trocar de lugar).

Em 2036, o asteróide Apophis pode colidir com a Terra. Em 2060 pode chegar o fim do mundo previsto por Isaac Newton em 1704, baseado no livro do Antigo Testamento de Daniel.

Polícia dispersa agricultores em greve na África do Sul

A polícia sul-africana usou balas de borracha para dispersar um protesto de centenas de agricultores grevistas na região vinícola do Cabo Ocidental, na Quarta-feira (9), nos primeiros confrontos de um ano que promete ser dominado por tensões nas relações trabalhistas.

Texto: Redacção/Agências

A principal rodovia da região, a 100 quilómetros da Cidade do Cabo, foi ocupada por grevistas que montaram barricadas com pneus em chamas e apedrejaram veículos que passavam, segundo um repórter da Reuters.

Os polícias da tropa de choque, amparados por pelo menos um veículo blindado, responderam com disparos de balas de borracha para tentar manter os manifestantes na defensiva.

A África do Sul, que tem a maior economia do continente, atravessa uma fase de tensão trabalhista desde o ano passado, quando uma onda de greves começou no sector de mineração e se alastrou para os transportes e a agricultura.

No mais grave incidente dessas greves, 34 mineiros da mina de platina de Marikana foram mortos durante uma intervenção policial em Agosto.

As mineradoras de ouro e carvão, que empregam mais de 250 mil pessoas, iniciam nos próximos meses as suas negociações salariais bienais, e os analistas prevêem que as questões trabalhistas continuarão a prejudicar a expansão da economia sul-africana, prevista para crescer 3 por cento neste ano.

O Governo diz que a África do Sul precisaria de crescer pelo menos 7 por cento para conseguir controlar o desemprego, que chega a cerca de 25 por cento.



Se tens entre 14 e 21 anos, este é o teu Cartão. Sem custos de emissão nem anuidades, com o Cartão Tá-se ninguém vai aguentar a tua pedalada. Tá-se bem.

Terminos e condições aplicáveis.



Publicidade

5 perguntas para 2013

2012 foi um ano difícil e 2013 não promete melhorias. Face a esse cenário, @Verdade seleccionou cinco perguntas essenciais para este ano, designadamente:

1. AFROBASKET-2013: SERÁ QUE MOÇAMBIQUE VAI SAGRAR-SE CAMPEÃO

A capital do país, Maputo, será palco em Setembro de 2013 da 23ª edição do Campeonato Africano de Basquetebol em seniores femininos, também designado por Afrobasket. O certame é, outrossim, qualificativo para o Campeonato Mundial da modalidade.

Importa referir que esta será a terceira vez que a capital moçambicana vai acolher o "Afrobasket" sénior feminino, depois da edição de 1986 ganha pela República Democrática de Congo e de 2003, pela Nigéria.

Se a nível de clubes o país é campeão africano pela Liga Desportiva Muçulmana, será que a nível da seleção poderá ser feita também a história?

2. MOÇAMBOLA-2013: QUEM SERÁ O CAMPEÃO NACIONAL?

Com o arranque previsto para o próximo mês de Maio, o Moçambola-2013 já agita os bastidores desportivos. As 16 equipas estão neste momento a afinar os seus plantéis com contratações surpreendentes. Se algumas mudaram igualmente o perfil do seu comando técnico, outras, preferiram manter a postura do ano passado à busca de sucesso, na actual temporada.

Quem será o novo campeão nacional?

3. POLÍTICA: SERÁ QUE O PAÍS TOMARÁ NOVO RUMO NO DESPORTO?

Em Setembro do ano passado (2012), o Chefe do Estado moçambicano, Armando Emilio Guebuza reuniu-se com os fazedores do desporto moçambicano, entre eles atletas, dirigentes e jornalistas desportivos. No referido encontro, Armando Emílio Guebuza auscultou dos presentes, os vários problemas que inquietam e contribuem para o estágio actual (deplorável) das várias modalidades desportivas, praticadas em Moçambique. Prometeu, outrossim, junto do seu elenco governativo, estudar as inquietações para a consequente solução.

A primeira acção de Guebuza depois daquela reunião foi de exonerar o inoperante Pedrito Caetano do cargo ministro da Juventude e de Desportos, nomeando para o seu lugar, Fernando Sumbana.

Será que depois daquele encontro e das mexidas no governo, o desporto moçambicano tomará um novo rumo?

4. USAIN BOLT CONSEGUE BATER O RECORDE DOS 100 METROS NOS "MUNDIAIS"?

É o grande objectivo do jamaicano para 2013 e a história mostra que a palavra de Bolt, o deus das pistas de atletismo, é sempre levada à letra. Nos "Mundiais" de Moscovo em Agosto, o velocista quer reconquistar o título dos 100 metros (após a desqualificação por falsa partida em 2011) com um novo máximo, abaixo dos actuais 9s58c. "Começo a ficar velho e os meus recordes também", explicou. Mas o festim do monstro caribenho, que cresceu à base do trabalho e ao sabor de muita mandioca, não deve ficar por aqui e também o recorde dos 200 metros deverá cair.

5. VETTEL ENTRA NO PÓDIO DOS PILOTOS COM MAIS TÍTULOS DA FÓRMULA 1?

Sebastian Vettel conquistou o terceiro título por uma nesga – aconteceu na derradeira corrida, no Brasil, na qual sobreviveu a uma molha das antigas e a uma carambola. Dos três, este foi o título mais complicado porque a FIA impôs regras para limitar a vantagem aerodinâmica dos RedBull desenhados pelo génio de Adrian Newey. Em 2013, Vettel poderá entrar no panteão de glórias onde estão Fangio e Schumacher – ambos com mais de três campeonatos – se mantiver o gosto pelo risco.

Basquetebol: Matola e o clube que nunca existiu



No pavilhão desportivo da Escola Industrial e Comercial da Matola funciona um "centro livre de basquetebol". Na verdade, é um grupo de amigos que se encontra para fazer o que mais gosta, sem se esquecer de transmitir alguns ensinamentos sobre a modalidade aos mais novos. Dali, mesmo sem o cumprimento estrito das regras, sobressaíram grandes nomes do basquetebol nacional.

Texto & Fotos: David Nhassengo

Começaram há muitos anos a jogar basquetebol no pavilhão desportivo da Escola Industrial e Comercial da Matola. Como eles próprios avançam, quando deram por si cada um deles estava já a lançar a bola ao cesto, nas tabelas daquele local.

É um número inestimável por se tratar de um colectivo informal. Porém, na altura da nossa visita, estavam presentes 17 praticantes da modalidade, de todas as gerações.

São todos amigos de infância e que, por diversas razões, um dia encontraram-se para fazer o que mais lhes dá prazer: atirar a bola ao cesto. Muitos deles, segundo apurámos no local, vivem nas imediações do próprio estabelecimento de ensino. Outros, em locais mais distantes, contam que chegaram ao local por convite e/ou porque souberam que naquele pavilhão há basquetebol de rua, mas levado muito a sério.

Segundo a história narrada no local, algumas referências do basquetebol nacional passaram os seus primeiros momentos naquele espaço, também com um grupo de amigos. Fala-se por exemplo de Gerson Novela e os seus dois irmãos, Armindo e Nando, Fernando Manjate e Victor Tamele, hoje vistos como ídolos pelos mais novos.

Porque uns trabalham e outros estudam, o grupo só se encontra aos fins-de-semana. É verdadeiramente no período de férias, sobretudo porque a maioria é constituída por estudantes, de Dezembro a Janeiro, que eles se encontram todos os dias para, por dia, dependendo da motivação de cada um, jogar no mínimo duas horas, sempre a partir das 9 horas.

A dado momento da história, dividida em dois períodos, primeiro relativa à década de 90 e mais tarde em 2006, tentaram constituir um clube de basquetebol, para participar nos diversos torneios entre bairros, tendo como horizonte os campeonatos provinciais e, quiçá, nacionais. "Wu Teng" foi o primeiro nome adoptado para, mais tarde, se metamorfosear em Clube Desportivo da Matola.

Infelizmente, os dois nomes "pereceram" por falta de estrutura, o que não afectou a continuidade da prática da modalidade naquele espaço, actividade que se enraizou, tornando-se, desse modo, uma tradição.

Segundo informações obtidas pela nossa equipa de reportagem, os dois grandes clubes de basquetebol que surgiram na Matola, nomeadamente o Clube de Fomento e o da Matolinhas, o primeiro já desaparecido, foram fundados por jogadores deste grupo de amigos. Por outro lado, devido à extinção do Fomento, os jogadores regressaram à "casa" e continuaram a jogar o basquetebol recreativo ao lado dos demais amigos, naquele pavilhão desportivo da Escola Industrial e Comercial da Matola.

Abriu-se um novo conceito de basquetebol livre

Apesar da tentativa fracassada de criar um clube, sentenciado ao desporto recreativo, este grupo de amigos inveterado no basquetebol dispensa treinadores, árbitros, patrocinadores e, não menos importante, uma estrutura organizacional. Para se encontrar, a comunicação é feita através de mensagens telefónicas, sendo de surpreender a adesão, na medida em que cada um chega como se estivesse diante de um torneio, diga-se, olímpico.

Todos podem ser árbitros, bastando apenas serem conhecidas as regras. Neste aspecto são unidos e exaltam-se todos quando um companheiro recusa ter cometido uma falta. Não existe equipamento, ou seja, treinam e jogam com as suas próprias roupas. A contribuição monetária é feita quando for a vez de adquirir tabelas, redes e bolas, bem como cuidar do próprio pavilhão quando algo lhes impossibilita de jogar, como é, por exemplo, o suporte da tabela.

Jogam livremente e por lazer, mas com o semblante de quem está diante de um torneio. Os treinos são espectaculares no sentido em que consegue estar em concordância mesmo sem obedecer a um comando técnico. O sistema de jogo é

continua Pag. 24 →

A promessa “arriscada” de mudar o cenário do andebol no país

O presidente da Associação Provincial de Andebol a nível de Maputo pretende candidatar-se à presidência da Federação Moçambicana da modalidade. Esta pretensão surge numa altura em que a prática do andebol debate-se com sérios problemas relacionados com a falta de incentivos por parte dos dirigentes desportivos, na promoção de campeonatos e na massificação, incluindo a melhoria das infra-estruturas para a prática desportiva.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

O @Verdade em Nampula conversou com Abudo Ussene Jocordasse no decurso do Campeonato Nacional de Andebol realizado recentemente naquela região do país. Caso seja eleito nos pleitos marcados para este mês (Janeiro), a fonte disse que irá priorizar ações tendentes a tirar a modalidade do anonimato e, acima de tudo, garantir a sua massificação.

Jocordasse avançou que uma das estratégias a ser usada pelo seu futuro colectivo será a realização de eventos desportivos para a promoção da modalidade, designadamente nos bairros, postos administrativos, centros urbanos, entre outras regiões do país. De acordo com o nosso interlocutor, trata-se de uma experiência colhida na vizinha República de Angola, onde as autoridades governamentais e desportivas, em particular, apostam na divulgação de competições com a participação de atletas emergentes na modalidade nos escalões de iniciados.

“Este princípio tem em vista garantir a formação dos jogadores e criar no seio dos praticantes de andebol o espírito de competitividade. Porém, tendo em conta que muitos jogadores têm muita fé em relação aos resultados a alcançar nos eventos, a falta de oportunidades para o efeito continua a retardar o desenvolvimento das suas habilidades”, disse.

Segundo as suas palavras, a região norte de Moçambique tem sido a menos beneficiada das oportunidades de participação, se comparada com as outras. Referiu que, no seu ponto de vista, as equipas localizadas nas regiões distantes da capital moçambicana não beneficiam de oportunidades de participação em campeonatos da modalidade. Por exemplo, no Campeonato Nacional de Andebol realizado em Nampula, houve equipas que participaram apenas para ganhar experiência no que diz respeito à competitividade em eventos similares.



Infra-estruturas desportivas

No concorrente ao grande problema com que se debatem as formações desportivas de quase todas as capitais provinciais, que é a falta de infra-estruturas apropriadas, Abudo Jocordasse disse que, caso seja eleito, vai realizar encontros com os gestores desportivos das direções provinciais da Juventude e Desportos com vista a sensibilizá-los sobre a necessidade de melhorar os recintos desportivos através da sua reabilitação com vista a incentivar a camada jovem a praticar actividades desportivas.

Referiu ainda que os campos existentes nas províncias podem proporcionar um ambiente saudável para a prática do andebol, mas a falta de interesse dos dirigentes da área contribui para o desencorajamento das camadas vivas da sociedade, principalmente os jovens. Além disso, disse que o estágio de um mês realizado ano passado em Angola ajudou-o a enriquecer a sua experiência sobre a gestão no sector desportivo.

Formação de atletas

De uma forma geral, os atletas que militam em diversas formações desportivas da modalidade do país praticam o desporto por “amor à camisola”. O mesmo acontece com os jogadores das equipas que estão nas capitais provinciais que têm apenas a oportunidade de aprender o andebol no momento em que o Governo promove os campeonatos escolares.

Foi o que aconteceu no recente Campeonato Nacional de Andebol, as equipas que representaram a província de Nampula eram compostas por atletas que apresentavam não ter o mínimo domínio sobre a prática da modalidade de andebol, incluindo a falta de experiência no que diz respeito à participação em grandes eventos desportivos. Os jogadores, de ambos os sexos, apresentavam um nível competitivo muito baixo, o que ditou a sua precoce eliminação.

“Isso revela que os jogadores não têm oportunidades, desde os escalões iniciais, de participar em torneios do seu nível. E com o andar do tempo podem aperfeiçoar e procurar melhorar as suas habilidades tendo em vista o crescimento do respectivo nível de competição”, sublinhou Jocordasse.

Neste contexto, há toda uma necessidade de apostar na promoção de torneios de andebol com a participação de equipas dos escalões de iniciados. E os dirigentes das formações desportivas devem privilegiar a formação dos atletas de modo a melhorar a sua prestação nas competições, o que vai permitir o desenvolvimento da carreira e consequente surgimento de eventuais craques que poderão integrar a seleção nacional para, eventualmente, representar o país além-fronteiras.

O candidato à presidência da Federação Moçambicana de Andebol disse que a sua eleição para este cargo será um marco para o desenvolvimento da modalidade de andebol a nível de todo o país porque, segundo avançou, irá privilegiar a realização de cursos de formação dos atletas e treinadores, incluindo a realização de campeonatos em iniciados e seniores, sendo que os escalões subsequentes deverão ser suportados pelos dirigentes da área desportiva os quais não se preocupam em desenvolver esforços com vista a melhorar os níveis de competição das equipas desde a base.

No seu entender, a massificação, que tem sido promovida pelos movimentos associativos, deve ser feita pelas entidades governamentais responsáveis pelo sector do desporto. “Hoje, além de assegurar o seu fortalecimento, os clubes e as associações provinciais devem garantir a promoção de campeonatos regulares. A mobilização de recursos é feita pelos respectivos responsáveis que são obrigados a criar parcerias com agentes económicos que, em grande parte, não abrem as mãos para prestar o seu apoio aos clubes”.

Voleibol de Praia: Federação divulga “ranking” nacional

A Federação Moçambicana de Voleibol (FMV) publicou, recentemente, o ranking nacional de atletas praticantes desta modalidade. O mesmo será determinante para a sua participação no Campeonato Nacional de Voleibol a decorrer de 18 e 21 de Janeiro corrente na Praia da Miramar, na capital moçambicana.

Texto: Redacção

A pontuação para o “ranking” foi estabelecida segundo a participação dos atletas nas diversas provas de voleibol que decorreram no país, ao longo do ano de 2012. Ou seja, constitui o somatório dos resultados obtidos pelos próprios atletas.

Em seniores femininos, a lista é liderada pela atleta Amélia Cumbe, que soma um total de 172 pontos, mais 20 do que a sua principal seguidora, curiosamente sua irmã, Rebia Cumbe. O pódio fica completo com a presença de Constância, com 151 pontos.

Em masculinos, o “ranking” é liderado por Décio, com 120 pontos, seguido por Justino, com 100. Na terceira posição estão dois atletas, nomeadamente Litos e Macamo, ambos com 91 pontos.

Confira abaixo o “ranking”:

Seniores femininos

L.	Nome	Pontos
1º	Amélia Cumbe	172
2º	Rebia Cumbe	152
3º	Constância	152
4º	Guilhermina Cossa	106
5º	Mena	103
6º	Sátira e Joaquina	97
7º	Maria	73

Seniores masculinos

L.	Nome	Pontos
1º	Décio	120
2º	Justino	100
3º	Litos e Macamo	91
4º	Tomás e Archer	57,5
5º	Nytu	53
6º	Osvaldo e Manuel	44,5

Seniores femininos

L.	Nome	Pontos
1º	Vanessa	95
2º	Delmira	80
3º	Livy	76
4º	Fauzia	61
5º	Elisa, Calucha e Carina	26
6º	Sheyla e Jéssica	23
7º	Yolanda e Cátia	19

Seniores masculinos

L.	Nome	Pontos
1º	Ernesto, Vanilo, Agostinho e Alfredo	104
2º	Oliveira	75
3º	Lorenço e Armando	62,5
4º	Aldo e Adelvino	52
5º	Samson	31
6º	Ronaldo e Décio	21,5
7º	Abílio	20,5
8º	Felizberto e Banze	19
9º	Décio III	17,5
10º	Mariano	16,5

Desporto

continuação →

de uma equipa de três a jogar na mesma tabela, numa só metade do campo, cujas regras pressupõem que a turma adversária que recupera a bola tem o dever de sair do garrafão e reiniciar a jogada fora dela. Por vezes alinharam em todo o campo, no sistema regular, todavia, o campo tem falta duma tabela.

Quando, por exemplo, são chamados a participar num evento ou a jogar contra um bairro, concordam em vestir camisetas com a mesma cor, mantendo a informalidade do resto do equipamento. Já ganharam prémios mas o que mais lhes deixa orgulhosos é mesmo a participação e os convites em si.

Algo que se destaca neste conjunto, que se calhar é mais um detalhe para aquilo que lhes torna um grupo de tradição ali naquele local, é o facto de alguns serem federados estando ali somente para relembrar os seus tempos de infância, ao lado dos que (até) abandonaram alguns clubes profissionais por diversos motivos. Há, entre eles, sobretudo nos mais novos, aqueles que querem ganhar experiência e maturidade antes de engrenarem no profissionalismo que existe nesta modalidade desportiva em Moçambique.

O mais caricato nisto, depois de observar que este grupo é muito animado quando pratica desporto, é que na Matola lamenta-se a vários níveis a inexistência de clubes profissionais de basquetebol. Actualmente, só existe o Matolinhas.

Os artistas da bola do pavilhão da Escola Industrial da Matola



Domingos Parafino Júnior, 23 anos

"Comecei muito cedo a jogar basquetebol neste local. Tinha apenas seis anos de idade. Foi por influência de amigos e vizinhos, cujos pais e irmãos já praticavam a modalidade. No começo foi tudo por curiosidade e vontade de introduzir a bola no cesto. Quando pela primeira vez consegui, deu-me vontade de marcar mais e de longe, daí nunca mais parei."

Tive passagens por vários clubes, desde a antiga Academia de Basquetebol da Matola até ao extinto Desportivo também da Matola. Passei para o Maxaquene onde militei no escalão dos iniciados antes de rumar ao Ferroviário de Maputo para jogar como juvenil.

Hoje estou no Costa do Sol a jogar como júnior e devo dizer que não estou feliz com a forma como é tratado o basquetebol nacional. Vou continuar a jogar aqui como recreativo pois faz-me bem e vou a todo custo transmitir o pouco que sei aos mais novos".



Jorge José Bambo, 20 anos

"Jogo aqui desde os meus dez anos. O meu primeiro contacto com a bola foi aqui, neste pavilhão da Escola Industrial. Vesti a camisola do Clube Matolinhas antes de chegar à seleção da Universidade Eduardo Mondlane.

Neste momento estou parado e sem clube, porém, gostaria de um voltar a jogar como federado. No passado tive proposta para rumar ao profissionalismo, no entanto tive de fazer escolhas e nessa altura preferi continuar com a minha formação académica.

Estou bastante desiludido com a forma como procedem os clubes nacionais, sobretudo na forma como tratam este assunto de escalões. Alguns preferem ser eles mesmos a formar os seus próprios talentos do que ir ao mercado buscar os que já estão formados, como é o meu caso.

Sonho um dia poder jogar na equipa A Politécnica, que tem uma boa base de formação. Lamento o facto de aqui na Matola não termos clubes e ver o basquetebol profissional a degradar-se ainda mais."



Willfred Nhabanga, 21 anos de idade

"Entrei para esta academia, diga-se de passagem, com apenas 10 anos. Na altura existia aqui o Desportivo da Matola. Porém, devo dizer que independentemente dessa confusão entre clube e um grupo recreativo, formei-me cá, neste pavilhão.

Tive passagens pelas equipas juvenis do Desportivo de Maputo para além de ter representando a Escola Secundária da Matola, na qualidade de capitão, na primeira edição do Basquet Show. Representei igualmente a província de Maputo nos Jogos Desportivos Escolares Nacionais de 2011.

Cheguei a vestir a camisola do Ferroviário de Maputo na qualidade de júnior, contudo fui obrigado a abandonar o basquetebol federado em 2008 por motivos académicos. Não penso em voltar ao basquetebol federado, prefiro jogar aqui ao lado dos meus amigos e ensinar o que sei aos que me seguem."



Ricardo Lourenço, 16 anos

"Cheguei aqui há sensivelmente sete anos. Naquela altura estava-se a organizar um torneio de mini-básquete entre bairros e fui chamado a representar o bairro de 700, que treinava aqui. Já jogava basquetebol na Escola Secundária da Matola e em 2011 fui chamado a representar a província de Maputo nos Jogos Desportivos Escolares.

Fui para o Ferroviário de Maputo onde hoje alinho na equipa juvenil. Porém, é aqui na Matola que gostaria de jogar se houver clubes e rodagem de competições.

Aqui continuarei a jogar porque sinto que, apesar de não ser um clube, adquiro mais habilidades."



Alcídio Maússe, 32 anos

"Comecei a jogar aqui quando tinha apenas 11 anos e com um grupo de amigos. Na altura sonhávamos em ser grandes estrelas, daquelas que víamos pela televisão. Aos 13 anos rumei ao Maxaquene onde militei nas fileiras dos iniciados até chegar aos juniores. Parei de jogar quando chegou a vez de entrar para a faculdade embora nunca tenha deixado de praticar a modalidade, aqui na Escola Industrial.

Quando terminei a faculdade não podia voltar ao basquete federado devido ao trabalho e consolei-me vindo para aqui. Fundámos, a dada altura, uma espécie de clube que participava em torneios. Faliu mas logo a seguir constituímos o Matolinhas, que existe até hoje.

Aqui por mais que sejamos um só grupo, constituído por amantes do basquetebol, existem três tipos de atletas, nomeadamente: os que precisam de clubes, os que por vários motivos abandonaram o basquetebol federado e os reformados, como é o meu caso. E sempre foi assim.

Há dias em que jogadores profissionais e de clubes já firmados como o Maxaquene e o Ferroviário de Maputo, sobretudo no fim-de-semana, aparecem para se divertir connosco. E com os meus 32 anos devo dizer que isto é uma verdadeira escola de basquetebol."

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre @Verdade perto de si
www.verdade.co.mz



**VIVE UMA
VIDA LITE
BEBE CASTLE LITE**

LOOK GOOD. FEEL GOOD.

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

5 perguntas para 2013

2012 foi um ano difícil e 2013 não promete melhorias. Face a esse cenário, @ Verdade seleccionou cinco perguntas essenciais para este ano, designadamente:

1 - SERÁ QUE 2013 É O ANO EM QUE OS RESULTADOS DÓS ENCONTROS DO MINISTRO DA CULTURA, ARMANDO ARTUR JOÃO, COM OS ARTISTAS IRÃO MELHORAR A CONDIÇÃO DOS PRIMEIROS?

Nos últimos anos o Governo moçambicano, através do Ministério da Cultura, tem-se empenhado na realização de campanhas de concertação com diversos actores culturais – no contexto das actividades desenvolvidas nos vários ramos da actividade cultural – a fim de melhorar a precária situação em que se encontra a maior parte dos da Pátria Amada.

2 - SERÁ QUE, É DESTA VEZ, QUE OS OPERADORES CULTURAIS, INCLUINDO OS MECENAS, COM DESTAQUE PARA AS EMPRESAS PÚBLICAS, IRÃO REDUZIR – OU PARAR UM POUCO – DE FINANCIAR MAIS, COM AVULTADAS SOMAS MONETÁRIAS, AOS ARTISTAS ESTRANGEIROS EM DETERIMENTO DOS MOÇAMBICANOS?

A par das referidas acções, por si protagonizadas, a equipa do ministro da Cultura, Armando Artur João, conseguiu intuir-se de (quase) todos os problemas – mormente a inexistência de uma lei aplicada para regular e disciplinar o negócio dos espetáculos e divertimentos públicos; a miserabilidade dos cachês auferidos pelos músicos, sempre que realizam concertos, resultado da situação da desregulamentação (ou da não aplicação das leis existentes) do sector, numa situação em que os cantores estrangeiros auferem valores monetários, múltiplas vezes, elevados em detrimento dos nacionais num país em que a pobreza ainda é considerada extrema; a existência de agentes culturais que produzem e comercializam trabalhos discográficos contrafeitos, enriquecendo-se assim, de maneira ilegal, na base do génio dos fazedores de arte, entre outras situações – que obstante o desenvolvimento social da classe dos artistas.

3 - SERÁ É NESTE ANO QUE OS VÁRIOS INSPECTORES DAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS – COM DESTAQUE PARA OS ESPECIALISTAS DO SECTOR DA CULTURA – IRÃO INSPECCIONAR A APLICAÇÃO DO REGULAMENTO DE ESPECTÁCULOS E DIVERTIMENTOS PÚBLICOS EM TODO O PAÍS, GARANTIDO O SEU FUNCIONAMENTO NORMAL?

Em parte, reconheça-se, foi com base neste programa de comunicação com os diversos actores culturais – uma prática cultural que o Ministério da Cultura mantém até à actualidade – que foi possível conduzir todos os mecanismos para a (re) elaboração de um Regulamento de Espectáculos e Divertimentos Públicos, mais complexo e inclusivo, cuja implementação começou no ano passado.

4 - SERÁ QUE O ESTADO MOÇAMBICANO IRÁ, A PARTIR DESTE ANO, MELHORAR O FINANCIAMENTO DE PROJETOS CULTURAIS NO PAÍS?

Por causa do ceticismo que existe – supostamente manifesto pelo sector que distribui o orçamento do Estado, pelos ministérios – em relação ao contributo das actividades culturais, no país, para a economia nacional, o que faz com que a parte do dinheiro direcionado aos sectores da cultura seja muito reduzido (0,00003% do valor total), uma situação de que o ministro Armando Artur se tem queixado constantemente, o seu pelouro da Cultura – em parceria com o Instituto Nacional de Estatística – está a esmerar-se, de há alguns tempos para cá, na criação de uma informação estatística sobre o impacto económico no país, como forma gerar um novo argumento que sustente as suas exigências.

Em harmonia com o desiderado de melhorar a qualidade de vida de todos os artistas, nos finais de Dezembro passado, mais uma vez, o ministro da cultura realizou um encontro com os artistas com o objectivo de discutir alguns mecanismos para a elaboração do perfil de uma instituição de financiamento à cultura em moldes comerciais.

5 - SERÁ QUE É DESTA VEZ QUE A PIRATARIA IRÁ ACABAR – OU NO MÍNIMO SER REDUZIDA – OU OS ARTISTAS MOÇAMBICANOS CONTINUARÃO RELEGADOS AO DESEMPREGO PRECOCE, BEM COMO A UM CONTÍNUO DESRESPEITO BRUTAL?

Questiona-se, novamente, será que novo ano, no nosso país, o principal protagonista de concertos musicais – no sentido de ser quem aufera os melhores cachês, sem investir em nada em Moçambique que beneficie a comunidade local – continuará a ser o artista estrangeiro?

Plateia

Reflex

Bigodão: um músico por acaso!

Messias Carlos Canchela, ou simplesmente Reflex Bigodão, como a sua legião de fãs o trata, na província de Nampula, nasceu para a música ao acaso. Depois de superar as vaidades dos cidadãos descrentes em relação ao seu talento na arte de cantar, presentemente, esta personagem enfrenta o desafio de ter de ser artista numa cidade em que o músico local é vítima de todo o tipo de desrespeito.

Texto & Foto: Redacção/Sérgio Fernando

Dos seus 28 anos de idade, cerca de 10 foram dedicados à música. No entanto, só nos últimos quatro anos da sua carreira artística, durante os quais teve de enfrentar muitos obstáculos, é que o músico nampulense começou a colher os frutos da sua relação com a música.

A popularidade das suas músicas, sobretudo nas regiões rurais daquela parcela do país, conduziu os seus admiradores a chamá-lo artística e carinhosamente de Reflex Bigodão. Não obstante, a enérgica paixão que possui em relação ao teatro e à dança, ao que tudo indica, é na música que Bigodão “encontra o buraco para a sua agulha”.

Desengane-se, então, quem pensa que a ligação deste artista à música tem sido, desde sempre, bem-sucedida. “Na altura, sofri muitas críticas por parte de algumas pessoas que não acreditavam no nascimento do músico Reflex. Os companheiros que estiveram a aprender comigo começaram a imitar o estilo de música que eu fazia depois de se terem apercebido de que eu estava a ganhar alguma popularidade”, refere o cantor sem deixar de citar a sua fonte de inspiração e motivação, o seu mestre Rei Costa (já falecido) cuja casa lhe servia de espaço para realizar os primeiros ensaios.

Entretanto, apesar de, actualmente, Moçambique ser chamado de “País do Pandza”, Reflex Bigodão revela que não canta Rap, Dzukuta, muito menos Pandza. Ele explora um tipo de música que se chama Tofia que – além de ser uma extensão da dança tradicional Tufo, bastante praticada em Nampula – está a ser alastrada para outras províncias do norte do país. Aliás, de acordo com o artista, existe um outro tipo de dança, Purty, recentemente criada em Nampula.



Refira-se, então, que nos seus primeiros seis anos de envolvimento com a música – altura em que, mesmo sem cachê, actuava por amor à camisola, como forma de se autopromover – Reflex Bigodão trabalhou com músicos mais experientes como Charifo Victor Salimo, a quem considera o seu instrutor, a par dos seus companheiros de jornada 3C Chocolate, Faia, Mr. Ama, Professor Lay, Marcelo Am Too, incluindo o falecido Nelson Americano. Personalidades como, por exemplo, os radialistas Docles José, Octávio Fonseca, Victor Máquina e Abdul Cadre – que, imediatamente, acreditaram no seu talento – foram os principais promotores do seu trabalho.

A dura experiência de viver da música

Entretanto, apesar das dificuldades que se devem superar para se viver como músico, a paixão que Bigodão nutre por esta arte é a razão que o move a investir parte dos lucros do seu negócio informal (ele é vendedor ambulante do bairro de Namicopo, algures na cidade de Nampula). A verdade é que, de acordo com Reflex, em Nampula – como em qualquer parte do país – é muito difícil viver com base nos rendimentos da actividade musical. Trata-se de uma realidade agravada pela prática de contrafação de objectos artísticos, com enfoque para os discográficos, cuja produção é essencialmente proveniente de operadores “piratas” os quais, por essa razão, não garantem nenhuma qualidade do trabalho que faz.

Para fundamentar o seu ponto de vista, Reflex refere que a precária condição em que artistas talentosos como Puto Litos, Tony e a cantora Gilara é disso um caso ilustrativo. Nas palavras de Bigodão, músicos, como ele, sentem-se lesados pela atitude dos donos dos estúdios de gravação musical. Ou seja, “não se justifica que uma pessoa que se dedica à venda de discos gravados nos bairros esteja a construir residências com material convencional e a melhorar a sua condição social, numa situação em que o artista – a fonte da criação – não ganha nenhuma visibilidade do trabalho que faz”.

Precariedade dos cachês

Quando o assunto é a actuação do músico local – sobretudo, entre os emergentes e jovens – em Nampula, os promotores de espetáculos musicais, incluindo os cantores, manifestam um total desconhecimento, que fundamenta a não aplicação do Regulamento de Espectáculos e Divertimentos Públicos aprovado, no ano passado, pelo Governo.

Invariavelmente, em Nampula, os artistas locais não estabelecem nenhum tipo de contrato na sua relação laboral com os promotores de espetáculos. É em resultado disso que eles recebem o cachê depois de realizarem o concerto em função da demanda pública ao evento. O imbróglio – nessa conexão de trabalho – cria-se a partir do momento em que determinados promotores de eventos culturais se comportam de forma desonesta para com os músicos. No fim das realizações, eles não pagam os valores combinados, alegando a fraca adesão aos concertos.

O pior é que para Bigodão – apesar de se saber de que a Associação dos Músicos Moçambicanos possui delegações provinciais, em todo o país – em Nampula, não há nenhuma entidade oficial que luta pela defesa dos interesses da classe. O impacto disso é uma realidade lamentável que se pode perceber nas palavras de Reflex. “Nesta região não temos alguém para defender os direitos do autor de modo que a pirataria seja combatida”.

Arte e(m) moda de qualquer jeito!

Na terceira edição das Ocupações Temporárias – decorrida no mês passado, em Maputo – a designer moçambicana, Sandra Muendane, migrou da moda para as artes, acabando por criar e ampliar a sua esfera de ação e de representação, além de comprovar que a ideia de que “outra moda é possível” se impôs, no seu próprio país, como uma “Estrangeira” a ter em conta...

Texto & Foto: Texto: Inocêncio Albino

Há bastante tempo que Sandra Muendane trabalha com a moda. Pelo menos, sob o ponto de vista profissional, decorreram sete anos. Ela formou-se na área de designer de moda em 2005 em Lisboa. No ano passado, altura em que a cidade de Maputo foi, mais uma vez, palco do movimento anual de artes contemporâneas Ocupações Temporárias, não resistiu à ideia de ampliar o seu espaço de ação e de representação da sua produção, participando no evento.

Como corolário da iniciativa em alusão surge a ideia de apresentar aos usuários de um dos mais dinâmicos e estrangeiros espaços que a capital moçambicana possui – o Aeroporto Internacional de Maputo – uma túnica, gigantesca, a qual chama “outra moda é possível”. Se a designer não confundiu o nosso sentido de arte, no mínimo, induziu-nos a pensar nela e na falta que ela – ainda que raras vezes tenhamos consciência disso – nos faz.

Seja como for, carentes ou não de arte, conscientes ou não desta necessidade, a verdade é que – durante os dias que se implantou nas instalações do aeroporto da capital moçambicana – o monstro “outra moda é possível” incomodou os cidadãos que por lá se fizeram presentes.

Ao longo das duas horas que o nosso repórter sociocultural permaneceu no local em que a obra se encontra, foi possível acompanhar o espanto, os sorrisos contidos no rosto de algumas pessoas, o não saber o que fazer diante daquela obra imponente, ou mesmo, na pior das hipóteses, o recorrer à arte para disciplinar – mesmo que a intenção não fosse necessariamente essa – as mais irrequietas crianças que, com os pais, se fazem ao Aeroporto Internacional de Maputo.

Dante da obra, por indução do mote desta edição das Ocupações Temporárias, Estrangeiros, é quase impossível não pensar no dito conceito como também nas implicações que dali derivam. Uma pessoa, em dado lugar, pode ser conotada como estrangeira a partir do seu porte físico, do seu vestuário, da sua carapinha, do modo de falar, de pensar, do seu olhar, das coisas que porta – muito em particular quando se encontra num estabelecimento aeroportuário – e tais qualidades mesclam-se na “outra moda é possível” que se diz ser obra de arte, impelindo-nos a pensar nas relações entre Moçambique e a República Sul-Africana.

A um nível ideológico encontram-se contidas, em si, mensagens sobre uma pretensa necessidade do progresso, as contínuas migrações das pessoas pelo mundo, as complicações que se vivem nas fronteiras, a busca



pelo refúgio por parte dos expatriados – filhos que abandonam os seus países em resultado de conflitos bélicos –, as incertezas que açoitam pessoas desta natureza. Esta é a interpretação que fizemos, durante o tempo em que nos sentimos em uníssono com aquela peça. Ou seja, quando seguimos os seus ritmos internos com o meio exterior, até que a sua criadora nos revelou que a marioneta – que nos recordava a ideia dos homens em movimento – foi simplesmente utilizada como suporte para que a “outra moda é possível”, neste caso, a túnica criada por uma técnica de Patchwork – que se traduz na ligação de tecidos – ganhasse uma forma vertical.

É irrecusável que sendo designer de moda de formação, actuando nesse sector, Sandra Muendane – esta mulher que evolui com uma forte consciência de oportunidade – sempre participou em desfiles de moda, incluindo actividades que envolvem a produção de roupas para o pronto-a-vestir, vivendo, desse modo, trancada no seu atelier preocupada em parir e vender pecinhas de roupa. Entretanto, diz-nos ela que, a grande novidade, é que “quando tive a possibilidade de participar nas Ocupações Temporárias constatei que podia ser uma boa experiência na perspectiva de que – como se refere no mote da minha obra “outra moda é possível” – eu podia abordar a moda de outras formas diferentes das tradicionais. Desta vez, como uma obra de arte procurando transmitir mensagens e comunicar-me com as pessoas, incluindo expressar a mim mesma em interacção com os outros. Basta que se tenha em mente que a linguagem patente na criação não é pessoal, abrange uma sociedade inteira. Tresspassa uma relação de estilo e moda, essa experiência de ir e vir com modelos”.

Seja como for, designer de moda ou não, nem Sandra Muendane – que com “outra moda é possível” vasculha as possibilidades de ser e estar nas artes – nos consegue convencer de que os indícios dos Paper bags, estes sacos contendo farinha Top Score, aparecem nesta obra simplesmente por/para se tornarem engraçados num país altamente dependente da África do Sul onde o produto é fabricado. Aliás, a respeito do consumo de produtos importados – ainda que Sandra Muendane exalte as boas relações que se desenvolvem entre ambos os países – não sente muito agrado no facto de Moçambique continuar a sujeitar-se à África do Sul ou ao exterior.

“Eu acho que se desenvolveu uma relação de amizade, em que as fronteiras – entre os nossos países – estão abertas para a circulação de pessoas como de produtos. Mas, infelizmente, penso que quem mais demanda maior partido disso, porque os produtos não são gerados no nosso país, são os nacionais de onde os bens têm origem. Ou seja, seria muito melhor se os bens de que necessitamos fossem produzidos no nosso país, onde também existem (quase) todos os factores de trabalho e de produção. Não sei o que nos falta para revertermos este cenários”, afirma.

Por exemplo, antigamente, na altura em que a empresa TEXLOM estava operacional, a capulana era produzida em Moçambique. Agora, “temos matéria-prima para o efeito, mas faltam-nos infra-estruturas. Essa é a parte que não é muito agradável. De qualquer forma, penso que a miscigenação faz parte da criação de uma identidade cultural de uma nação, de uma sociedade, e penso que isso é sempre benéfico”.

Isto é

Inocêncio Albino

Será que vão inventar o Trezembro?

Não posso lamentar em relação às coisas que não foram feitas neste ano decadente. Elas não eram para acontecer neste período moribundo. Tanto é que nem posso deplorar a *moribundice* desse ano *vasquejante*. A minha maior pena é deste meu corpo que se ufana por ser vivente, quando a minha alma, a minha espiritualidade e a minha fé se corrompem na incerteza da indefinição dos 365 tempos desse futuro-parvo-passante.

Conturbado, olho para os tempos que se esmeram para chegar. Os mesmos que agitam os meus contemporâneos. Vejo os seus corpos desnudos, despidos não somente de qualquer trapo feito de algodão, cetim, sisal, linho ou outro tipo de vestes – porque para isso, neste festival de nudismo, ninguém se lembra de vestuário – mas da fé, da espiritualidade, de alguma crença e, imediatamente, interrogo-me.

2013, seu egoísta, porque é que me enganas? Que futuro tens tu para me dar? E haverá futuro – como diria Eugénio de Andrade – com tantos mísseis apontados ao coração? Será que em ti, o *bonzismo* que se enfebre nestes dias do Natal, por parte de alguns seres humanos, será uma postura habitual durante o seu regime?

Será que em 2013, os homens – os mesmos que se desnudaram dos trapos de algodão, de cetim, sisal e de outros tipos de tangas, ou de abrigo-para-vergonha – se irão desfazer de guerras, dos ciúmes, da inveja, do desamor, da infidelidade, da antipatia, da hipocrisia, da falta de solidariedade, da mediocridade, do vale-a-pena-ter-do-que-ser, do medo, da estupidez, da promoção da insegurança alimentar, da produção de conflitos bélicos, da promoção do negócio da guerra e da corrupção que povoam os seus corações?

Enquanto estas perguntas inundam a minha semiose (digo, a minha mente) antes de tu, 2013, esboçares quaisquer respostas para a mim dares – imediatamente recordo-me de que, em certa ocasião, coloquei questões similares a personalidades como o 2012, o 2011 e o 2010 e – lembro-me novamente dos seus comentários animadores, não obstante, para mim, lamentáveis de se ouvir: “Feliz ano novo e votos de muita prosperidade!”

Nesses tempos, na confusão desses tempos, palavras de ordem, discursos constructos – como, por exemplo, feliz Natal, festas felizes, feliz ano novo, votos de prosperidade no ano que vem – povoam os supermercados da minha cidade. Inundam os cabazes que as mãos de alguns corpos desprovidos de alma, órfãos de fé, de espiritualidade e carentes de um tal de metical, se esmeram a obrar, para venderem. Mas ninguém compra porque as mãos do meu povo, os moçambicanos, não somente são carentes, mas também são órfãs do tal metical por causa do emprego, do trabalho, do salário que faltam.

Agora diz-me tu, 2013. Em ti, durante o teu reinado, o teu regime, será que o meu povo não terá falta da cesta básica? Será que os filhos do meu país terão acesso a um ensino de qualidade? Será os nossos hospitais serão espaços, por excelência, da recuperação da saúde física do motor, dessa mão-de-obra, que é o ser humano? Será que as igrejas serão, em 2013, verdadeiros centros do fortalecimento da fé e da infusão do temor divino, como no princípio da humanidade foi o apanágio da religião?

Será que as academias continuarão, em 2013, a ser o pólo do desenvolvimento técnico-científico, ou os cientistas – no seu temor à morte – inventarão um 13º mês no calendário, a fim de que haja a efeméride 13 de Trezembro de 2013, infundindo assim mensagens sobre um eventual fim do mundo como, habitualmente, se tem feito?

E se os cientistas, efectivamente, inventarem o Trezembro, isto é, o 13º mês do ano, e por essa via, alargarem para 395 os dias do ano – agitarem o cosmos (como têm estado a fazer até então) – a condição humana irá melhorar? Diz-me, então, 2013. O que será de nós, as pessoas, quando realmente, em menos de 24 horas que nos separam de ti, aportarmos nessa grande aventura do tempo que és tu?

Será que em 2013 nós, os homens, continuaremos a prostituir-nos, a sofrer, a guerrear, a *criminar*, a (des)empregarmo-nos, a (des)nutrirmo-nos, experimentando as mais extravagantes crises de insegurança alimentar, ou do aquecimento global? Será que a SIDA continuará a ceifar vidas humanas ou até lá teremos descoberto e distribuído o fármaco pelos enfermos?

Que novidades nos trazes tu? Será que tudo isto irá acabar para (re)começar de novo sob orientação de um outro – novo e melhor – sistema de governação, desta vez, cristalino e diferente deste poluido e poluidor? E qual é a tua expectativa em relação ao espaço em que te irás implantar dentro de instantes?

Tempo, sinto-me um louco a discutir contigo. Percebo que tens uma dupla personalidade. Talvez sejas um gémeo, não sei explicar. A verdade é que o tempo é covarde e corajoso ao mesmo tempo. Por isso, nem as minhas questões conseguem responder de imediato, no entanto se impõe de forma imperial.

Agora, em todas as minhas incertezas – que se confundem com verdadeiras anomalias –, nenhuma terapia se me oferece além de deixar esse meu corpo decadente experimentar as idiossincrasias desse ano começante para que no final, no dia do julgamento final, eu também possa falar da minha experiência em relação ao tempo.

*Escrito no dia 31 de Dezembro de 2012

“Não acredito naquela mãe que vai deixar de realizar os seus sonhos por causa do filho!”

A primeira pedagoga musical moçambicana, formada no Brasil, Sónia André, é uma mulher de causas.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Ouri Pota

Jovem, solteira, com uma criança de apenas seis meses de idade nas costas (trumando para um país alheio, Brasil, a fim de estudar Ensino de Artes), em 2007, Sónia André experimentou as intempéries de ser mãe e marinheira de primeira viagem. Foi duro, não dá para duvidar, mas, nos dias que correm, talvez, esta pedagoga na área da música seja um exemplo para milhares de moçambicanas. “Não quero acreditar naquela mãe que vai deixar de realizar os seus sonhos por causa do filho!”, começa por dizer ao mesmo tempo que se prepara para argumentar o seu ponto de vista.

O facto é que as vicissitudes vividas por Sónia André, esta mulher que “abandonou” o país alguns meses depois de ter sido mãe, são uma extensão daquilo que a filha, Thandy da Conceição, irá contar sobre a sua infância no futuro.

Em Moçambique, estudou no Instituto Superior Politécnico e Universitário (ISPU). No Brasil, nos cursos de pós-graduação, formou-se na área de Ensino de Artes na Universidade Federal de Alagoas, onde está prestes a terminar o seu mestrado em Educação Musical. No entanto, como é óbvio, a sua experiência de mulher impele-nos a preterir uma abordagem da personagem – como uma protagonista válida e, talvez agora, perita nos tópicos das metodologias do ensino da música – de modo que ela não passe despercebida em nenhum lugar.

Em certo sentido, ao sujeitar a filha a viajar para um destino quase incerto, obrigá-la a permanecer na universidade – e, em certo grau, participar nas aulas, o que poderia ter gerado nela um impacto indeterminado – Sónia André sacrificou a sua filha. Se ela fosse questionada em relação a esse episódio, sem titubear, André reconheceria que de facto pensou em todos os riscos implicados, “por isso não aconselho a nenhuma mulher – mesmo que seja em Moçambique – a levar um filho recém-nascido para o estrangeiro. Mas também não quero acreditar naquela mãe que vai deixar de realizar os seus sonhos por causa de um filho”, reitera.

A esta mulher, Sónia André – que desenvolve os seus projectos com maior probabilidade de erro, porém sem medo de errar – não faltam argumentos. “Tive de colocar isso na balança, como forma de avaliar onde é que me seria oneroso, porque se eu deixasse de seguir a minha formação e abdicasse de seguir o meu sonho – que possui impacto na vida da minha filha – acredito que seria como se estivesse a jogar a minha frustração na criança. Por essa razão, tive de balançar e arcar com as consequências que pudessem advir”.

Um espaço de tolerância à diversidade

Imediatamente, assim que chegou ao Brasil, Sónia André – considerada pelos brasileiros a negona, o mesmo que mulher negra, vindia de África – foi disputada pelos



seus colegas brasileiros. “Penso que me dei bem porque considerei que aquela forma de tratamento podia ser artística, sob pena de me frustrar. Ria, brincava e cantava a nossa Marrabenta”, recorda-se ao mesmo tempo que acrescenta que “talvez, essa fosse uma forma de não me lembrar das minhas origens, Moçambique, da minha badjia, do meu chipfunye sempre que eu sentisse saudades”.

A verdade, porém, é que a implantação de Sónia André no Brasil – ao nível da UFAL, onde no Departamento das Artes era a única africana, negra, ida de Moçambique – aconteceu rapidamente, tanto que “no dia em que eu faltasse, os meus colegas e os meus professores telefonavam-me para saber onde eu me encontrava, ou se algo de errado estaria a acontecer comigo. Fiquei maravilhada quando me apercebi de que, afinal de contas, fazia falta naquele contexto. Uma falta, mas não no sentido académico, mas no espaço da amizade, de respeito à diversidade sociocultural, de interacção, de tolerância sexual, religiosa e até racial. Isso foi fundamental para que eu pudesse estar imersa naquilo que era o horizonte do pensar brasileiro”.

Inspirada na mulher moçambicana

Para fazer face à necessidade de ir à escola, assim que encontrou um apartamento naquele país latino-americano, Sónia André contratou uma empregada

doméstica para cuidar da filha. No entanto, “sempre que voltaava da escola, a minha filha só me exibia uma cara de um cachorro faminto. No outro dia, devido à má actuação da empregada, a menina queimou a bunda de tal sorte que, até agora, ela tem uma cicatriz – a qual chamo de carimbo do Brasil – de que me vou lembrar por toda a minha vida. A partir daí dispensei a empregada e passei a levar a criança comigo para a academia”, refere.

A partir daí, Sónia André, que era uma estudante que possuía a experiência da vivência da mulher moçambicana – entendida como aquela que, diariamente, acorda de manhã, muito cedo, com a sua criança nas costas, e rumo ao mercado para comprar produtos de diversa natureza; aquela que, todos os dias, desperta as quatro da matina e vai à machamba, com as suas crianças, porque não possui alguém com quem ela possa deixar –, diferente da intelectual, com uma vida bem estruturada, entendeu que não podia resignar.

O que se pretende explicar, de acordo com Sónia, é que “a mulher que se encontra nos mercados informais do nosso país para – debaixo de um sol escaldante – fazer negócio, e manter a família firme, é um grande exemplo. Eu tinha que fazer o mesmo trajecto, porque o que sucedeu é que apenas se havia mudado o cenário, mas a realidade era quase a mesma, a luta da mulher pela sobrevivência”.

Logo, Sónia André despertou para o facto de que à semelhança daquela mulher moçambicana que se não fosse adquirir produtos para vender não podia sustentar a sua família, ela, também, se não se sacrificasse para estudar não se teria formado.

Elevar a qualidade do ensino

Em resultado da nossa experiência de contacto com Sónia André, interessa-nos ressaltar a forma ténue como ela pensa e aborda a cultura de maneira simplista, o que se pode constatar com base no “Projecto Cantando e Brincando Aprende-se” – por si idealizado e obrado, o qual em Moçambique será implementado nos próximos tempos – como forma de melhorar a qualidade do ensino musical nas escolas nacionais.

Nesta iniciativa, “o ponto central é que, para mim, não sómente na música – mas em todo o processo do ensino e aprendizagem – se não se souber brincar, a pessoa não evolui”, considera a pedagoga musical ao mesmo tempo que esclarece que “não se trata de ser um brincalhão e fazer da brincadeira uma prática fútil, mas de uma brincadeira que me leve a uma reflexão, a uma construção de ideias, de identidade e de uma maneira de ser e estar na sociedade de modo aceitável”.

Um artista que arruína as ruínas!

Numa altura em que os seus municípios vivem o pico de uma crise, a revolta dos médicos que – caso não seja bem gerida pelo Governo moçambicano – pode gerar impactos nefastos, a cidade de Maputo revela-se uma verdadeira caixa de surpresas. Num dos seus espaços de turismo cultural, a Feira de Artesanato, Flores e Gastronomia (FEIMA), encontrámos George Hwariva, o homem que “arruína as ruínas”...

Texto: Redacção/Delfina Cupensar • Foto: Miguel Manguez

Enquanto não surgir outra personagem a reivindicar o título, George Hwariva é o pioneiro do fabrico de objectos de arte – mormente os utensílios e brinquedos para crianças como, por exemplo, carrinhos – que se conhece no país. A sua relação com o artesanato possui mais de metade da sua idade, 41 anos. Ou seja, começou a trabalhar com o arame quando tinha 12 anos de idade, até que aos 16 anos começou a revelar alguma maturidade no referido ofício.

Como artesão, George Hwariva é uma pessoa que “arruína as ruínas” por excelência. Basta que se tenha em mente que para a materialização do seu trabalho, o homem recolhe a maior parte do material metálico – como, por exemplo, os arames, as latas de diversa natureza, incluindo cápsulas de garrafas – que aplica como matéria-prima. Em certo sentido, está-se diante de uma acção pró-ambiente.

Um moçambicano nascido no Zimbábwé

George Hwariva é casado e possui uma filha de 10 anos de idade com quem reside no distrito de Marracuene. Ele é originário do Zimbábwé, mas os seus pais são naturais da província de Tete. O facto de ele não ter nascido em Tete deveu-se à migração dos pais, no passado, para aquele país vizinho à procura de melhores condições de vida. Hwariva reside em Moçambique desde o ano 2002. “Sinto que esta terra me pertence, as minhas raízes estão aqui, por isso vim. Os meus pais sempre me advertiram sobre a pertinência de voltar às minhas origens. Ou seja, apesar de ter nascido em Zimbábwé, sou totalmente moçambicano”, reitera.

Diante de Hwariva é quase impossível não captar a paixão que o seu rosto traduz sempre que se refere ao trabalho que faz. O artesão recorda-se nos seguintes termos: “Comecei a trabalhar com o arame numa brinadeira que consistia no fabrico de carrinhos, a partir dos meus 12 anos de idade. Aos 16 anos já exercia a função com alguma consistência”. Neste contexto, George, que foi estimulado pela existência de pessoas – na comunidade em que vivia – que exploravam a mesma arte, nunca mais parou de trabalhar o arame naqueles moldes.

Satisfação além do dinheiro

Refira-se, então, que entre 1993 e 1996, este artesão estudou mecânica na República da África do Sul. Entretanto, apesar de reconhecer que “com os sul-africanos aprendi muito”, para si, aquele não era o seu campo de acção. Na FEIMA, concretamente no seu stand comercial, é possível visualizar uma série de objectos de arte de diversa natureza e formato. A sua imaginação criativa é a fonte da sua produção.

Como tal, o mais importante na sua acção, de acordo com as suas palavras, não são necessariamente os resultados financeiros do negócio. É por essa razão que explica que, para si, “o dinheiro não é o mais importante, mas sim o meu trabalho, o seu produto final, incluindo o gosto que as pessoas nutrem pelo mesmo. Penso que quem sai a ganhar, na minha produção, é o cliente”.

Por isso, “para mim, é muito emocionante saber que há



pessoas que apreciam o meu trabalho. O que me deixa mais comovido é a possibilidade de gerar um estilo artístico – a partir das minhas obras artesanais – que está a ter repercussões positivas nas pessoas. Por exemplo, há pessoas que aprendem de mim o mesmo ofício”.

Em resultado do facto de, neste momento, a arte gerada por meio do arame e do material reciclável em franca evolução, George Hwariva, o seu suposto pioneiro, pensa em construir um atelier onde se possa fazer a sua exposição, incluindo uma agremiação para a defesa dos interesses dos profissionais daquele sector. É a par disso que o artesão considera, em jeito de argumento, que neste momento esta forma de arte está votada a uma espécie de marginalização no espaço social.

Divulgada música inédita de Jimi Hendrix

O primeiro single do álbum ‘People, Hell and Angels’, que será lançado a 5 de Março, já está disponível na Internet. A música ‘Somewhere’ foi divulgada pela revista ‘Rolling Stone’ e disponibilizada no YouTube, confira em http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=G-THhwh5mNI#t=0s

As 12 canções do novo disco foram gravadas entre 1968 e 1969. O consagrado guitarrista estava a experimentar, na altura, novas sonoridades para o álbum gravado nos seus últimos meses de vida, *First Rays Of The New Rising Sun* (1970). Fãs do rock ‘n’ roll estão ansiosos para esse lançamento póstumo.

SPA recusa acordo devido às posições do Brasil e de Angola

A Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) anunciou no início da semana que não vai adoptar as regras do novo Acordo Ortográfico devido às posições do Brasil e de Angola sobre esta matéria.

De acordo com um comunicado do Conselho de Administração da SPA, a entidade afirma que vai “continuar a utilizar a norma ortográfica antiga nos documentos e comunicação escrita com o exterior”.

A entidade sustenta que “este assunto não foi convenientemente resolvido e encontra-se longe de estar esclarecido, sobretudo depois do Brasil ter adiado para 2016 uma decisão final sobre o Acordo Ortográfico, e de Angola ter assumido publicamente uma posição contra a entrada em vigor” das novas regras.

As novas regras entrariam em vigor no Brasil a 01 de Janeiro de 2013, mas, no final de Dezembro de 2012, o Governo brasileiro adiou a aplicação obrigatória do novo Acordo Ortográfico para 01 de Janeiro de 2016.

A iniciativa do adiamento surgiu após um pedido de parlamentares da Comissão de Educação do Senado, que ouviram, numa audiência pública, as críticas de destacados linguistas brasileiros às novas regras.

Perante estas posições daqueles países, a SPA considera que “não faz sentido dar como consensualizada a nova norma ortográfica, quando o Brasil, o maior país do espaço lusófono, e Angola, tomaram posições em diferente sentido”.

MATOLA SHINING NIGHT LOUNGE

Apresenta

Dj GERSON
Tropical
Night 2013

AS 22H00
SEX: 11/01/13
DJ JR. - DJ LAS MOTOR
DJ NO GRACIOSA

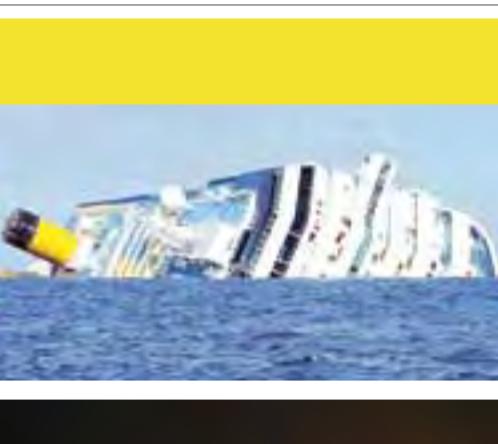
LADIES DRESSED CODE FREE ATÉ 23H

ANTIGO MACHAMPLANE TERMINAL DE MALHAMPSENE

Publicidade

Segunda a Sábado 20h35 **LADO A LADO**

Albertinho expulsa Elias e Olavo do campo de futebol. Diva desmaia durante a encenação da peça, e Luciano a ajuda. Edgar fica furioso ao saber que Laranjeiras atacou Laura. Celinha fica indignada com Alice ao perceber que a sobrinha gosta da ideia de ser cortejada por Gustavo. Edgar agride Laranjeiras. Sandra fica irritada com Praxedes, diante da recusa do pai de agir contra Laranjeiras. Edgar tenta convencer Bonifácio a abrir o capital da fábrica. Isabel explica a Jurema sobre a matéria que Laura fará sobre a cultura do seu povo, e pede à tia segredo sobre a identidade de Paulo Lima. Edgar decide escrever uma matéria sobre a agressão às mulheres no trabalho. Carlota conta a Cons-

Domingo 13, 20h50 **Concordia: Um ano depois**

Às 21h45 de sexta-feira, dia 13 de janeiro de 2012, o navio de cruzeiro Costa Concordia, com mais de quatro mil passageiros a bordo, embateu numa rocha que fez um rasgo de 70 metros no seu casco. O navio virou-se ao largo da ilha de Giglio, Itália, matando 32 pessoas. Os sobreviventes compararam o aciden-

te ao afundamento do Titanic. Um ano depois, para assinalar o primeiro aniversário da tragédia, este documentário apresenta novas provas, imagens inéditas, testemunhos de peritos e animações feitas por computador de modo a explorar a verdadeira história do pior desastre marítimo da história recente.

Domingo 13, 21h40 **Costa Concordia**

As suas câmaras de video deveriam ter captado umas férias de luxo. Em vez disso, as imagens que recolheram contam a história de uma tragédia sem precedentes. Neste documentário, recorremos às gravações feitas pelos passageiros para retratarmos da forma mais completa possível o que se passou a bordo do Costa Concordia. Desde o entusias-

mo antes de zarparem, até aos momentos de pânico no momento do embate e o alívio do resgate, esta foi a forma como as pessoas reagiram a este acidente invulgar. As imagens presentes no documentário foram captadas em Itália na noite em que o Costa Concordia se afundou, e podemos ainda assistir a entrevistas, testemunhos e narração de peritos.

Domingo 13, 22h30 **Negócio de Armas:**
Família em Guerra

Tanques, metralhadoras, canhões e pistolas antigas em abundância! No primeiro episódio desta série documental ficamos a par da luta de Crammer para chegar ao fim do mês no impiedoso mundo das an-

tiguidades militares. Alex, o filho, tenta levar o negócio a bom porto enquanto Christian, o pai, está mais interessado em gastar o dinheiro da empresa na sua coleção pessoal de pistolas.

Domingo 13, 23h18 **Negócio de Armas**
Pólio, Câmara, Ação

Christian e Alex gostam de armas - mas de formas diferentes. Christian quer ficar com armas antigas valiosas para si, e Alex quer vendê-las. Neste episódio, Alex ignora por completo os desejos do seu pai e vende um

revólver Confederate de valor incalculável e faz um negócio de 250 mil dólares com um tanque. Mas depressa tem que assumir um papel mais secundário quando descobrem que a IMA tinha sido burlada.

Segunda a Sábado 21h35 **GUERRA DOS SEXOS**

Charlô não se conforma de ter perdido a corrida para Otávio. Analú ameaça contar para a avó sobre a armação de Kiko. Roberta aconselha Felipe a conversar com Juliana. Nando vai ao sítio levar mantimentos para Juliana. Isadora recebe suas malas de volta e é rude com Ulysses. Analú conta que Kiko dopou o cavalo de Otávio. Juliana acusa Nando de ter revelado seu caso com Fábio para Manoela. Otávio se vangloria por ter conseguido enganar Charlô. Nando se declara para Juliana e a beija. Charlô convence Roberta a conversar com Nando. Ronaldo tenta ser gentil com Isadora. Ulysses fala para Lucilene que não quer ficar com ela, e Frô a consola. Otávio combina seu plano com o falso empresário que enganará Roberta. Veruska fica constrangida quando Nenê percebe que sua mudança de comportamento foi orientada por Otávio. Carolina ouve Frô falar que Lucilene e Ulysses se beijaram. Zenon sur-

Segunda a Sábado 22h15 **Salve Jorge**

Russo acompanha Lucimar à casa de Helô e intimida Morena e Jéssica. Morena pensa em entregar o bilhete de Waleska. Lívia fala para Wanda que precisa tirar Helô de seu caminho. Arturo e Isaurinha imploram que Celso não faça escândalo com Antonia. Sidney filma a discussão entre o casal. Barros e Jô suspeitam que Pescoco esteja envolvido no sumiço da filha de Delzuite. Théo vê Morena entrar em uma boate e fica abalado. Rosângela grava uma conversa de Waleska sobre Morena e Jéssica. Deborah avisa a Celso sobre o vídeo divulgado na internet com a briga entre ele e Antonia. Morena pensa em contar tudo para Lucimar e afastá-la de Russo. Demir leva Zyah à loja do pretendente de Ayla. Murat sai com Salete. Rosângela ameaça Waleska. Helô marca de conversar com Mustafa e Berna. Aída flagra Nunes e Wanda no

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

O leito mais amplo do mundo foi construído por um nobre inglês, em 1580, e comprado pelo Governo britânico em 1932. Nessa cama, onde dormia e foi assassinado o rei Carlos II, cabem, à vontade, nada menos de 12 pessoas.

No fundo do porto de Alexandria, no Egito, os restos de foraminíferos, pequenos protozoários marinhos, com o andar dos tempos, formaram uma espessa camada com mais de doze metros de espessura.

O recorde mundial para o mais longo percurso feito debaixo de água (portanto sem respirar durante a prova) foi protagonizado pelo francês Mohamed Brahm, que, em 1946, conseguiu cumprir uma caminhada submarina de 118 metros, apenas em dois minutos e onze segundos.

Em 1939, o homem mais forte do mundo era o operário sueco Nils Nilson, com 1.86m de altura e 87 quilos de peso. Num espetáculo de variedades em Estocolmo, exibiu-se num número em que suportava sobre os ombros uma trave onde se colocavam dezoito baiarinas, que pesavam, ao todo, 942 quilos.

RIR É SAÚDE

– Esta faca não está limpa, Lindiwe.
– Pois devia estar, minha senhora; a última coisa que cortei com ela foi sabão!

Numa veia, dois micróbios encontram-se.
– O que tens, que estás tão pálido?
– Desvia-te do meu caminho. Tenho a impressão de que apanhei algum ataque de penicilina!

O médico:
– Então, sente-se bem com a receita que lhe dei?
– Muito bem. Só sinto o corpo muito pegajoso e cheio de formigas. O senhor doutor mandou-me tomar banhos de água doce, e a minha mulher tem deitado três ou quatro quilos de açúcar para cada banho!

Um sujeito tímido que partia do nada e em meia dúzia de anos, dedicando-se a negócios mais ou menos lícitos, amealhara uma considerável fortuna entrou certo dia num banco e perguntou se podia abrir uma conta-corrente.
– Certamente – disse o empregado, – os bancos não estão abertos para outra coisa.

– Então amanhã de manhã virei depositar alguns metacais.

De facto, na manhã seguinte, o sujeito apareceu no banco exibindo um saco de consideráveis dimensões, acompanhado da mulher.

– Aqui está o dinheiro – disse pousando o saco sobre o balcão. – São 750.000 metacais.

– Quer que contemos o dinheiro à frente de V. Exa?
– Não, não, eu tenho plena confiança nos senhores.

Alguns dias depois, o cliente é chamado ao banco, onde o director lhe diz:

– Lamento ter de lhe informar que, depois de o dinheiro ter sido contado e recontado, constatou-se que só havia no saco 745.000 metacais.

Então, o sujeito vira-se, meio zangado, para a mulher, e diz:

– Estás a ver? Bem te dizia que nos tínhamos enganado no saco!

SAIBA QUE...

O ar que respiramos é primordial para a vida, sendo mais importante que a água e o alimento. Não é possível resistirmos sem ele mais do que alguns minutos.

O leão, apesar de ser considerado o rei da selva, foge ao pressentir o chacal, seu inimigo nº 1.

As primeiras transmissões regulares de televisão foram transmitidas, em 1939, a partir do Empire State Building, em Nova Iorque

A esponja (verdadeira), quando envelhecida, rejuvenesce se for amassada num litro de água ao qual terá sido adicionado o sumo de um limão. De seguida enxagua-se com água limpa e deixa-se a secar ao sol.

Para evitar as marcas que os potes de flores deixam nas superfícies onde pousam e para impedir que o vaso possa cair na cabeça dos transeuntes, use, sob o vaso, uma rodela de borracha. Esta manterá o jarro no lugar, com mais segurança do que quando se use um simples pires.

PENSAMENTOS...

- A tolerância é, antes de mais nada, o respeito profundo pela liberdade dos outros.
- Se a vaidade não arruina completamente as virtudes, pelo menos, abate-as todas.
- A temperança e a moderação servem de passaporte para uma velhice feliz.
- A sabedoria vale mais que a força, e o homem prudente tem mais valor que o forte.
- Nascer pequeno e morrer grande é chegar a ser homem.
- A mocidade pode murchar, mas o sentimento é eterno.
- Não se é livre por estar sem cadeias, nem escravo por trazer grilhetas.
- Viva a vida hoje mesmo, porque é mais tarde do que julga.
- A inveja é a arte de alguém fazer mal a si próprio do que a outrem.
- O dinheiro é como o adubo. Se não for espalhado não traz vantagem a pessoa alguma.
- O objectivo principal da educação deveria ser transformar as qualidades naturais em actividades constantes.

Durante a epidemia de peste de 1870 alguém perguntou a Clemente.

– O senhor já tomou alguma precaução contra a epidemia?

– Certamente, – veio prontamente a resposta.

– E qual foi?

– Pedi a aos meus amigos para não se esquecerem de mim nos seus testamentos.

Num exame de química, o examinador pergunta:

– O que acontece ao ouro exposto ao ar livre?

O examinando responde:

– Roubam-no!

Cartoon



HORÓSCOPO - Previsão de 11.01 a 20.01



carneiro

21 de Março a 20 de Abril



touro

21 de Abril a 20 de Maio



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho



leão

22 de Julho a 22 de Agosto



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março



Finanças: Não se deverão verificar grandes alterações a nível financeiro. Será aconselhável que evite gastos desnecessários.

Poderá ser confrontado, para o fim da semana, com uma situação que exigirá, de si, uma atitude firme. Recomenda-se a prudência que este inicio de 2013 aconselha.

Sentimental: Não seja demasiado exigente com o seu par. Poderá ser confrontado, durante este período, com algumas questões em que se poderá sentir influência de terceiros.

Recomenda-se a prudência que este inicio de 2013 aconselha.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração. Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto e poderá ter momentos muito gratificantes.

Para os que não têm par, este será um bom período para iniciar uma relação.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração. Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Opiniões que nada têm a ver com as suas realidades sentimentais poderão criar-lhe algumas dificuldades.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração.

Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração.

Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração.

Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração.

Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração.

Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração.

Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração.

Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração.

Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração.

Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração.

Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O seu par deverá ser considerado, por si, segundo as suas próprias avaliações e nunca por palpites de terceiros.

Sentimental: Deverá ser um período caracterizado por grande atração.

Saiba tirar partido (no bom sentido) deste aspeto.

Deverá deixar-se conduzir pelo seu sexto sentido; no entanto, não faça nada de ânimo leve.

O sabor intenso
de uma cerveja
cremosa.



O aroma
envolvente
a malte torrado.



O toque macio
de um copo de
preta bem gelada.



A cerveja que
desperta os
teus sentidos.

A cor única
de uma cerveja
preta.

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.